



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

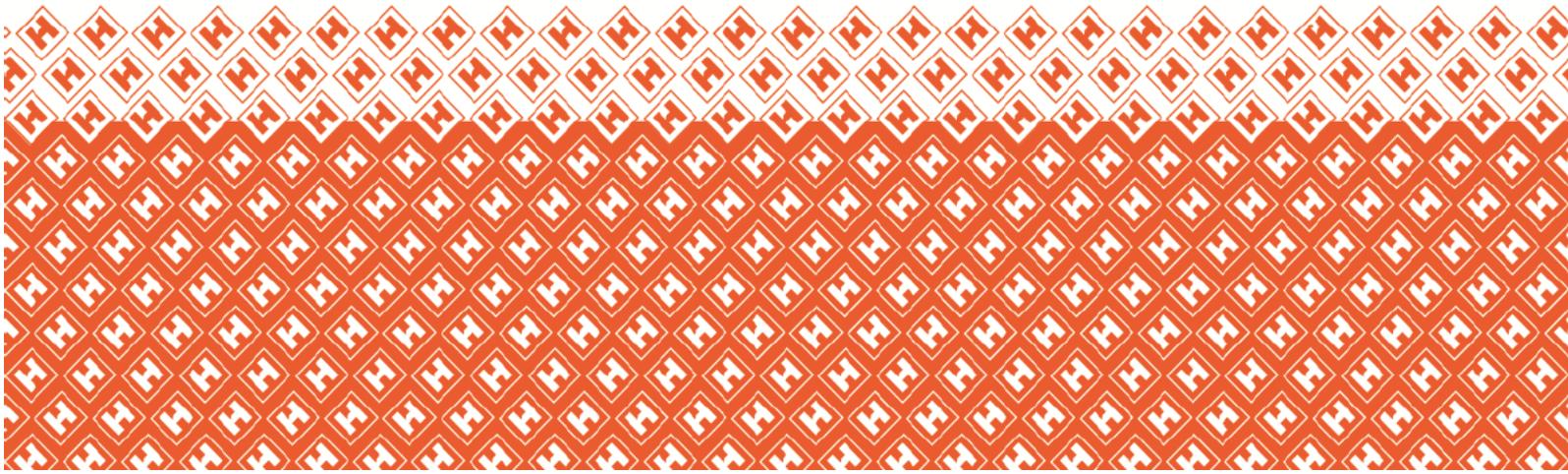
Gildete Andrade dos Santos Souza Novais

Pelas ruas de Conquista:

Toponímia e Memória para o Ensino de História na Educação Básica

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

2024



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UESB

Gildete Andrade dos Santos Souza Novais

**Pelas ruas de Conquista:
Toponímia e Memória para o Ensino de História na Educação Básica**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UESB, como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória.

Orientadora: Profa. Dra. Cleide de Lima Chaves.

**Vitória da Conquista – Bahia
2024**

N821p

Novais, Gildete Andrade dos Santos Souza.

Pelas ruas de Conquista: toponímia e memória para o ensino de história na educação básica/ Gildete Andrade dos Santos Souza Novais, 2024.

124f. il.

Orientador (a): Dr^a. Cleide de Lima Chaves.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2024.

Inclui referência F. 69 - 75

1. Ensino de história. 2. Memória e identidade. 3. História Local – Vitória da Conquista. 4. Micro- história. 5. Toponímia. I. Chaves, Cleide de Lima. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de história- ProfHistória. III. T.

CDD 907

Catálogo na fonte: Karolyne Alcântara Profeta – CRB 5/2134

Bibliotecária UESB – Campus Vitória da Conquista-BA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Gildete Andrade dos Santos Souza Novais

**Pelas ruas de Conquista: Toponímia e Memória para o Ensino de História na
Educação Básica**

**Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional em Ensino de História –
ProfHistória/UESB, como requisito
parcial e obrigatório para obtenção de
título de Mestre em Ensino de História.**

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cleide de Lima Chaves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Orientadora - UESB)

Profa. Dra. Lina Maria Brandão de Aras

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

ProfHistória – Universidade do Estado da Bahia /UNEB

Prof. Dr. Belarmino de Jesus Souza

ProfHistória – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Data da Aprovação: 03 de junho de 2024

*In Memoriam de Laura Chaves e
Carine dos Anjos*

AGRADECIMENTOS

*Ele estava lá naquela noite, quando
você pediu forças para não desistir.*

Isaias, 41:10.

Gratidão, segundo o Aurélio, é qualidade de quem é grato. Reconhecimento de uma pessoa por alguém que lhe prestou um benefício, um auxílio, um favor. Agradecimento. A palavra gratidão é derivada do latim *gratus*, que pode ser traduzido como agradecido, ou gratia, que tem o mesmo sentido das palavras graça, bênção e dádiva. Sendo assim, gratidão significa o reconhecimento das coisas boas que existem na vida.

O trabalho de pesquisa e, por conseguinte, a escrita da dissertação podem ser trabalhos muito solitários, no entanto, eu não cheguei até aqui sozinha. A cada passo que dei, nessa jornada, tive a dádiva de contar com muitas pessoas que foram meu suporte e precioso auxílio. Diante disso, gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Agradeço, antes de tudo, a Deus que me possibilitou vivenciar o meu sonho de ingressar no programa de mestrado, ouviu minhas preces e me amparou nos momentos mais difíceis dessa jornada, quando o desânimo quis me abater.

Quero agradecer a minha orientadora, Cleide de Lima Chaves, pela orientação valiosa, paciência e apoio contínuo ao longo deste processo. Seus conselhos foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Agradeço também aos membros da banca examinadora, Lina Aras e Belarmino de Jesus, por dedicarem seu tempo e expertise na análise deste trabalho e por suas contribuições construtivas.

Aos demais professores e professoras que acompanharam a turma, compartilharam seu conhecimento e contribuíram, cada um a seu modo, para a feitura desse trabalho.

Minha gratidão aos meus amigos e colegas de estudo, por compartilharem seus conhecimentos, experiências e por serem uma fonte constante de incentivo e motivação, sobretudo, a “minha panelinha” Paula, Leandra, Zé Carlos, Bonfim, Alex e Rafael. Cada um de vocês conhece a sua importância e ajuda valiosa nesses mais de dois anos de curso.

À toda a equipe do Colégio Monte Tabor, especialmente a Irmã Solange, gestora da instituição à época da minha aprovação, que atendeu prontamente ao meu pedido de flexibilizar o meu horário de aulas, para que eu pudesse conciliar minha jornada de trabalho às demandas do mestrado.

Aos meus queridos alunos e alunas, que fazem a minha profissão ter sentido, com os quais compartilho meus dias de trabalho e os sonhos de construção de uma sociedade melhor, mais justa, inclusiva e aberta à diversidade.

Aos amigos queridos Agnaldo, Flávia e Elidiana pelo apoio, pelo afeto, pelo incentivo nos momentos de cansaço e insegurança.

Não poderia deixar de citar à vizinha e amiga, Cristiane Costa, que me ajudou no início da minha vida escolar, foi meu suporte desde as primeiras letras até os anos iniciais do Ensino Fundamental, sua contribuição também me ajudou chegar até aqui.

À minha terapeuta Eduarda Bispo, que me ajudou a traçar as estratégias para enfrentar a ansiedade, o medo e a insegurança.

À minha família, minha rede de apoio, meu porto seguro, em especial o meu marido Alan Novais, companheiro de todas as horas e grande incentivador; às minhas irmãs Marly e Gilmara, minhas melhores amigas, nos entendemos no silêncio de um olhar; aos meus pais Gilberto (biólogo) e Manoel Natal (afetivo), pelos conselhos valiosos; aos meus sogros Elízia e Edízio, que me acolheram em sua casa nos momentos que precisei de silêncio para estudar; e, principalmente, as minhas mães, Maria Zélia (afetiva), Eudete (biólogica) e Laura (madrinha), pelo amor incondicional, apoio emocional e encorajamento ao longo de minha jornada acadêmica. O apoio de vocês foi fundamental para minha realização pessoal e profissional.

Aos meus amados filhos, Cecília e Heitor, quero fazer um agradecimento muito especial, vocês são a razão da minha força e coragem. Junto com esse agradecimento vem um pedido de desculpas, pela ausência nesse período, pelos os dias de *stress*, pelas várias promessas feitas e quebradas. Agora, a “mamãeina” é só de vocês novamente!

Enfim... a lista é grande, espero não ter esquecido todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, direta ou indiretamente. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho examina como a toponímia pode ser utilizada como uma ferramenta no ensino de história, permitindo aos alunos conectarem-se de forma mais significativa com o passado e compreenderem melhor as complexidades da construção da identidade coletiva. Ao explorar a toponímia em sala de aula, os educadores podem estimular o pensamento crítico, promover a reflexão sobre a relação entre nomeação de lugares e eventos históricos, problematizar o processo de criação da diversidade cultural. Para isso, analisou-se os conceitos de entre toponímia, memória, identidade e como eles podem contribuir para o Ensino de História. A toponímia, como o estudo dos nomes de lugares, desempenha um papel na preservação da memória coletiva e na construção da identidade de uma sociedade e, através da análise dos nomes geográficos, podemos desvendar aspectos históricos, sociais e culturais de uma cidade. A análise das fontes será amparada nos postulados teóricos metodológicos da Micro-história, na medida em que nos interessa uma observação em escala reduzida dos fatos históricos e a ênfase ao estudo dos personagens que, por certo, não passariam de vultos anônimos e figuras despercebidas na multidão. O percurso da investigação deve dar conta, também, de situações e realidades mais específicas. Por meio da microanálise, é possível focar a lente e acompanhar de perto diversas trajetórias naquilo que elas têm de singular e de plural, sendo possível, às vezes, descobertas que não seriam com outros métodos. O presente estudo destaca a importância de integrar a toponímia no currículo escolar como uma abordagem inovadora para o ensino de história, enriquecendo assim a experiência educacional dos alunos. Propusemos, como dimensão pedagógica, uma aula de campo a partir da simulação de uma sessão na Câmara de Vereadores da cidade, com a criação e votação de um projeto de lei que nomeou um espaço na escola em que trabalho, o que resultou em um importante exercício de aula histórica para a comunidade escolar.

Palavras-chave: Ensino de História, Memória e Identidade, História Local, Micro-história, Toponímia, Vitória da Conquista.

ABSTRACT

This work examines how toponymy can be used as a tool in history education, allowing students to connect more meaningfully with the past and better understand the complexities of collective identity construction. By exploring toponymy in the classroom, educators can stimulate critical thinking, promote reflection on the relationship between place names and historical events, and problematize the process of cultural diversity creation. To do this, the concepts of among toponymy, memory, identity, and how they can contribute to history teaching were analyzed. Toponymy, as the study of place names, plays a role in preserving collective memory and constructing the identity of a society, and through the analysis of geographic names, we can uncover historical, social, and cultural aspects of a city. The analysis of sources will be supported by the theoretical methodological postulates of Micro-history, insofar as we are interested in an observation on a reduced scale of historical facts and emphasis on the study of characters who, surely, would not surpass anonymous figures and unnoticed in the crowd. The research journey must also account for more specific situations and realities. Through micro-analysis, it is possible to focus the lens and closely follow various trajectories in what they have that is singular and plural, sometimes leading to discoveries that would not be made with other methods. This study highlights the importance of integrating toponymy into the school curriculum as an innovative approach to history teaching, thus enriching students' educational experience. We proposed, as a pedagogical dimension, a field trip based on the simulation of a session in the City Council of the city, with the creation and voting of a bill that named a space in the school where I work, resulting in an important historical lesson exercise for the school community.

Keywords: History Teaching, Memory and Identity, Local History, Micro history Toponymy, Vitória da Conquista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MEMÓRIA, IDENTIDADE, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA	16
2.1	MEMÓRIA E IDENTIDADE	16
2.2	ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	21
2.3	PELAS RUAS DA CIDADE: A TOPONÍMIA DE VITÓRIA DA CONQUISTA	25
2.4	DA NATUREZA LEGISLATIVA DO ATO DE NOMEAR	38
3	HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA ...	42
4	CAMINHOS PEDAGÓGICOS – DIMENSÃO PROPOSITIVA.....	47
4.1	ESCOLAS CONFSSIONAIS – COLÉGIO MONTE TABOR	56
4.2	APRENDENDO E ENSINANDO COM PROJETOS - PEDAGOGIA DE PROJETOS	59
4.3	PROJETO DIDÁTICO PEDAGÓGICO – AS RUAS DA MINHA CIDADE CONTAM HISTÓRIA.....	63
4.4	DISCUTINDO SOBRE MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA, MEMÓRIA E IDENTIDADE	70
4.5	LEVANTAMENTO TOPONÍMICO DAS RUAS DO BAIRRO CENTRO E DO ENTORNO DO COLÉGIO MONTE TABOR.....	72
4.6	CONHECENDO O TRABALHO LEGISLATIVO – SESSÃO SIMULADA NA CÂMARA DE VEREADORES	72
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS.....	88
	ANEXO I – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	92
	APÊNDICE	93

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação intitulada “Pelas ruas da cidade: Toponímia e Memória para o Ensino de História na Educação Básica”, se insere na linha de pesquisa do ProfHistória “Saberes históricos em diferentes espaços de memória”.

A jornada que culminou no presente trabalho foi cheia de desafios, trocas e descobertas. Foi desafiador, sobretudo, conciliar as demandas do programa ao trabalho em sala de aula, visto que é uma exigência do Programa que estejamos em pleno exercício das funções pedagógicas para pleitear uma de suas vagas. Outro desafio foi voltar à academia dez anos após a conclusão do curso de História.

Após a conclusão da graduação, em julho de 2012, me especializei em Ensino de História e Geografia, no final de 2013. Sempre foi minha intenção conciliar as atividades acadêmicas com o trabalho em sala de aula, no entanto, com o passar do tempo manter as duas atividades foi se tornando cada vez mais difícil e acabei por me afastar da academia, das discussões teóricas e metodológicas desenvolvidas na mesma. Obviamente, não me afastei dos estudos e da vontade de me aperfeiçoar cada vez mais na prática diária como educadora de História e defensora de uma Educação Básica de qualidade, significativa e inclusiva.

Leciono há quase treze anos, ao longo desse período trabalhei em algumas escolas públicas do município de Vitória da Conquista e do Estado da Bahia e há mais de dez anos trabalho em uma instituição privada. Cada uma das instituições de ensino pelas quais passei me apresentou inúmeras trocas com os colegas de profissão e inúmeros desafios, os principais são a precarização da educação por parte dos gestores, a falta de interesse dos alunos e a pressão dos pais que, em sua maioria, delegam ao professor funções que não lhe cabe no cuidado com seus filhos.

É também uma luta constante para nos afirmarmos enquanto profissionais e afastar a visão romantizada que muitos têm a respeito da educação, até mesmo alguns profissionais da área, que acreditam no exercício da função como uma missão, um sacerdócio, um dom dado por Deus ou algo feito exclusivamente por amor. Não é possível se manter na Educação apenas com boa vontade ou afinidade com a profissão.

Estar em sala de aula exige estudo, planejamento, repensar nossas práticas diariamente e estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem significativa, respeitosa e inclusiva com alunos e, por que não, colocar afeto? Também cabe nessa relação afeto,

amor, acolhimento, contudo, no ambiente escolar a relação professor-aluno não pode ser pautada apenas em sentimento e/ou passionalidade.

O Mestrado Profissional em Ensino de História pressupõe e incentiva que o professor-pesquisador volte um olhar atento para a realidade de sua comunidade escolar e produza sua pesquisa a partir do cotidiano em seu espaço de atuação. O objetivo do programa é proporcionar formação continuada que contribua para a melhoria da qualidade do exercício da docência em História na Educação Básica, pressupõe, ainda, a diminuição da distância entre a academia e a Educação básica. Segundo Oliveira e Freitas,

o diálogo que se estabelece nas universidades há de ser compreendido entre dois profissionais. Se assim não for, podemos correr o risco de esta pós-graduação ser encarada restritamente como curso de atualização historiográfica e, embora ela também possa ser assim compreendida, desejamos outra relação entre os sujeitos que dialogam. Se assim ocorrer, contribuirá para desnaturalizar a forma hierarquizada como a academia olha para a sala de aula da educação básica. Para isso, faz-se necessário que os professores universitários construam situações tanto em sala de aula quanto nos espaços de orientação para que os saberes elaborados pelos colegas da educação básica e no espaço da escola sejam efetivamente interpretados como um conjunto de conhecimentos diferenciados, destinados a públicos e objetivos outros e que requerem compreensão das suas especificidades e tratamento equânime sem os estereótipos. (Oliveira, Freitas, 2022, p.46)

Para alcançar tais objetivos, é necessário não apenas realizar pesquisa e desenvolver um trabalho dissertativo com base nela, mas também criar um produto educacional capaz de enfrentar as dificuldades diárias da sala de aula e propor soluções práticas que possam ajudar o nosso fazer diário e o de outros colegas de profissão.

A ideia inicial era fazer o levantamento toponímico das ruas do município, estabelecer a motivação toponímica e qual a correspondência desses nomes com a memória coletiva. Tínhamos a intenção de abordar questões de gênero e sociais envolvidas no ato de nomear e almejava, ainda, identificar os nomes anteriores desses logradouros.

Durante a Banca de Qualificação, as observações feitas foram cruciais para o desenvolvimento da pesquisa e optamos por fazer o levantamento toponímico das ruas do centro da cidade, primeiro núcleo urbano do município, e de algumas ruas que ficam no entorno do Colégio Monte Tabor, instituição na qual a solução mediadora de

aprendizagem foi aplicada, analisando a motivação para nomeação de tais lugares e estabelecendo a relação deles com a memória local e o ensino de História.

O ponto de partida para a elaboração deste trabalho foi uma pesquisa exploratória voltada para a historiografia da cidade, abrangendo a narrativa histórica sobre o município, assim como as memórias preservadas. Ao longo dos últimos anos, observou-se um notável aumento no estudo da história de Vitória da Conquista, especialmente impulsionado pela crescente produção acadêmica embasada em métodos científicos críticos. Isso contrasta com o período até o início da década de 1990, no qual os principais trabalhos publicados sobre o município eram predominantemente escritos por memorialistas. Estes, por sua vez, caracterizaram-se pela "crença acrítica nas experiências e nos relatos e a ausência de trato crítico das fontes, constituindo-se em obras onde mitos e fatos históricos se confundem" (Mota, 2019).

As produções memorialísticas específicas sobre o processo de conquista do Sertão da Ressaca, incluem as obras de Aníbal Viana e Mozart Tanajura. A *Revista Histórica de Conquista*, publicada por Aníbal Viana em 1982, destaca-se como uma obra abrangente, abordando uma variedade de temas que vão desde a conquista do Sertão da Ressaca até a fundação do Arraial da Conquista. Viana dedicou extensas páginas às personalidades que ele considerou de maior destaque na história do município.

Mozart Tanajura, por sua vez, reconstruiu a genealogia das principais famílias de Vitória da Conquista em seu livro *História de Conquista: crônica de uma cidade*, que também explora aspectos geográficos, demográficos, econômicos, culturais e sociais. Assim como “outros memorialistas, Tanajura justifica sua obra pela necessidade de preservar a história conquistense”, especialmente considerando as deficiências de produção acadêmica sobre a história do município na época de sua publicação, em 1992. As melhores pesquisas, do ponto de vista científico, eram as de Ruy Medeiros publicadas no jornal *Fifó*.

A partir dos anos 2000, a produção acadêmica sobre a história do município se intensificou consideravelmente. Em 2001, Maria Aparecida Silva Souza publicou a obra *A Conquista do Sertão da Ressaca: Povoamento e Posse da Terra no Interior da Bahia*. Nesta obra, a autora reconstrói os caminhos percorridos pelos conquistadores, desvendando uma intrincada rede de relações, interesses e conflitos. Ela aborda os embates com os povos originários, bem como as bases para o desenvolvimento da região e a formação da Vila Imperial da Vitória.

Isnara Pereira Ivo examina a configuração do poder local, o mandonismo, e as dinâmicas estruturais e conflitos familiares na Conquista, utilizando como base o estudo da Tragédia do Tamanduá. A autora analisa a influência e o controle exercido por líderes e políticos locais, destacando sua capacidade desproporcional de influências e controle de recursos na região. Esses líderes desempenharam um papel dominante em diversas esferas da vida local, exercendo influência significativa sobre a comunidade e seus recursos.

Belarmino de Jesus Souza debruçou-se no âmbito da política e das relações de poder. Em sua dissertação de mestrado, concentrou-se na análise do cenário político de Vitória da Conquista durante a Primeira República, abrangendo o período de 1889 a 1930. No doutorado, dirigiu sua pesquisa para os governos de José Pedral, explorando desde sua primeira eleição até o termo, com ênfase na ditadura empresarial militar e suas repercussões em Vitória da Conquista.

Como foi citado anteriormente, a produção historiográfica sobre o município e a região vem se intensificando e novos temas serão cada vez mais explorados, sobretudo, pelas pesquisas que estão sendo desenvolvidas nos programas de pós-graduação oferecidos pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como é o caso do ProfHistória.

A segunda parte do processo exploratório se concentrou na pesquisa e leitura sobre as produções historiográficas sobre a temática: o que já havia sido pesquisado e produzido sobre Toponímia e Memória, em especial, dentro do banco de dados do ProfHistória. No entanto, não foi encontrado nenhum trabalho que fizesse uso da toponímia com a abordagem de discutir a relevância dos homenageados e dos esquecimentos em Vitória da Conquista, porém alguns trabalhos foram de grande valia, a saber, os artigos: “*Toponímia, história e memória: nomes das ruas do bairro Centro da cidade de Santa Maria/RS*”, das professoras Tatiana Keller e Rosaura Leão (2020); “*Toponímia e Memória: nomes e lembranças na cidade*”, de autoria de Carmen Maria Faggion e Bruno Misturini (2014); “*Sentidos políticos da toponímia urbana: ruas com nomes de mortos e desaparecidos políticos da ditadura militar brasileira*”, do professor Dr. Reginaldo Benedito Dias (2012) e as dissertações: “*Os caminhos da fé em Jesuítas: identidade e memórias de ontem e de hoje*”, da Ms. Franciele Siqueira Miotto (2018) e “*Entre o Arcajo e as Matas: os caminhos de São Miguel das Matas como ferramenta para o ensino de História*”, de autoria da professora Ms. Luciana Bispo da Rosa (2022).

A pesquisa consiste em uma discussão sobre toponímia, memória e Ensino de História, bem como propor formas de abordagem didático-pedagógicas sobre a História Local na Educação Básica.

Para tanto, a base teórica foi auferida em textos de Maria Vicentina de Souza Dick (1990) e Zara Souza Vieira (2012), referentes à toponímia; Lowenthal (1998), Pollak (1989) e Revel (1998), no que diz respeito à memória; sobre a relação entre a motivação toponímica e o discurso, faremos referência a Faggion e Misturini (2014).

A Toponímia é o estudo do topônimo ou nome de lugar, é um dos ramos da Onomástica, campo das ciências lexicais ocupado do estudo do nome próprio, do qual também faz parte a Antroponímia que é o estudo do nome pessoal. Esses nomes muitas vezes têm significados históricos, culturais, linguísticos ou geográficos associados a eles. Os toponímicos são parte integrante da identidade de um lugar, refletindo a história, a cultura e a língua da região. Como assinala a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, maior expoente nos estudos toponímicos no Brasil, os “topônimos são também vínculo de ideologias e, como tal, permeiam ou dirigem a memória, as vivências e o imaginário do grupo social que os utiliza” (Dick, 1990).

A análise das fontes será amparada nos postulados teóricos metodológicos da Micro-história, na medida em que nos interessa uma observação em escala reduzida dos fatos históricos e a ênfase ao estudo dos personagens que, por certo, não passariam de vultos anônimos e figuras despercebidas na multidão. O percurso da investigação deve dar conta, também, de situações e realidades mais específicas. Por meio da microanálise, é possível focar a lente e acompanhar de perto diversas trajetórias naquilo que elas têm de singular e de plural, sendo possível, às vezes, descobertas que não seriam com outros métodos.

A micro-história é uma abordagem historiográfica que se concentra em eventos, comunidades ou indivíduos específicos em vez de analisar grandes períodos de tempo ou movimentos históricos amplos. Essa abordagem busca extrair significado e compreensão de pequenas escalas, sem perder de vista e estabelecer conexões com a totalidade histórica.

Um exemplo clássico de micro-história é o livro "O Queijo e os Vermes", de Carlo Ginzburg, que explora a vida de um moleiro italiano do século XVI chamado Menocchio. Ginzburg examina as religiões heterodoxas de Menocchio e como ele foi julgado pela Inquisição. Essa história individual é usada para lançar luz sobre a cultura popular, as crenças religiosas e as relações sociais da época. Dessa forma, destaca a importância de

olhar para além das narrativas dominantes e explorar as histórias individuais e locais para obter uma compreensão mais completa e complexa do passado. Essa abordagem permite que os historiadores descubram as complexidades e nuances das experiências humanas em diferentes contextos históricos.

A toponímia, como disciplina, transcende a atribuição de nomes a lugares, mesmo fazendo parte da Linguística, essa área do saber é essencialmente interdisciplinar e conecta-se com disciplinas diversas, entre as quais a História, a Sociologia e a Antropologia. Ela é um reflexo intrincado da memória coletiva e da identidade de uma comunidade. Nesta dissertação, temos como objetivo essa interconexão entre toponímia, memória e identidade, mergulhando nas camadas históricas e culturais que moldam os nomes de lugares e revelam as narrativas subjacentes. Busca também estabelecer sua relação com o Ensino de História e a História Local e buscar possibilidades de desenvolver práticas que possam contribuir para a educação pela cidade.

O primeiro capítulo (seção 2), intitulado Memória, Identidade, Educação Patrimonial e Ensino de História, consiste em uma discussão entre toponímia, memória e identidade, a fim compreender qual a relação entre o ato de nomear ruas e outros espaços públicos e a construção da memória oficial, da memória coletiva, da memória esquecida bem como apontar as possibilidades de trabalhar esses conceitos no Ensino de História na Educação Básica.

O capítulo dois (seção 3), História e Memória da cidade de Vitória Da Conquista, apresenta o município e o que se conta sobre ele pelos memorialistas e nas pesquisas acadêmicas. Nessa seção também será discutido a motivação toponímica e o ato de nomear ruas como ato indicador de poder.

O último capítulo (seção 4), Caminhos Pedagógicos – Dimensão Propositiva, apresenta o meu caminhar como docente na luta por uma educação significativa e inclusiva. Apresenta o desenvolvimento da solução mediadora de aprendizagem, descreve as atividades propostas e os resultados alcançados com as mesmas.

Ao examinar como os nomes geográficos são escolhidos, preservados e reinterpretados ao longo do tempo, podemos desvendar não apenas a história de um local, mas também os valores, crenças e experiências compartilhadas pelos que o habitam...

2 MEMÓRIA, IDENTIDADE, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA

“Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca...”
Eric Hobsbawm

2.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE

O presente capítulo consiste em uma discussão entre toponímia, memória e identidade, a fim de compreender qual a relação entre o ato de nomear ruas e outros espaços públicos e a construção da memória oficial, da memória coletiva, da memória esquecida bem como apontar as possibilidades de trabalhar esses conceitos no Ensino de História na Educação Básica.

Os procedimentos metodológicos realizados para o alcance dos objetivos desse trabalho foram os seguintes. Primeiramente, reunimos o que já havia sido publicado sobre o tema, ao passo que buscávamos entender os conceitos ligados à memória, esquecimento, identidade e a toponímia – o ato de nomear, atividade inerente ao ser humano -, que foram essenciais para a compreensão do nosso tema de estudo, a motivação toponímica nas ruas conquistenses como tema para o Ensino de História na Educação Básica.

Durante o levantamento bibliográfico, pudemos perceber que os estudos sobre a Toponímia do município de Vitória da Conquista são muito incipientes. Diante disso, nos concentramos na busca por pesquisas afins, nesse trabalho de busca encontramos algumas pesquisas que foram de grande importância para desenvolvimento da pesquisa, sobretudo, o trabalho de Luciana Bispo da Rosa (2022), “Entre o arcanjo e as matas: os caminhos de São Miguel das Matas como ferramenta para o ensino de história”, oriundo do ProfHistória.

A memória é o tecido sobre o qual a tapeçaria da história é construída. No contexto do Ensino de História, a memória desempenha papel crucial na formação de identidades individuais e coletivas, bem como na preservação da diversidade cultural e na compreensão da formação da nossa sociedade. No entanto, a relação entre Memória e Ensino de História é complexa e multifacetada. Em muitos casos, uma memória pode ser

influenciada por interesses políticos, culturais e individuais, criando distorções na representação do passado. Portanto, é responsabilidade dos educadores da disciplina História não apenas transmitir fatos, dados e eventos, mas também estimular uma compreensão crítica da memória coletiva.

As cidades são assinaladas por marcas que as identificam, que as diferenciam das outras a partir de seus costumes, memórias, culturas, narrativas, imagens, contradições, tensões e carências. Através de vários dispositivos, a cidade faz circular práticas e representações que atualizam suas histórias, suas memórias. Uma cidade tem muitas formas de ser representada. Essas representações são construídas e reconstruídas ao longo do tempo. Alguns elementos, como o que se afirma sobre suas origens, acontecimento fundador, lideranças, dados, nomes e fatos podem permanecer inalterados, ressignificados, contestados ou repensados. Nesse processo, também, se atualizam os esquecimentos, pois as cidades também marginalizam, excluem, inviabilizam histórias e memórias. (Souza, 2022, p. 42)

A memória oficial e a memória coletiva de um povo se distinguem, pois a primeira é, normalmente, moldada pelos interesses políticos e de grupos dominantes que apagam ou silenciam acontecimentos vivenciados pelos grupos oprimidos. Michel Pollak (1989), em sua reflexão sobre Memória, esquecimento e silêncio evidencia que existe uma dicotomia entre memória oficial e memória coletiva. Ele afirma que a memória coletiva “fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais”, distinguindo grupos humanos entre si. Nesse sentido, “podemos compreender a memória coletiva como parte fundamental da construção da identidade de um povo. Porém, nem tudo o que aconteceu merece (ou necessita) ser lembrado” (Faggion e Misturini, 2014).

[...] mas, a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva, aquelas que melhor permitem compreender uma luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (Le Goff, 1990, p. 469 – 470)

Eliminar ou silenciar a memória coletiva apresenta consequências preocupantes, visto que a narração construída e passada geração após geração, cria a ideia de que a

história de determinada região, como é o caso do município de Vitória da Conquista, estaria atrelada apenas a participação do colonizador, do “desbravador” da região ou aos chamados pioneiros. Isso significa que algumas representações e ideologias ocupam uma posição central, enquanto outras são excluídas ou marginalizadas.

Essa memória “proibida” e, portanto, “clandestina” ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica (Pollak, 1989, p. 5).

O autor diz, ainda, que

a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa [...] uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (Pollak, 1989, p. 8).

Em Vitória da Conquista, assim como na maior parte do território brasileiro, é comum notarmos a ausência de topônimos com representação indígena ou africana. Os nomes escolhidos para tais homenagens são personagens com relevância dentro de um determinado grupo, normalmente o dominante, que por sua vez mereceu ser lembrado.

Estas escolhas de memória não se dão de forma aleatória, são mecanismos definidos justamente para ressaltar e fazer lembrar quem prestou serviços considerados relevantes pelo grupo, seja este uma cidade, um estado, um país ou mesmo uma organização multinacional. Esta estratégia de criar lembranças acerca de questões específicas, é uma manifestação bastante clara desta construção da identidade. São escolhas deliberadas, tomadas com o objetivo de procurar esquecer o que desagrade e de recordar aquilo de que se orgulha (Sérvulo, 2020, p.20).

A memória é essencial para a formação da identidade, é por meio dela que criamos os laços que nos ligam a comunidade se “estabelecem os elos de pertencimento a um determinado grupo” (Sérvulo, 2020).

Segundo Miotto (2018), a memória está relacionada à construção de identidades, quando se apoia não apenas nas vivências e valores individuais, mas também em símbolos, imagens, locais, entre outros elementos compartilhados entre os grupos sociais.

É válido ainda destacar os processos de construção das identidades ao longo do tempo, o que ocorre por meio das memórias e das práticas sociais, tais elementos podem ser abordados no ensino de História, uma vez que memória e identidade devem ser vistos como conceitos relevantes para a formação de uma consciência crítica por parte dos educandos, para que esses possam se ver, ao mesmo tempo, como parte e fruto do processo histórico e, ainda, que possam reivindicar a necessidade de preservação dos documentos – materiais ou não – que trazem experiências de vivências que fundamentam o modo de vida das pessoas de determinada localidade ou região (Miotto, 2018).

A memória parece ser um fenômeno individual, algo íntimo. No entanto, estudos desenvolvidos no início do século XX, sobretudo, nos estudos de Maurice Halbwachs (1992), a memória passou a ser entendida como um fenômeno coletivo e social. A memória não é isolada em cada pessoa, pois a mesma pode ter comunicação com outras memórias individuais, portanto, é um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Para Halbwachs (1992), cada pessoa está mergulhada ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos e para evocar seu passado tem necessidade de apelar às lembranças dos outros membros destes vários grupos. É a memória comum que demarca e mantém a identidade do grupo.

A memória está diretamente ligada à nossa identidade, pois nossas experiências passadas moldam quem somos no presente. Sem dúvida, a memória e a identidade desempenham um papel fundamental no ensino de história. Ao compreender as diferentes memórias e identidades de grupos sociais, é possível promover uma educação histórica mais inclusiva e diversificada. O estudo da História se torna mais significativo quando incorporamos as perspectivas de diferentes grupos e reconhecemos a importância da memória coletiva na formação da identidade de uma sociedade. Vitória da Conquista, a exemplo de outras cidades do país, segundo Souza (2022), “apresenta uma história de hierarquia condicionada pela raça, classe e gênero. A realidade das periferias urbanas, [...] passa por mecanismos que lhes conferem invisibilidade”.

As identidades presentes na sociedade contemporânea são fragmentadas, com a possibilidade de haver múltiplas identidades simultaneamente, frutos da influência de diversos grupos de convívio do sujeito, sejam eles religiosos, políticos ou familiares. Dessa forma, vale destacar que as identidades são constituídas junto a uma classe ou grupo social, a um determinado coletivo, de modo que não se trata de percepção individual da pertença, mas de produção de sentidos juntos à sociedade, sendo que a visão que temos do passado é muitas vezes reconstituída com ênfase no presente (Halbwachs, 2006). O que se tem como representação de memória de um povo se identifica com o grupo que domina o poder. Tais grupos escolhem quais símbolos querem ou não preservar, fazendo com que, dessa maneira, a pessoa crie uma identidade. (Miotto, 2018, p. 32)

Como tais elementos podem ser abordados no Ensino de História? Como conceitos como memória e identidade podem colaborar para formação de uma consciência crítica nos educandos?

Os conceitos de memória e identidade desempenham papéis fundamentais na formação de uma consciência crítica nos educandos, principalmente porque fornecem uma base sólida para a compreensão do mundo e das relações sociais. Esses conceitos quando problematizados de maneira significativa, interativa e inclusiva podem colaborar para a formação de uma consciência crítica.

A memória permite que os educandos compreendam a história e o contexto social nos quais estão inseridos. Ao entenderem sua própria história e a história de outros grupos, eles podem desenvolver uma perspectiva crítica sobre questões sociais e políticas, é o que podemos chamar de conexão com a história e o contexto social.

A consciência da memória e da identidade permite aos educandos analisar criticamente as narrativas dominantes presentes na mídia, na política e na cultura popular. Eles podem questionar quem controla essas narrativas, quais histórias estão sendo contadas e quais estão sendo omitidas, ajudando a desenvolver um pensamento crítico em relação à manipulação da informação e ao poder simbólico.

Ao explorar memórias e identidades marginalizadas ou subalternas, os educandos podem desafiar narrativas hegemônicas e reconhecer a diversidade de experiências dentro de uma sociedade. Isso contribui para uma consciência crítica que valoriza a pluralidade e a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva. Em resumo, os conceitos de memória e identidade fornecem uma base crucial para a formação de uma consciência crítica nos

educandos, capacitando-os a questionar, refletir e agir de maneira informada e ética no mundo.

2.2 ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Estar em sala de aula não é tarefa fácil, lecionar em qualquer área de conhecimento é desafiador, contudo, algumas disciplinas se tornam especialmente difíceis. A História, como componente curricular, se encaixa nessa condição. Os alunos, ainda que tenham alguma afinidade com a disciplina, a consideram distante e sem aplicabilidade prática no seu cotidiano. Isso reflete como a Educação é tratada de forma mecanicista e apenas um meio para formar mão de obra e/ou criar situações que condenam qualquer proposta de pensamento crítico, quando deveria estar pautada na formação de um cidadão participativo e capaz de refletir sobre a realidade que o cerca.

Existem perguntas que sempre acompanham os professores de História: Para que ensinar história? Para que aprender história? Qual a importância dos eventos passados para a nossa vida presente? No entanto, nós, enquanto professores de história, não devemos encarar tais questionamentos como empecilho para o nosso trabalho, mas como uma oportunidade de ressignificar o debate sobre a importância da disciplina de história além do conteúdo. Segundo Oliveira e Freitas (2022), “rechaçar essas perguntas (seja das crianças, seja dos graduandos, seja da sociedade) é negar a importância do diálogo e afirmar que, diferente de todos os outros aspectos da nossa e das outras sociedades, as motivações para as atividades de ensino e aprendizagem da história se justificariam por si mesmos”.

Durante muito tempo o ensino de história esteve fadado a um tripé inviolável, que consistia em planejar aulas com base em data, personagem e fato. Tal postura aponta para a carência de formas de abordagens metodológicas que proporcionem uma maior interação do aluno na aula, bem como a ação reflexiva do mesmo.

Assim, o objetivo é fazer com que o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História. Que o aluno possa entender que a apropriação do conhecimento é uma atividade em que se retorna ao próprio processo de elaboração do conhecimento (Schmidt, 2012, p. 59).

Nos últimos anos foram incontáveis os avanços da ciência histórica, velhos temas vêm sendo revisitados e novos temas de estudo incorporaram abordagens inovadoras, os vários enfoques metodológicos revelaram fatos até então desconhecidos do nosso passado. O século XX foi marcado pela busca de novos temas, a exemplo da História das Mulheres, das crianças, da religiosidade, bem como uso de fontes diversas de pesquisa.

Essas mudanças também alcançaram a Educação Básica dando-lhe novas perspectivas e possibilitando a introdução de novas metodologias em sala de aula.

Ao longo dos anos, a História tem sido utilizada na sociedade brasileira como uma das disciplinas fundamentais no processo de formação de identidade da nação. No entanto, o ensino de História deve cumprir com o papel de problematizar essa formação para os alunos. Nessa perspectiva, os professores devem auxiliar o aluno a descobrir e investigar, através da pesquisa, como foi construída as identidades historicamente, sejam elas locais, regionais e/ou nacionais.

Segundo Schmidt (2012, p. 57),

o professor de história pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas.

No entanto, mesmo com todos os esforços do professor, a relação dos alunos com a disciplina é difícil, existe uma dificuldade do aluno em materializar o conhecimento, pois eles buscam decorar o assunto para o dia da prova. Sendo assim, a contextualização fica difícil para aqueles que não conseguem interpretar, encaram a História como o estudo do passado, como estudo de algo ultrapassado,

[...] trata-se de gerações que vivem o presenteísmo de forma intensa, sem perceber liames com o passado e que possuem vagas perspectivas em relação ao futuro pelas necessidades impostas pela sociedade de consumo que transforma tudo, incluindo o saber escolar, em mercadoria. A História oferecida para as novas gerações é a do espetáculo, pelos filmes, propagandas, novelas, desfiles carnavalescos [...]. (Bittencourt, 2001 p. 14)

O professor tem exercido, em sala de aula, diversas funções e mesmo assim a profissão é desvalorizada, as condições de trabalho dependem do contexto no qual está inserido. O docente enfrenta as mais variadas dificuldades, desde a falta de estrutura escolar até a falta de incentivos governamentais. Muitos alunos vão para a escola somente para aliviar as tensões e esquecer os problemas vividos em casa, eles não conseguem ver que “a escola não é apenas um espaço onde se transmite informações”, onde se faz novos amigos ou apenas para namorar, “mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa” (Schmidt, 2004, p. 57).

Mesmo com todas essas dificuldades, é dever do educador proporcionar a seus alunos uma formação onde eles se tornem sujeitos no processo de aprendizagem, de construção do seu conhecimento, a fim de entender a realidade que os cerca e seus fenômenos. Nesse sentido, defendemos que a História é capaz de nos ajudar a perceber, entender e explicar o mundo à nossa volta. Para isso é necessário estudar as várias relações do cotidiano com os vários acontecimentos em nosso processo histórico.

A divisão do conhecimento escolar em disciplina é decorrência da forma de pensar o conhecimento em geral produzido pela ciência moderna de que para melhor conhecer-se é preciso dividir e classificar. Mas nas escolas, a divisão de disciplinas impede que os alunos e professores entendam a totalidade do processo educacional, uma vez que as partes são estudadas de forma desconexa e descontextualizadas.

O pensamento pós-moderno propõe uma nova forma de produzir conhecimento, de forma mais abrangente e reflexivo. Este não divide em partes, mas procura fazer conexões entre elas, utilizando-se de temas totalizados e multidisciplinares. Deste modo, deve-se utilizar-se da interdisciplinaridade para melhor se adquirir e mediar os conhecimentos encontrados em fontes históricas.

É importante evidenciar que a nossa intenção não é romantizar a educação, a relação entre professor e alunos ou transformar esse trabalho em um guia com receitas prontas que estabeleçam como o professor deverá conduzir suas aulas, pois é fato conhecido que o principal desafio dos educadores, no presente momento, é dar aula para alunos que, em sua maioria, não se interessam pelas as mesmas.

Na escola é o ensino da disciplina de História e das demais Ciências Sociais, bem como as demais disciplinas, constituindo assim uma interdisciplinaridade, [...] entretanto, diversos obstáculos surgem, entre os quais uma super valorização do

tempo presente por parte não só dos jovens, mas da sociedade em grande parte. Então, diante do panorama apresentado é urgente a necessidade de fazer o aluno notar-se como pertencedor, ou pelo menos, como herdeiro de um passado histórico e incluído numa cultura que lhe confira identidade e ação na construção do processo histórico (Silva, 2021, p. 19).

A tecnologia também desempenha um papel vital no Ensino de História e na preservação da memória. Museus virtuais, arquivos digitais e recursos online proporcionam acesso a uma vasta gama de materiais históricos, tornando o aprendizado mais acessível e envolvente. O Ensino de História é uma ponte que liga o passado e o presente, e a memória é uma base sobre a qual essa ponte é construída. Para educar as gerações futuras de forma eficaz, é essencial abordar uma memória de maneira crítica, interdisciplinar e inclusiva.

Na atualidade, muitas dificuldades permeiam o ensino de História. Sendo assim, verifica-se que é inevitável ao professor enfrentar o desafio de compreender as mudanças e adaptar-se às novas exigências de aprendizado; em outras palavras, torna-se imperativa a criação de formas mais complexas de aprendizado, isto é, mais totalizadoras e integradoras, que permitam não apenas meros conhecimentos cognitivos, mas um saber com significado para a vida política, social e cotidiana dos alunos (Schmidt; Garcia, 2004, p. 1). Nessa perspectiva, a Educação Patrimonial aponta a um novo horizonte de reflexão e questionamentos na prática de ensino de História. Além do que, também favorece uma experimentação que “pode ser feita em qualquer espaço social e com qualquer faixa etária” (Grunberg, 2000, p. 164 apud Torres, Schiavon, 2015, p. 53).

A Educação Patrimonial tem se constituído como uma importante ferramenta para o Ensino de História, pois fomenta várias discussões que propiciam a reflexão sobre nossa prática pedagógica e sobre a possibilidade de inserirmos o nosso aluno em um processo participativo e problematizador acerca da história da cidade e seus lugares de preservação de memória, bem como interrogar sobre o que a sociedade elenca como significativo para estudar e preservar, segundo Carmem Gil (2020) nos lembra “interrogar é uma forma de cuidar.”

Quem nunca ouviu a frase: Quem gosta de passado é museu? Mas, por que o museu deve apenas salvaguardar o passado? Ou apenas o museu deve ter essa função de lugar de memória? De uma memória ou um passado encantado (no sentido estático) intocável, inerte, sem conexão ou interação com o presente, a comunidade escolar ou seu

entorno? Tais questões se apresentam com o potencial de serem utilizadas no contexto da sala de aula, no sentido de provocar reflexões e superação do senso comum a um saber crítico. A inserção da Educação patrimonial e do estudo pela cidade enquanto objeto de prática pedagógica, no sentido que já pontuamos, impõe alguns encaminhamentos metodológicos, quais sejam: observar, selecionar e problematizar o que se preservou e o foi esquecido ou marginalizado na memória oficial que, na maioria das vezes, contempla ou representa apenas uma parcela da sociedade.

A concepção de educação e patrimônio é algo que merece ser analisado de perto. A Educação Patrimonial deveria ir além da transmissão de informações, deveria despertar a curiosidade, a reflexão e a sensibilidade. O estudo pelas cidades tem o potencial de proporcionar uma educação mais ampla, para além da noção de “valorização e preservação” do patrimônio cultural e histórico, deve ser analisado a narrativa, a concepção de História, os usos das fontes, as relações dialógicas e a seleção do que se quer preservar, sobretudo, romper com a ideia de “conhecer para preservar”. A educação patrimonial não é uma metodologia – esta afirmação permite anunciar alguns propósitos que dão o tom destes escritos. Se a educação é um processo relacional, então há muitos caminhos para se construir relações educativas, assentadas na crítica, na interpretação e na reflexão (Gil, 2020, p.108).

2.3 PELAS RUAS DA CIDADE: A TOPONÍMIA DE VITÓRIA DA CONQUISTA

“A cidade não conta seu passado, ela o contém”

Ítalo Calvino

O estudo sobre as cidades, como conhecemos hoje, ganhou espaço a partir do século XIX, “não só pelo fato de que, ao estudar as cidades, é possível perpassarmos diversos períodos e acontecimentos históricos, mas, sobretudo, por que ao explorar esse tema é possível compreender sutilezas da realidade cotidiana e das vivências dos múltiplos atores que ali circularam (e circulam)” (Oliveira, 2012, p. 103).

As cidades são tangíveis, o estudo sobre elas nos permitem transcender a análise de textos e mergulhar na exploração do ambiente físico, criando uma interação entre o passado e o presente, à medida em que o aluno pode refletir sobre o espaço através das transformações ocorridas ao longo do tempo e entender sobre as mudanças e permanências.

Se pedirmos para nossos alunos discorrem sobre lugares simbólicos nos bairros e cidades onde residem, com certeza, eles terão repertório sobre o assunto. A nós, professores, cabe decifrar os componentes e legessem esses lugares, entender e dialogar com essas escolhas, buscando suas origens e significados – foram aleatórias? São compartilhadas por um grupo (família, escola, amigos)? São baseadas em afetividade ou por um evento específico? (Oliveira, 2012, p. 103)

Tais questionamentos nos permitem compreender se existe sentimento de pertencimento e/ou identificação em relação ao lugar, bem como se compreendem “os mecanismos que conferiram simbolismo ao lugar”. (Oliveira, 2012, p. 103)

A cidade de Vitória da Conquista, assim como muitas outras cidades em nosso país, não possui política pública ou projeto para incorporá-la ao conceito de "Cidade Educadora". Esse conceito que visa promover a educação de forma integral, envolvendo não apenas as escolas, mas toda a comunidade, visando o desenvolvimento pessoal e coletivo. É uma abordagem para criar ambientes mais propícios ao aprendizado e crescimento de todos. As Cidades Educadoras têm como princípio:

- Trabalhar a escola como espaço comunitário;
- Trabalhar a cidade como grande espaço educador;
- Aprender na cidade, com a cidade e com as pessoas;
- Valorizar o aprendizado, vivencial;
- Priorizar a formação de valores¹.

Atualmente, a Rede Brasileira de “Cidade Educadora”, que aplica o conceito em seu território conta com a participação de quatorze cidades, sendo elas: Belo Horizonte, Campo Novo do Parecis, Caxias do Sul, Dourados, Jequié, Montes Claros, Porto Alegre, Santiago, Santo André, Santos, São Bernardo do Campo, São Carlos, São Paulo e Sorocaba. A cidade de Sorocaba, localizada no Estado de São Paulo, é atualmente a coordenadora da Rede Brasileira.

Esse conceito visa promover a educação em todos os níveis, e a ideia de uma “Cidade Educadora” pode ter um impacto significativo na qualidade de vida das pessoas e forja o aprendizado em diversos níveis e contextos. Partindo desse princípio, concordamos com Rosa (2022, p. 54), quando a autora diz que propostas de Ensino, como as encontradas nas dissertações oriundas do ProfHistória, ganham “relevância devido ao seu caráter introdutório a essas concepções na cidade. A intenção é que outras

¹Fonte: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 20/04/2024.

possibilidades surjam a partir destas e, pensando além, que possa servir como incentivo para a criação de políticas públicas voltadas para essa perspectiva, ampliando o alcance deste trabalho”.

A cidade deverá promover a educação na diversidade para a compreensão, a cooperação solidária internacional e a paz no mundo. Uma educação que deverá combater toda a forma de discriminação. Deverá favorecer a liberdade de expressão, a diversidade cultural e o diálogo em condições de igualdade. Deverá acolher tanto as iniciativas inovadoras como as da cultura popular, independentemente da sua origem. Deverá contribuir para a correção das desigualdades que surjam então da promoção cultural, devido a critérios exclusivamente mercantis. (Carta das Cidades Educadoras, 2021)

A escola não é uma ilha, ela não pode estar alheia ao que acontece em seu entorno, na comunidade na qual está inserida, tão pouco ignorar as possibilidades e promover uma educação significativa usando os espaços de aprendizagem que a cidade oferece e, sobretudo, criar possibilidades de ensino nos espaços que foram esquecidos ou marginalizados pela memória oficial. É necessário extrapolar ou derrubar os muros da escola, tirar os alunos da sala de aula, investir em aulas de campo, visitas guiadas, estudo do meio, seja qual for o nome dado a tal metodologia.

Essas atividades estimulam o alunado, sobretudo, das áreas periféricas, a tomar posse desses espaços, permite a participação ativa desse aluno e contribui para a aprendizagem de novos conhecimentos. Além disso, desenvolve o senso crítico por proporcionar ao aluno o contato direto com o objeto do conhecimento. “A diversidade é inerente às cidades atuais e prevê-se que aumentará ainda mais no futuro. Por esta razão, um dos desafios da cidade educadora é o de promover o equilíbrio e a harmonia entre identidade e diversidade, salvaguardando os contributos das comunidades que a integram e o direito de todos aqueles que a habitam, sentindo-se reconhecidos a partir da sua identidade cultura”. (Carta das Cidades Educadoras, 2021)

Poderia a história de cidades, como São Miguel das Matas, escrita através do diálogo entre as memórias, as lembranças e os esquecimentos, oferecer a alunos/as e professores/as oportunidades de aprender na/pela cidade? Quais são as ruas, os lugares, os personagens, as homenagens que marcam as memórias da população? Quem esses depoentes elegem como merecedores de homenagens? Que memórias foram esquecidas? (Rosa, 2022, p. 54)

Caminhando pelas ruas do Centro de Vitória da Conquista, mesmo diante de sua agitação cotidiana, quem nunca se perguntou quem foi Crescêncio Silveira, Régis Pacheco ou Lauro de Freitas? Qual a motivação na escolha desses personagens para nomear as ruas? Essas homenagens encontram correspondência na memória dos munícipes?

A Toponímia é o estudo do topônimo ou nome de lugar, é um dos ramos da Onomástica, campo das ciências lexicais (vocabulário) ocupado do estudo do nome próprio, do qual também faz parte a Antroponímia que é o estudo do nome pessoal. Esses nomes muitas vezes têm significados históricos, culturais, linguísticos ou geográficos associados a eles. Baseada nessa distinção, Dick (1990), maior representante dos estudos toponímicos no Brasil, monta um quadro taxonômico para a classificação toponímica. Muitos dos topônimos encontrados em Vitória da Conquista se encaixam nessa classificação, como podemos ver abaixo.

Quadro 1 – Classificação dos topônimos de natureza física

Taxionomia	Definição	Exemplos
Astronomia	Topônimo referente aos nomes dos corpos celestes.	Bairro Cruzeiro/ Rua Constelação
Cardinotopônimo	Topônimo referente às posições geográficas em geral.	Rua Leste
Cromotopônimo	Topônimo referente às cores.	Rua Lilás
Dimensiotopônimo	Topônimo referente às características do acidente.	Bairro Alto Maron/ Bairro Alto da Boa Vista/ Rua Alta Vista
Fitotopônimo	Topônimo referente aos nomes de vegetais	Rua Alecrim/Rua das Flores/ Rua Jatobá
Geomorfotopônimo	Topônimo referente às formas topográficas e às formações litorâneas.	Rua Morro de São Paulo
Hidrotopônimo	Topônimo referente aos acidentes hidrográficos.	Rua Rio doce/ Rua Rio Pardo/Rua Rio São Francisco
Litotopônimo	Topônimo de índole mineral, relativo à constituição do solo.	Rua Ouro Preto/ Rua Diamantina
Meteorotopônimo	Topônimo referente aos fenômenos atmosféricos.	
Morfotopônimo	Topônimo referente aos sentidos e formas geométricas.	
Zootopônimo	Topônimo de índole animal.	Rua Albatroz

Fonte: adaptado Keller, Leão (2020)

No modelo taxionômico de Dick (1992), são identificadas 27 taxas distribuídas em duas categorias principais: as taxionomias de natureza física, fundamentadas em referências do ambiente físico, conforme descrito no quadro anterior; e as taxionomias de natureza antropocultural, relacionadas às influências humanas, como apresentado no quadro subsequente.

Quadro 2 – classificação dos topônimos de natureza antropocultural

Taxionomia	Definição	Exemplos
Animotopônimo	Topônimo referente à vida psíquica e à cultura espiritual.	Praça da Saudade
Antropotopônimo	Topônimo referente aos nomes próprios e individuais.	Avenida Ascendino Melo/Rua Laudicéia Gusmão
Axiotopônimo	Topônimo referente aos títulos e dignidades.	Praça Barão do Rio Branco
Corotopônimo	Topônimo referente aos nomes de cidades, países, regiões ou continentes.	Avenida Brasil/Avenida Caetité/Rua Chile
Cronotopônimo	Topônimo referente às indicações cronológicas.	Avenida Centenário/Rua Dois de Julho/ Avenida Farroupilha
Dirrematopônimo	Topônimo constituído de frases ou enunciados linguísticos.	
Ecotopônimo	Topônimo referente às habitações de modo geral.	
Ergotopônimo	Topônimo referente aos elementos da cultura.	Praça do Café
Etnotopônimo	Topônimo referente aos elementos étnicos.	Avenida Apaches
Hagiotopônimo	Topônimo referente aos santos e santas do hagiológico romano.	Travessa Santa Ana/ Rua Santa Cecília/ Praça Santo Antônio
Hierotopônimo	Topônimo referente aos nomes sagrados.	Rua Santa Cruz/ Rua Coração de Maria
Historiotopônimo	Topônimo referente aos movimentos histórico-sociais e aos seus membros.	Avenida Tiradentes/Praça dos Inconfidentes
Hodotopônimo	Topônimo referente às vias de comunicação rural ou urbana.	Rua da Fazenda
Mitotopônimo	Topônimo referente às entidades mitológicas.	
Numerotopônimo	Topônimo referente aos adjetivos numerais.	
Poliotopônimo	Topônimo constituído pelos vocábulos aldeia, vila, povoação, arraial.	
Sociotopônimo	Topônimo referente às atividades profissionais ou a pontos de encontros.	Rua Professora Ana Almeida

Somatopônimo	Topônimo referente às relações metafóricas das partes do corpo humano ou animal.	
--------------	--	--

Fonte: adaptado Keller, Leão (2020)

Os toponímicos são parte integrante da identidade de um lugar, refletindo a história, a cultura e a língua da região. Como assinala a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, os “topônimos são também vínculo de ideologias e, como tal, permeiam ou dirigem a memória, as vivências e o imaginário do grupo social que os utiliza”. (Dick, 1990)

O ato de nomear tudo com o qual convive acompanha o ser humano desde os primórdios da humanidade. De acordo com Dick (1990), essa é uma das atividades humanas mais significativas, pois reflete a compreensão do ser humano acerca de sua realidade e como ele utiliza a linguagem para atribuir significados aos lugares que ocupa. Ainda segundo a autora, através do estudo toponímico, é possível identificar fatores culturais de uma região.

[...] a toponímia de uma região pode ser considerada como a crônica de um povo, registrando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo configura-se como instrumento dessa projeção temporal. (Dick, 1990, p.22)

Nesse sentido, os topônimos se constituem como testemunhos históricos das comunidades e ganham uma dimensão maior do que apenas designar uma posição geográfica. Como observa Di Tizio (2009), “a nomenclatura de um espaço geográfico conserva aspectos culturais, sociais e indicativos da mentalidade do homem em sua época e tempo”.

Os topônimos conquistenses homenageiam pessoas que, de alguma forma, foram relevantes para a história da localidade, do estado ou país. É importante ressaltar que a escolha dessas personagens e de sua relevância está sob o controle de grupos hegemônicos e políticos locais e, muitas vezes, não encontram correspondência na memória coletiva. De acordo com Dias (2000),

a prática de nomear ruas é a atividade menos inocente do que se costuma supor. Um olhar atento constata que esse processo é caracterizado pelo esforço de perenização da memória de personagens e fatos da história nacional ou local. Trata-se de recorrente forma de reprodução e perpetuação da chamada história oficial (Dias, 2000, p. 103).

Quais são os critérios usados para escolha dessas personagens? Quem são essas pessoas? Quais contribuições deram ao município, ao estado ou país? O que está implícito ou explícito nessas escolhas? A quem interessa?

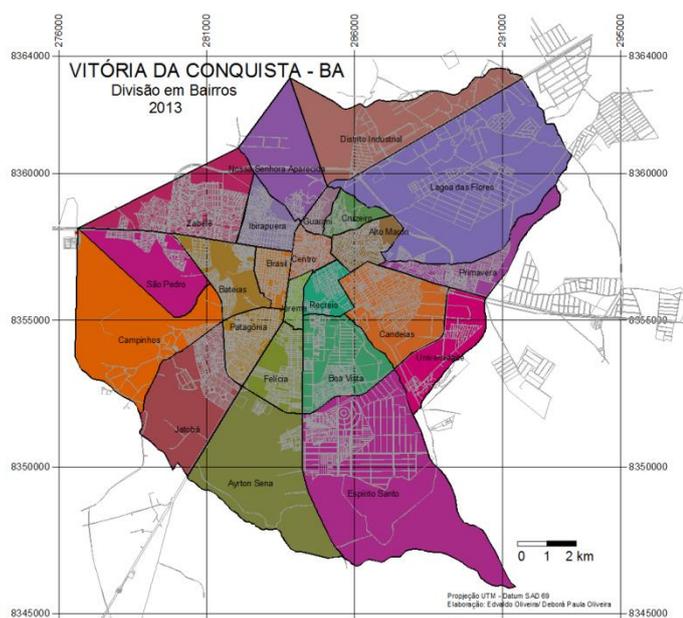
Em geral, a população entende o ato de nomear ruas, avenidas, praças e prédios públicos como ato meramente prático e técnico,

cuja responsabilidade fica a cargo da Câmara Municipal ou do Poder Executivo [...] garantindo assim um endereço para suas casas, formalmente reconhecido pelo poder público. É prática humana das mais antigas, tendo em vista que a humanidade sempre procurou marcar os lugares por onde circulou, ora atribuindo-lhes nomes, ora por meio de construções que as diferenciavam. Mas é ato menos ingênuo do que parece ser, porque carrega o poder simbólico da disputa pela memória e a luta contra o esquecimento (Silva, 2013, p.14).

A presente pesquisa se concentrou na toponímia das ruas e praças da parte central do município de Vitória da Conquista e em algumas ruas do Bairro Patagônia, que ficam no entorno do Colégio Monte Tabor, lugar no qual leciono e onde mora a maior parte dos estudantes atendidos pelo mesmo.

A última atualização cadastral dos logradouros e CEPs conquistenses foi feita em 2014, nela consta que o município possui mais de mil ruas, avenidas e praças distribuídos em vinte e quatro bairros e mais trinta loteamentos.

Figura 1 – Vitória da Conquista. Divisão em Bairros



Fonte: Wikipédia.

Rua Grande, foi a primeira rua da cidade, ocupava o espaço onde hoje estão as praças Presidente Tancredo Neves e Barão do Rio Branco, situadas entre as ruas Maximiliano Fernandes e Zeferino Correia. Nessa área, inicialmente, foi erguida a primeira igreja matriz da cidade, que foi posteriormente demolida. A nova igreja, a Catedral de Nossa Senhora das Vitórias, foi construída um pouco acima da antiga "Rua Grande". Devido à sua condição de pioneirismo na ocupação urbana, o bairro é caracterizado pela ausência de planejamento, com ruas estreitas e ladeiras íngremes.

Figura 3 – Rua Grande na década de 1920.



Fonte: Acervo público de Vitória da Conquista

Até meados do século XX, o Centro concentrou grande parte da população da cidade. No entanto, com o rápido crescimento urbano, diversos outros bairros foram criados, expandindo a área urbana. Como resultado, o Centro gradualmente se transformou em um bairro predominantemente comercial, em detrimento de sua função residencial. Aqui estão os nomes de cada um dos logradouros do bairro Centro, organizados em tabelas distintas para ruas, avenidas, alamedas, travessas e praças, devido às variações em definição e função desses espaços na organização pública.

Tabela 1 - Ruas do bairro Centro

Ruas por ordem alfabética		
Rua Ademar Galvão	Rua Gérson Sales	Rua Presidente Médici
Rua Afonso Pena	Rua Glicério Borba	Rua Professora Ana Almeida
Rua Agenor Rocha	Rua Góes Calmon	Rua Prudente de Moraes
Rua Anísio Teixeira	Rua Guilherme Aguiar	Rua Renato Vaz Rebouças
Rua Arthur Santos	Rua Henrique Dias	Rua Rotary Club
Rua Benigno Santos	Rua Humberto Flores	Rua Sá Barreto
Rua Café Filho	Rua Ivo Moreira	Rua Salgado Filho
Rua Carioca	Rua Jackson B Prado	Rua Santa Cruz
Rua Carneiro de Campos	Rua João Gonçalves	Rua Santos Dumont
Rua Cassiano Santos	Rua João Pereira	Rua São Pedro
Rua Catão Ferraz	Rua João Pessoa	Rua Sete de Setembro
Rua Celi de Freitas	Rua Joaquim Nabuco	Rua Sifredo Pedral Sampaio
Rua Coronel Gugé	Rua Jorge Amado	Rua Sinhazinha Santos
Rua Correia Leite	Rua Jorge Stolze	Rua Siqueira Campos
Rua da Conceição	Rua José Bonifácio	Rua Teodoro Sampaio
Rua da Conquista	Rua José de Alencar	Rua Tiradentes
Rua da Misericórdia	Rua José de Melo	Rua Treze de Maio
Rua Daniel Ferraz	Rua Laudicéia Gusmão	Rua União Operária
Rua Daniel Gusmão	Rua Laudionor Brasil	Rua Washington Luís
Rua Dante Menezes	Rua Lauro de Freitas	Rua Wenceslau Braz
Rua das Palhas	Rua Lehar David	Rua Zeferino Correia
Rua Deodoro da Fonseca	Rua Líbero Badaró	
Rua do Alecrim	Rua Lions Club	
Rua do Triunfo	Rua Lisboa	
Rua Dois de Julho	Rua Machado de Assis	
Rua Dom Climério de Andrade	Rua Marta Vasconcelos	
Rua Dom Pedro II	Rua Maximiliano Fernandes	
Rua dos Andrades	Rua Moderato Cardoso	
Rua dos Fonecas	Rua Monsenhor Olímpio	
Rua dos Prates	Rua Nilo Peçanha	
Rua Doutor Sinfrônio Santos	Rua Nilton Gonçalves	
Rua Elpídio Flores	Rua Olavo Bilac	
Rua Ernesto Dantas	Rua Orlando Flores	
Rua Euclides Dantas	Rua Oscar Freire	
Rua Fernando Matos	Rua Padre Benedito Soares Costa	
Rua Francisco Andrade	Rua Padre Exupério	
Rua Francisco Braga	Rua Padre Feijó	
Rua Francisco Santos	Rua Paulino Santos	
Rua Frei Egídio	Rua Plácido de Castro	

Fonte: dados da pesquisa.

A rua é uma via pública ladeada por casas, prédios, muros ou jardins. A diferença com a avenida reside principalmente nas dimensões e no fato de que uma rua geralmente não possui várias pistas para circulação de veículos. No centro de Vitória da Conquista, há 99 ruas, 12 avenidas, 5 alamedas, 26 travessas e 26 praças.

Tabela 2 – Avenidas, alamedas e travessas do bairro Centro

Avenidas	Alamedas	Travessas
Av. Ascendino Melo	Al. Adriano Bernardes	Tr. Adriano Bernardes
Av. Centenário	Al. Ilza Viana Matos	Tr. Ascendino Melo
Av. Crescêncio Silveira	Al. Lima Guerra	Tr. Catão Ferraz
Av. Fernando Spínola	Al. Murilo Andrade	Tr. Celi de Freitas
Av. Lauro de Freitas	Al. Ramiro Santos	Tr. da Conquista
Av. Otávio Mangabeira		Tr.do Alecrim
Av. Presidente Dutra		Tr. do Triunfo
Av. Régis Pacheco		Tr. Dois de Julho
Av. Santa Helena		Tr. dos Artistas
Av. Santa Marta		Tr. dos Prates
Av. São Geraldo		Tr. Félix
Av. Vivaldo Mendes Ferraz		Tr. Góes Calmon
		Tr. Jorge Amado
		Tr. Justino Gusmão
		Tr. Lauro de Freitas
		Tr. Lear David
		Tr. Sá Barreto
		Tr. Santa Rita
		Tr. São Paulo
		Tr.Silva Jardim
		Tr. Teodoro Sampaio
		Tr. Tiradentes
		Tr.Treze de Maio
		Tr. União Operária
		Tr. Vicente Celino
		Tr. Zulmiro Nunes

Fonte: dados da pesquisa.

Avenida, em teoria, é uma via pública urbana ampla, mais larga do que uma rua, geralmente arborizada ou com outros adornos, e frequentemente a principal via de acesso a residências de campo, parques, entre outros. É caracterizada por ter mais pistas para circulação de veículos do que uma rua e também por sua extensão maior. Na prática, as cidades classificam as avenidas de maneira variada, de acordo com seus padrões. No entanto, o que pode ser considerado uma avenida em um município pode ser considerado uma rua em outras cidades, e vice-versa. No município de Vitória da Conquista, as ruas

e avenidas frequentemente se misturam no espaço físico, apresentando poucas distinções entre elas. As alamedas, por sua vez, são vias urbanas que deveriam ser arborizadas, semelhantes a avenidas, porém mais estreitas e de menor dimensão. O nome deriva da palavra "álamo", uma espécie de árvore. Originalmente, as alamedas deveriam ser adornadas com árvores densamente plantadas, destinadas principalmente ao trânsito de pedestres e como espaços de convivência. Essas características, no entanto, não são observadas na maioria das cidades brasileiras, tampouco em Vitória da Conquista.

A travessa, também conhecida como passagem, geralmente é caracterizada por suas pequenas dimensões, sendo uma rua estreita e curta que atravessa o meio do quarteirão, servindo como elo entre duas ruas.

As praças, por sua vez, são áreas públicas desprovidas de construções, espaços abertos e arborizados dentro do ambiente urbano, frequentemente utilizadas para lazer e entretenimento. Vitória da Conquista possui um número considerável de praças, porém nem todas estão em boas condições para uso pela população local.³

Tabela 3 – Praças do bairro Centro

Praças por ordem alfabética	
Praça Arlindo Rodrigues	Praça Joaquim Correia
Praça Barão do Rio Branco	Praça Laudionor Brasil
Praça Caixeiro Viajante	Praça Marcelino Mendes
Praça Caixeiros Viajantes	Praça Nove de Novembro
Praça Camilo de Jesus Lima	Praça Padre Benedito Soares
Praça da Bandeira	Praça Pompílio Nunes
Praça da Saudade	Praça Presidente Tancredo Neves
Praça Dino Correia	Praça Radialista Miguel Silva Cortês
Praça do Café	Praça Sá Barreto
Praça Estevam Santos	Praça Santo Antônio
Praça Estevão Santos	Praça Tancredo Neves
Praça Hercílio Lima	Praça Victor Brito
Praça João Gonçalves	Praça Virgílio Ferraz

Fonte: dados da pesquisa.

O Bairro Patagônia é um dos mais populosos de Vitória da Conquista, situa-se na Zona Oeste da cidade e tem como principal avenida a Frei Benjamin. Durante muitos anos abrigou o antigo aeroporto do município. “A Patagônia”, como é carinhosamente chamado por seus moradores, é um bairro periférico e foi criado, assim como o Bairro

³ <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/algumas-breves-consideracoes-sobre-conceitos-do-direito-urbanistico/1220265620>. Acesso em 02/07/2024.

Brasil e o Bairro Jurema, a partir de um loteamento realizado pelo empresário Gildásio Cairo, em 1977, com um total de 1.805 lotes. O empresário nomeou o bairro em homenagem à fazenda na qual nascera em 1916, no município de Ituberá-Ba (Ferraz, 2001, p.181). Atualmente, o bairro conta com 109 logradouros distribuídos em seis loteamentos.

Tabela 4 – Avenidas, Travessas, Ruas com denominação alfanumérica

Avenidas	Travessas	Sem nome (alfanumérico)
Avenida Anel de Contorno	Travessa Boa Vontade	Avenida A
Avenida Boa Vontade	Travessa Itiruçu	Avenida E
Avenida Brasília		Rua A
Avenida Caetité		Rua B
Avenida Caxias do Sul		Rua C
Avenida Farroupilha		Rua D
Avenida Frei Benjamim		Rua Dois
Avenida Guanambi		Rua E
Avenida Ilhéus		Rua F
Avenida Imborés		Rua G
Avenida Itabuna		Rua H
Avenida Itambé		Rua I
Avenida Lapa		Rua L
Avenida Londrina		Rua Nove
Avenida Macaúbas		Rua Q
Avenida Mongoios		Rua Quatorze
Avenida Pampas		Rua R
Avenida Paramirim		Rua S
Avenida Paraná		Rua Sete
Avenida Pelotas		Rua T
Avenida Porto Alegre		Rua Trinta
Avenida Presidente Dutra		Rua Trinta e Dois
Avenida São Borja		Rua Trinta e Quatro
Avenida Serrinha		Rua Trinta e Seis
		Rua Um
		Rua V
		Rua Vinte
		Rua Vinte e Dois
		Rua Vinte e Oito
		Rua Vinte e Quatro
		Rua Vinte e Seis
		Rua Y
		Rua Z

Fonte: dados da pesquisa.

A maioria dos topônimos são do tipo Corotopônimo - referentes aos nomes de cidades, países, regiões ou continentes, como por exemplo Travessa Itiruçu, Avenida Caetité e Rua Caetité, todas cidades baianas. Além disso, observa-se a incidência de nomes indígenas como Tupinambás, Xavante e Mongoiós. Ainda há alguns logradouros que não possuem um nome específico, sendo identificados apenas por letras ou números.

Tabela 5 – Ruas do bairro Patagônia

Ruas	
Rua Alcobaça	Rua Oswaldo Cruz
Rua Amélia Rodrigues	Rua Padre Palmeira
Rua Anápolis	Rua Pastor João Augusto da Silveira
Rua Aracatu	Rua Planalto
Rua Aurelino Leal	Rua Poções
Rua Boa Esperança	Rua Potiraguá
Rua Carajás	Rua Professora Iara Cairo Azevedo
Rua Caravelas	Rua Ribeira do Pombal
Rua Edmundo Guedes	Rua Rio Grande do Sul
Rua Encruzilhada	Rua Santa Catarina
Rua Espírito Santo	Rua São Félix
Rua Florianópolis	Rua São João
Rua Gerson Moreira	Rua São Lucas
Rua Guanabara	Rua São Marcos
Rua Ibiassucê	Rua São Mateus
Rua Ibicaraí	Rua São Roque
Rua Ibotirama	Rua São Tiago
Rua Irecê	Rua São Tomé
Rua Itacaré	Rua Tom Jobim
Rua Itaparica	Rua Tupinambás
Rua Itiruçu	Rua Uruçuca
Rua Itororó	Rua Xavantes
Rua Lagedinho	Rua Xique-Xique
Rua Maiquinique	Rua Oswaldo Cruz
Rua Milagres	
Rua Morro de São Paulo	

Fonte: dados da pesquisa.

2.4 DA NATUREZA LEGISLATIVA DO ATO DE NOMEAR

Quem é esse fulano da placa? Quem nunca fez essa pergunta ou foi questionado a esse respeito? A cidade de Vitória da Conquista possui mais de mil ruas, avenidas, alamedas, travessas e praças oficiais, ou seja, com cadastro nos órgãos públicos. Nesses logradouros encontramos topônimos que fazem referência a pessoas, datas

A Rua da Corrente é um dos raros exemplos de ruas que mantiveram seus nomes originais. Entretanto, ainda que alguns nomes tenham sido alterados no registro oficial, muitos se mantêm inalterados no imaginário dos munícipes, é o caso da Rua Maga-Sapo, localizada no Centro de Vitória da Conquista que, oficialmente é rua Dom Pedro II, no entanto, poucos conquistenses a chamam assim⁵.

Atualmente, a atribuição de nomes a vias, obras, serviços e monumentos públicos é uma responsabilidade da administração pública. No entanto, é relevante destacar que qualquer cidadão tem o direito de sugerir um nome para batizar uma rua ou loteamento. Essa sugestão deve ser encaminhada à Câmara de Vereadores, onde um/a vereador/a pode apresentar o projeto ao plenário da Câmara para ser apreciado e votado pela casa legislativa.

A legislação que regula a denominação de logradouros é a Lei nº 6.454, de 24 de outubro de 1977. Esta lei foi posteriormente modificada pela Lei nº 12.781, de 10 de janeiro de 2013. A alteração ampliou a restrição presente no texto original, que proibia a nomeação de bens públicos com o nome de pessoas vivas. Com a modificação, também ficou proibida a denominação em homenagem a pessoas que se destacaram na defesa e na exploração de mão de obra escrava. Embora, os demais estados da Federação possam ter disposições específicas em suas Constituições sobre a proibição do uso do nome de pessoas vivas em espaços públicos e monumentos, é comum encontrar exceções a essa regra. Um exemplo disso é a estátua em homenagem ao jogador Daniel Alves, na cidade de Juazeiro, na Bahia que foi financiada com dinheiro público. Somente após ele se tornar réu em um processo por violência sexual é que a homenagem foi questionada. Isso sugere que, apesar das restrições legais, ainda ocorrem casos de homenagens a indivíduos vivos utilizando recursos públicos.

⁵ Para saber mais sobre a Rua Maga-Sapo consultar a dissertação de Mestrado em Letras de Angelita Cunha da Silva Sousa, pela UESB, em 2013: A Rua do Maga-sapo, cotidiano e representações da prostituição em Vitória da Conquista – BA (1950-1971).
http://www.uesb.br/ppgcel/dissertacoes/2011/Dissertacao_Angelita.pdf.

Figura 4 – Rua 7 de Setembro e Rua Dom Pedro II, mais conhecida como Maga-Sapo, na década de 1950.

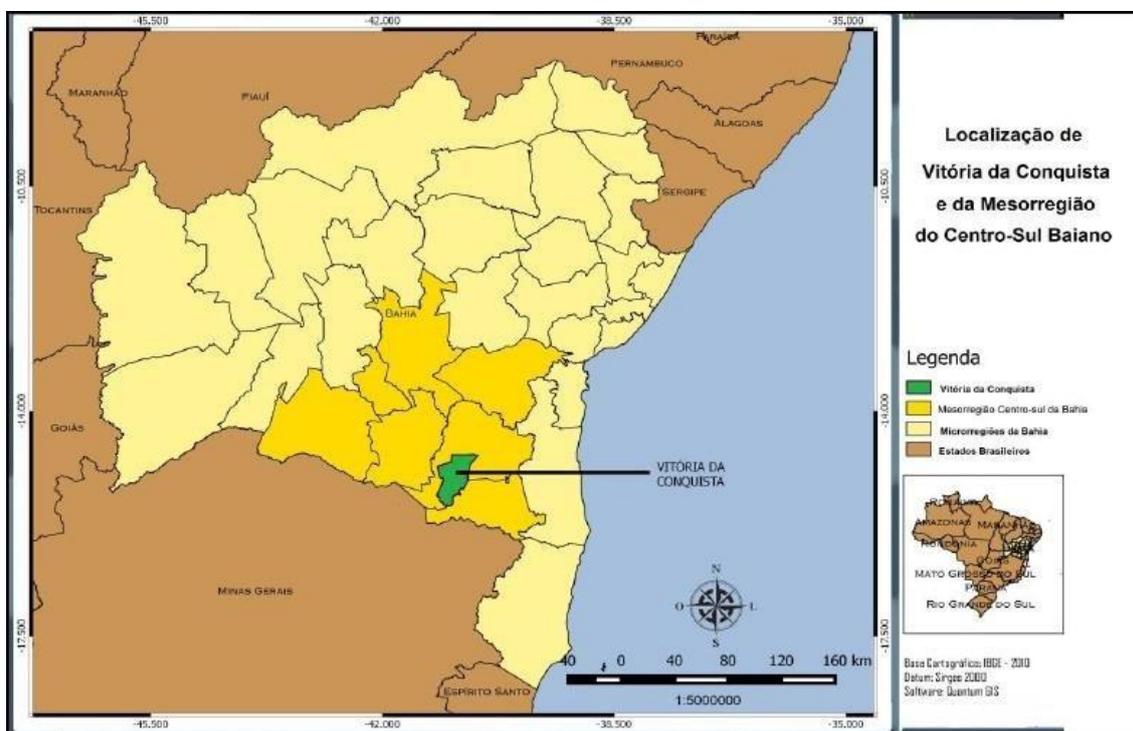


Fonte: <https://fotosdevitoriaconquista.wordpress.com/tag/maga-sapo/>

3 HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Vitória da Conquista está localizada no Sudoeste da Bahia, na mesorregião centro-sul, a 509 quilômetros da cidade de Salvador, capital do Estado, e, segundo informações do IBGE 2022 sua população é de 370.868 habitantes, o que faz dela a terceira maior cidade do Estado. A sua colonização está ligada à descoberta das minas de Arassuay- MG e a exploração dos rios Doce e São Mateus. O desbravador João da Silva Guimarães foi personagem importante nesta conquista de terras do Sudoeste baiano. Na região conhecida como Sertão da Ressaca, este bandeirante e seus acompanhantes assassinaram parte dos índios Mongoiós e Imborés, em muitas batalhas, e formaram o primeiro núcleo urbano da atual cidade (Tanajura, 1992).

Figura 1 - Localização de Vitória da Conquista e da Mesorregião do Centro-Sul baiano.



Fonte: Base cartográfica IBGE-2010

Como apresentamos na Introdução desse trabalho, a produção historiográfica sobre o município e a região vem se intensificando e novos temas serão cada vez mais explorados, sobretudo, pelas pesquisas que estão sendo desenvolvidas nos programas de pós-graduação oferecidos pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como é o caso do Profhistória.

A história da cidade de Vitória da Conquista está atrelada ao projeto, amparado pela Igreja Católica, de conquista sobre os povos originários que então aqui habitavam. Segundo Ivo (2001),

A vitória sobre as tribos indígenas existentes na região alcançada, no final do século XVIII, por João Gonçalves da Costa foi representada com a construção de uma igreja em homenagem a Nossa Senhora da Vitória. Essa primeira obra de uso coletivo, ponto de formação e desenvolvimento do Arraial, foi também o primeiro símbolo de poder local que se pretendia edificar. (Ivo, 2001, p. 202)

Assim como outras cidades do país, Vitória da Conquista é herdeira de uma sociedade escravocrata, cujos descendentes ainda constituem a maior parte da população do município. Ao longo do tempo, a cidade teve diversas denominações, todas associadas à conquista sobre os povos originários e o catolicismo, aqui representado pela devoção e intercessão de Nossa Senhora das Vitórias. Como demonstra Silva (2017)

O próprio nome da cidade é já uma demonstração do quanto sua formação está vinculada ao discurso da superioridade “branca”. Denominada primeiro: Arraial da Conquista, depois Imperial Vila da Vitória, em seguida apenas Conquista, passando a ser chamada, desde 1943, de Vitória da Conquista. Uma exaltação permanente do suposto “heroísmo” dos colonizadores, representantes dos agenciamentos daquela dita “raça branca superior”, embora a aparente contradição de ser o João Gonçalves da Costa um “preto forro”. Tal fato contrasta com algumas cidades vizinhas, cujos nomes têm pertencimento ao tronco linguístico Tupi-guarani, como Iguai, Itambé, Ibicuí, Itapetinga, Anagé e outras. Assim, o nome da cidade exalta o processo de extermínio dos indígenas na região, amplamente praticado por seu fundador (Silva, 2017, p. 143).

Corroborando com essa perspectiva, Ângela Maria de Jesus Souza escreveu sobre “A (in)visibilidade de negros e indígenas no Memorial casa Governador Régis Pacheco” (2022) e afirma que é importante ressaltar que o:

“discurso oficial utilizado para justificar a violência da conquista da região sustentou-se na ideia de que a colonização serviria para promover a civilização. Desse modo, ao comporem as memórias e tradições da fundação da cidade, as narrativas hegemônicas cumpriram a função de selecionar quem, o que e como deveria ser lembrado e exaltado em detrimento do que e de quem deveria ser apagado, silenciado” (Souza, 2022, p. 44).

Diante disso, seria pertinente nos perguntar se a história do município e a memória preservada está sendo contada pela ótica dos vencidos ou dos vencedores? Qual história se quer contar? Qual história preservar? Qual grupo social foi privilegiado? Qual identidade o povo conquistense está atrelado?

As questões levantadas são fundamentais na investigação da história de qualquer comunidade. A maneira como a história foi narrada e a memória preservada podem refletir sobre perspectivas e interesses de diferentes grupos sociais. A narrativa, muitas vezes, é contada pela perspectiva dos vencedores, que são grupos dominantes, como governantes, elites econômicas ou grupos étnicos dominantes. No entanto, é importante dar voz aos vencidos, aos grupos marginalizados, oprimidos e que foram invisibilizados ao longo do tempo, haja vista que isso implica na compreensão mais totalizante da realidade, sem a qual só teríamos acesso a uma parte da história. Vitória da Conquista, parafrazeando Ramos (2016), narra muito mais uma História Oficial do que uma história crítica.

Além de buscar compreender de que modo a toponímia pode contribuir para o Ensino de História, é importante ressaltar que o problema central deste trabalho não estará no aprofundamento das biografias dos homenageados nos nomes das ruas e outros espaços públicos ou reforçar valores e perpetuar a importância desses sujeitos, mas na investigação sobre o processo de escolha desses homenageados, na memória da comunidade que reclama sua história e suas tradições. De acordo com a reflexão que propõe a Educação Patrimonial, buscar compreender “o patrimônio a partir das histórias e dos significados atribuídos pelos seus moradores, reconhecendo a existência de um saber local, considerando o olhar e a vivência desses” (Scifoni, 2015, p. 200).

Outro aspecto importante, como já foi citado, é o estudo de histórias marginalizadas e/ou esquecidas. Muitos eventos e grupos sociais foram negligenciados ou apagados da memória coletiva ao longo do tempo. O Ensino de História deve se esforçar para corrigir essas lacunas, incluindo narrativas de grupos sociais marginalizados e eventos menos conhecidos que desempenharam papéis importantes na construção da sociedade.

A cidade narra uma história, elegendo imagens, personagens, perspectivas para serem lembradas. Segundo Barthes, existiria uma “semiótica urbana”, com “suas oposições de lugares, com sua sintaxe e os seus paradigmas” (Barthes, 1985, p. 181). A cidade teria uma “escrita”, seria um “texto”, que como tal, poderia ser “lido” e/ou “interpretado”, dependendo do “leitor”: “A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma

linguagem: a cidade fala a seus habitantes, nós falamos nossa cidade, a cidade onde nós nos encontramos simplesmente quando a habitamos, a percorremos, a olhamos” (Barthes, 1985, p. 184 apud Ramos, 2016, p. 65)

Durante o período republicano, Vitória da Conquista passou por mudanças significativas em sua estrutura política, econômica e social. A cidade se desenvolveu como um importante centro regional no interior da Bahia, desempenhando um papel fundamental no contexto estadual. A transição do período imperial para o republicano certamente teve impactos na cidade e na vida de seus habitantes. A legislação passou por mudanças significativas, refletindo a transição do sistema político e jurídico do Brasil. A promulgação da Constituição de 1891, por exemplo, marcou o início da República no Brasil e trouxe consigo uma série de transformações legais em todo o país, incluindo Vitória da Conquista. Essas mudanças tiveram impacto direto na vida da população e na organização da cidade.

A disputa de poder local em Vitória da Conquista é um tema relevante, pois diversos grupos e lideranças políticas buscavam influenciar e controlar os rumos da cidade, resultando em disputas políticas e sociais. Essa dinâmica de poder local impactou diretamente a administração da cidade, as políticas públicas implementadas e as relações entre os diferentes setores da sociedade. A história dessas disputas pode revelar muito sobre a evolução política e social de Vitória da Conquista ao longo do tempo.

A história política de Conquista foi caracterizada por uma série de conflitos políticos, muitas vezes entre membros da mesma família, situacionistas e opositoristas. Esses conflitos tiveram seu ápice durante a era do coronelismo, culminando inicialmente na Tragédia do Tamanduá (1895) e, posteriormente, na Guerra entre Meletes e Peduros (1919).

Na recém-criada vila, o tronco familiar formado pela sequência Gonçalves da Costa, Oliveira Freitas e Fernandes de Oliveira, foi a base para a formação de uma organização de poder local firmado na articulação de famílias que se juntaram a estas[...]. Aquelas famílias controlavam as instâncias de poder político, jurídico e ideológico, controlavam a propriedade da terra e as principais atividades econômicas. O público e o privado não contavam com demarcações fronteiriças na Imperial Vila da Vitória. Questões de família e questões policiais poderiam se misturar, dando a pequenos delitos dimensões maiores e desdobramento de perseguição, exercida com arbitrariedade e

parcialidade ao gosto dos grandes proprietários locais. (Ivo, 2004, p.97 apud Souza, 2001, p 75).

Ao longo dos séculos XIX e XX, Vitória da Conquista testemunhou uma interseção peculiar entre política e família. Essa dinâmica político-familiar foi fundamentada em relações de dominação e subordinação, as quais moldaram a participação política e o poder de influência na gestão local. O controle era exercido sobre as instituições políticas e sociais, incluindo a Câmara Municipal, a Polícia, a Justiça, a Intendência, entre outros. As famílias que detinham o poder durante esse período, em sua maioria, estavam ligadas ao tronco familiar de João Gonçalves da Costa, desbravador da região. Segundo Souza (2021), “o caráter oligárquico do poder, exercido de forma endogâmica pelas famílias das elites locais, significava que ter o controle da Câmara na Imperial Vila da Vitória, ser Intendente, ou Conselheiro Municipal – após a Proclamação da República – implicava em ter condições de colocar o público a serviço dos interesses privados das parentelas”.

A história política de Vitória da Conquista durante o período republicano reflete não apenas as transformações legais e institucionais ocorridas no Brasil, mas também a dinâmica de poder local enraizada em relações político-familiares. O controle das instâncias de poder político, jurídico e ideológico por parte de famílias influentes, como aquelas ligadas ao tronco familiar de João Gonçalves da Costa, demonstra na motivação toponímica na formação e manutenção do poder na região. Essa interseção entre política e família não apenas influenciou a administração da cidade e a implementação de políticas públicas, mas também delineou as relações sociais e econômicas locais. Ao longo dos séculos XIX e XX, a história de Vitória da Conquista foi marcada por disputas de poder que revelam não apenas a evolução política e social da cidade, mas também a complexa teia de interesses que moldaram seu desenvolvimento.

4 CAMINHOS PEDAGÓGICOS – DIMENSÃO PROPOSITIVA

“Escola é lugar em que se faz amigos. Não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente. Gente que trabalha, que estuda, que alegre, se conhece, se estima”.

Paulo Freire

O Mestrado Profissional em Ensino de História pressupõe e incentiva que o professor-pesquisador volte um olhar atento para a realidade de sua comunidade escolar e produza sua pesquisa a partir do cotidiano em seu espaço de atuação. O objetivo do Programa é proporcionar formação continuada que contribua para a melhoria da qualidade do exercício da docência em História na Educação Básica. Segundo Oliveira e Freitas,

Os caminhos investigativos no PROFHISTÓRIA, portanto, têm o chão da escola como ponto de partida para elaboração do questionamento inicial do professor da educação básica. Isso é importante porque valoriza a formação inicial do docente, que tem se apropriado das suas várias experiências, demandas e potencialidades escolares, das suas angústias, demandas, delimitações de problemas com o objetivo de tornar as situações de ensino e aprendizagem de História cada vez mais adequadas e significativas para a comunidade com que trabalha. (Oliveira e Freitas, 2022, p. 48)

Para alcançar esse objetivo, é necessário não apenas realizar pesquisa e desenvolver um trabalho dissertativo com base nela, mas também criar um produto educacional, denominado pelo Regimento Geral do ProfHistória como dimensão propositiva, que incorpore estratégias educacionais que favoreçam a prática pedagógica. O Artigo 15, do Regimento Geral, assim o define:

A dissertação do PROFHISTÓRIA tem por objetivo traduzir o aprendizado ao longo do percurso de formação bem como gerar conhecimento que possa ser disseminado, analisado e utilizado por outros profissionais dessa área nos diferentes contextos onde são mobilizadas diferentes formas de representação do passado. § 1º - A natureza da dissertação, a despeito do formato que possa vir a assumir, deve traduzir obrigatoriamente as três dimensões trabalhadas ao longo do curso: (i) a apropriação dos estudos e debates recentes sobre as temáticas trabalhadas; (ii) a criticidade

em termos do conhecimento e práticas acumuladas na área e (iii) as possibilidades de produção e atuação na área do Ensino de História que contribuam para o avanço dos debates e a melhoria das práticas do profissional de História dentro e/ou fora da sala de aula. Para tal ele constará de duas partes: uma parte crítico-analítica (dimensões i e ii) e uma parte propositiva (dimensão iii). § 2º - O produto final pode assumir diferentes formatos como: texto dissertativo, documentário, exposição; material didático; projeto de intervenção em escola, museu ou espaço similar, a condição que incorpore as três dimensões anteriormente explicitadas. (Regimento Geral do ProfHistória apud Oliveira e Freitas, 2022, p. 49)

Contudo, observa-se que muitas dessas criações, identificadas nas dissertações, não foram aplicadas no ambiente de ensino, resultando na ausência de evidências sobre seu impacto no processo de ensino-aprendizagem. Vale ressaltar que um dos motivos da não aplicação, sobretudo, das turmas de 2020, foi a pandemia de Covid-19, que prejudicou muito a execução dessas atividades, dentre outros enormes e devastadores prejuízos humanos.

Diante dessa problemática, sugiro como uma abordagem mediadora de aprendizagem a implementação dos métodos propostos nas dissertações de Franciele Miotto, “Os caminhos da fé em Jesuítas: identidade e memórias de ontem e de hoje”, desenvolvido na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) em 2018 e Luciana Rosa, “Entre o arcanjo e as matas: os caminhos de São Miguel das Matas como ferramenta para o ensino de história”, produzido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em 2022. As duas proposições são oriundas do Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHistória.

As atividades propostas, no presente trabalho, foram desenvolvidas em turmas do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental. Considerando os objetivos da pesquisa e as características das turmas com as quais trabalhamos, foi elaborado um projeto de intervenção escolar que fosse desenvolvido junto aos estudantes, com a maior participação possível por parte dos mesmos. Pois o produto educacional produzido deve demonstrar “que houve uma incorporação dos estudos realizados às suas reflexões, pois se essa dimensão se completa com as outras que prevê a criticidade sobre o conteúdo e práticas e a proposição, não deve ser, apenas, uma reescrita dos textos acadêmicos, mas efetivamente, um diálogo com os saberes que a experiência do docente faz emergir com um tempo para se debruçar sobre o vivido, a autorreflexão como princípio educativo” (Oliveira e Freitas, 2022, p. 52) Na prática, o produto é

um material didático acompanhado de orientações e/ou sugestões para sua utilização em atividade de ensino-aprendizagem, a partir de problema(s) diagnosticado(s) pelo docente e que tem como objetivo saná-lo ou contribuir para sua diminuição. Pressupõe o uso do método científico no todo ou em parte como forma de colocar o aluno no centro do processo de construção do conhecimento, associando os objetivos de aprendizagem aos de formação da cidadania e construção da autonomia do sujeito aprendiz (Souza; Oliveira, 2021 apud Oliveira e Freitas, 2022, p.53).

Tendo em vista que as atividades propostas nas dissertações citadas tinham como público-alvo os alunos do Ensino Médio e eram direcionadas aos municípios de Jesuíta e São Miguel das Matas, respectivamente, Paraná e Bahia, algumas adaptações foram necessárias para que atendessem à realidade local, tanto por se tratar de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), com idade entre 11 e 14 anos, quanto por estarmos em um município diferente dos citados anteriormente. Parte das adaptações também visavam atender as necessidades específicas dos estudantes neuro atípicos, a fim de integrá-los em todas as atividades propostas.

As adaptações foram, antes de tudo, na linguagem utilizada, na maneira como os conceitos foram apresentados e a inclusão de atividades mais lúdicas e interativas, que chamassem a atenção dos alunos e servissem como facilitador no processo de aprendizagem, bem como promover uma ação estimuladora, reflexiva e não opressora. Sabe-se que as interações lúdicas no ambiente escolar favorecem de forma significativa o processo de ensino-aprendizagem. Ademais,

O uso do lúdico como facilitador no processo ensino aprendizagem, visa buscar novas metodologias para superar as dificuldades e defasagens encontradas na educação [...] O lúdico é uma ferramenta de extrema valia no processo de ensino aprendizagem, assume a finalidade de desenvolver habilidades, possibilitando ao aluno a oportunidade de estabelecer planos de ação para atingir objetivos, avaliar e obter resultados. O professor ao se conscientizar das vantagens do lúdico, adequará a determinadas situações de ensino, utilizando-as de acordo com suas necessidades. Concluindo, os alunos possuem a capacidade de construir e reconstruir conhecimentos, o que poderá ocorrer dentro ou fora do ambiente escolar. É papel do educador, portanto, enriquecer e ampliar esses conhecimentos buscando interações positivas (Nadaline, Final, 2013, p.11).

A dimensão propositiva do presente trabalho, conforme citamos anteriormente, consiste em utilizar sequências didáticas propostas em trabalhos dissertativos que serviram como referência para essa pesquisa.

Miotto (2018) desenvolveu uma sequência didática que envolve a criação de um portfólio pelos próprios alunos, no qual eles registraram atividades como a análise da toponímia das ruas, a leitura de textos reflexivos sobre identidade, memória e patrimônio. O objetivo foi o de promover a discussão da prática pedagógica, das fontes comprovadas e das aprendizagens e reflexões dos estudantes ao longo do processo. É relevante ressaltar que todas as etapas devem contar com a participação ativa dos educandos, que assumem o papel de autores no processo de ensino e aprendizagem, inclusive ao registrar e materializar o trabalho desenvolvido em um portfólio. É importante destacar que, ao contrário de Luciana Rosa, Franciele Miotto teve a oportunidade de desenvolver a sua proposta de “produto” em sala de aula, nas turmas de 1º e 2º ano do Ensino Médio Integral, entre os anos de 2017 e 2018.

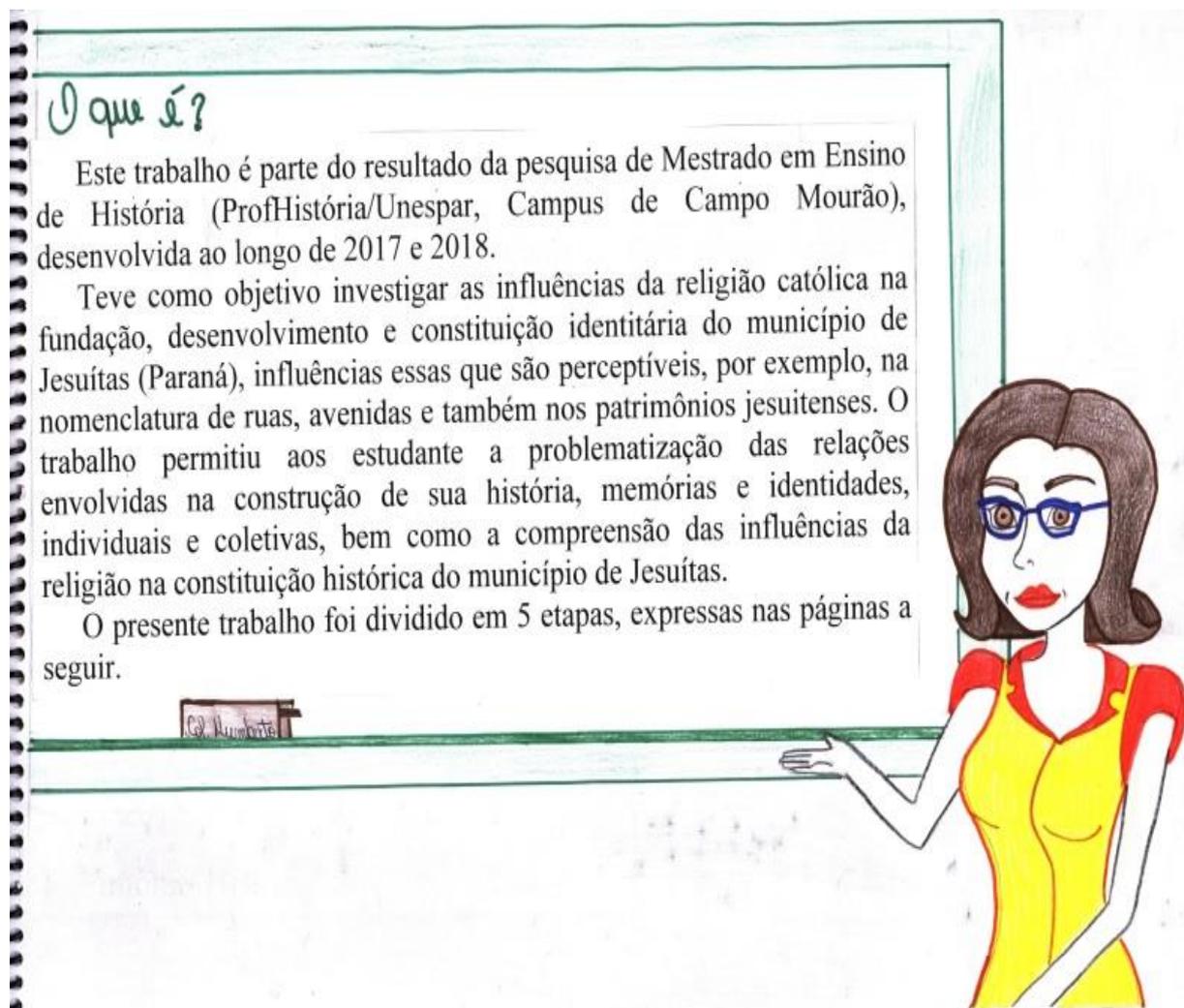
O último capítulo da dissertação traz uma descrição detalhada das atividades desenvolvidas nesse período, bem como os resultados obtidos a partir das mesmas. Segundo a autora, durante

o desenvolvimento, os alunos, de forma geral, mostraram-se bem envolvidos com as atividades propostas. Em muitos momentos, foram levados a organizar as ideias e conceitos por meio de apresentações a toda a turma, o que contribuiu também para uma melhor desenvoltura de fala e de postura. Os educandos relataram por diversas vezes que nunca haviam feito esse tipo de atividade anteriormente. Dessa forma pudemos observar uma grande dificuldade em relação à realização das pesquisas, visto que os 66 educandos não possuem uma prática de pesquisa científica, o que exigiu uma maior atenção por parte do professor durante as elaborações das investigações e apresentações (Miotto, 2018, p. 65-66).

Conforme foi dito antes, a autora descreveu todas as atividades e material de apoio utilizado, bem como o progresso dos alunos e sua produção com riqueza de detalhes, entretanto, ela não disponibilizou o material que foi utilizado nesse percurso, a exemplo dos textos que foram a base nas discussões dos principais conceitos. Isso pode dificultar a aplicação da sua proposta por outros professores. O portfólio (produto final) produzido, a partir das atividades propostas, foi disponibilizado em arquivo separado da dissertação. O produto final apresenta a síntese de toda a sequência didática, conta com a descrição

das atividades, produção dos alunos e imagens do percurso percorrido durante processo de aplicação da sequência didática. Assim como a dissertação, faz apenas referência aos textos utilizados nas discussões coletivas, não disponibiliza nenhum material ou atividade que possa ser usado por outro educador. A imagem abaixo, foi retirada do início do portfólio, essa foi a apresentação do produto final:

Figura 1 – Apresentação do portfólio



Fonte: Portifólio Produto Final

O trabalho foi dividido em cinco etapas. O quadro abaixo, preenchido com informações retiradas do produto final, apresenta o cronograma das atividades ao longo de 2017 e 2018.

Quadro 3 – Cronograma de atividades da Sequência Didática

Mês/ano	Série	Atividade desenvolvida
Fev. a mai. de 2017	1º ano EM	Dialogando com os conceitos de Cultura e Patrimônio
Mai. a jun. de 2017	1º ano EM	Discutindo conceitos de Memória e Identidade
Jul. a ago. de 2017	1º ano EM	Levantamento topográfico e a influência da religião católica
Set. a dez. de 2017	1º ano EM	Constituição do município de Jesuítas e a influência da Igreja Católica / Trabalho de campo
Fev. a mai. de 2018	2º ano EM	Sistematizando: Jesuítas a partir da análise do livro “50 anos de Evangelização”.

Fonte: adaptado de Miotto (2018)

Rosa (2022), por sua vez, elaborou uma

sequência didática guiada por dois materiais: orientações pedagógicas, destinadas ao/à professor/a, descrevendo o material a ser utilizado bem como orientações que possam ajudar na reflexão do tema; e Caderno de registros, direcionado aos/às estudantes para que possam ter contato com o material apresentado, bem como fazer anotações ao longo do desenvolvimento das atividades (Rosa, 2022, p. 59).

O trabalho de Luciana Rosa propõe uma sequência didática na qual os alunos aprendem sobre a história da cidade de São João das Matas a partir do estudo da motivação toponímica no nome de suas ruas. Apesar do material ter sido direcionado à cidade citada é perfeitamente adaptável a qualquer cidade, na qual o professor tenha interesse em desenvolver esse tipo de investigação.

As atividades propostas começam pela apresentação dos conceitos necessários para o desenvolvimento das fases seguintes. A intenção da autora é que os alunos participem de maneira ativa de cada fase, produzindo seu próprio conhecimento acerca da história do município.

É importante ressaltar que o material foi apresentado no último capítulo da dissertação e, também, disponibilizado como apêndice, o que facilita o trabalho do professor que deseja utilizá-lo em suas aulas. É fato conhecido que a carga horária exaustiva dos profissionais da educação não possibilita a leitura de materiais muito

extensos para a preparação do planejamento diário, ainda que essa seja a vontade do professor. Nesse sentido, ter acesso a materiais que dinamizem as aulas, conquiste a atenção e interesse dos alunos, de forma mais rápida e prática também pode motivar o educador pela busca dessas ferramentas, bem como incentivá-lo a produzir materiais adaptados à realidade da sua sala de aula.

Nesta trajetória se constitui a possibilidade de narrarmos episódios da história da cidade, construída a partir dos depoimentos e das memórias de seus/as moradores/as. E esse mesmo convite se estende para pensarem nas possibilidades que se colocam pela escrita a respeito da história de outras cidades: da sua cidade, da cidade na qual habitam os seus alunos (ROSA, 2022, p. 55).

Infelizmente, não foi possível aplicar em sala de aula as atividades propostas em sua sequência didática, por conta da pandemia de Covid-19. Em função disso, não constam, em sua dissertação, os resultados obtidos com tais atividades e, assim como Miotto, Luciana Rosa também não disponibilizou os recursos utilizados nas discussões em sala de aula, junto ao produto. Entretanto, foi disponibilizado o link para o recurso digital Padlet, “que é um mural virtual em que eles/as encontrarão textos, vídeos, músicas, entrevistas e artigos que darão suporte para as atividades que serão desenvolvidas nas aulas subsequentes. Neste recurso, os/as estudantes poderão, ainda, interagir, acrescentando dúvidas e/ou comentários. O conteúdo disponibilizado neste recurso será utilizado nas discussões em sala de aula”. Vejamos alguns exemplos das atividades propostas na sequência didática de Luciana Rosa.

Figura 2 – Atividades sugeridas na sequência didática

Para início de conversa...

Registre nas linhas abaixo o que você sabe sobre a cidade em que vive.
Qual a história de São Miguel das Matas?
É importante estudar sobre a cidade em que nós vivemos?

Below the text box is a large rectangular area with horizontal lines for writing.

Entre o Arco e as Matas Orientações pedagógicas Pág. 6

Fonte: Rosa (2022)

Figura 3 – Atividades sugeridas na sequência didática

Para saber um pouco mais...

Qual o nome da rua em que você mora?

Ela é conhecida por outro nome ou apelido?

No trajeto até a escola, por quais ruas você passa?

Escolha um lugar, uma construção, uma árvore ou placa que chame a sua atenção nesse trajeto de casa até a sua escola e descreva-o.

Desenhe abaixo o caminho que você percorre de sua casa até a escola.

Entre o Arcanjo e as Matas Orientações pedagógicas Pág. 8

Fonte: Rosa (2022)

Ao professor, não basta ter conhecimento, é necessário estabelecer relação entre o saber e o saber fazer docente na Educação. Articular competências, habilidades e conteúdos; aperfeiçoar a nossa prática diária e ampliar as possibilidades de usos de fontes e metodologias.

Com a criação do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), em 1990, o sistema educacional brasileiro começou a ganhar novos contornos. O chamado “conteudismo” saiu de cena para dar lugar aos conceitos de competências e habilidades. A ideia trazida por eles era simples: contextualizar os conteúdos dados em salas de aula de forma que os alunos aplicassem os conhecimentos adquiridos em seu cotidiano fora da escola.

No entanto, após duas décadas ainda existe muita confusão e dificuldade na aplicação desses conceitos no planejamento dos professores e na sala de aula, isso se deve ao fato que “articular competências, habilidades e conteúdos exige investimento na formação continuada docente e a troca de experiências com colegas. E não ter medo de investir em situações diversificadas de aprendizagem, ainda que sejam trabalhados menos conceitos no ano letivo”.

4.1 ESCOLAS CONFESSIONAIS – COLÉGIO MONTE TABOR

Parte das atividades propostas, nas dissertações citadas, foram aplicadas nas turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Monte Tabor, por meio de um Projeto de Intervenção Escolar intitulado “As ruas da minha cidade contam história”. A primeira parte do trabalho foi desenvolvida entre os meses de novembro de 2023 e abril de 2024, a segunda parte será desenvolvida entre maio e outubro de 2024, com culminância prevista para o início do mês de novembro do mesmo ano.

Atuo como docente na Educação Básica desde 2012. Neste período trabalhei na Rede Pública de Ensino municipal e estadual, bem como em instituições privadas. Atualmente, leciono História e Arte para as turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Monte Tabor – uma instituição privada, confessional, cristã católica – administrada por religiosas ligadas a congregação das Medianeiras da Paz. As escolas confessionais, caracterizam-se

por seguir a “confissão” religiosa de uma determinada ordem religiosa ou congregação. Uma escola confessional pode ser católica, presbiteriana, evangélica, etc. Por ser “confessional”, esse tipo de escola professa, por via de regra, uma doutrina ou um princípio filosófico a ser seguido e que se dissemina em suas práticas cotidianas e em seu próprio marketing perante a sociedade[...] As escolas confessionais, ao contrário das escolas laicas, definem como objetivo primacial de sua prática pedagógica o desenvolvimento de uma opção religiosa e a adoção de uma conduta moral em seus alunos; para atingir essa meta, a escola confessional dissemina os conhecimentos filosófico-teológicos e os princípios educacionais da ordem religiosa à qual se vincula. (Bittar, M. In: Oliveira, D.A.; Duarte, A.M.C.; Vieira, L.M.F, 2010).

A justificativa para o surgimento da Congregação, inspirada pelo Salesiano Dom Antônio Campelo de Aragão, encontra-se nos seus documentos oficiais, vinculados em seu site. De acordo com os mesmos,

nasceu como resposta missionária à evidente necessidade de ajuda às populações das dioceses mais pobres e difíceis do interior do Brasil. No dia 10 de dezembro de 1968, foram constituídas canonicamente as “Irmãs Medianeiras da Paz” com sede no “Centro Social Pio XI” de Petrolina. O Instituto é formado por jovens mulheres que vivem a missão como expressão de mediação para a construção da Paz. Elas têm como modelo Jesus Cristo Mediador e colocam a santificação pessoal e a fecundidade do apostolado na base de cada atividade. A Congregação foi reconhecida como Grupo da Família Salesiana em 17 de fevereiro de 2019. Vive o carisma salesiano aplicando o Sistema Preventivo de Dom Bosco nos diversos âmbitos de sua missão: educação, saúde, assistência social e catequese familiar nas paróquias.⁶

O Instituto de Educação da congregação tem sua missão pautada em oferecer formação de qualidade a partir dos valores cristãos e da Pedagogia Preventiva de Dom Bosco, a mesma se concretiza sobre três pilares: razão, religião e bondade “*amorevolleza*”, que pressupõe que os educandos sejam tratados com amor, atenção e diálogo. O Sistema Preventivo consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do Diretor ou dos assistentes. Estes, “como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, deem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas. O sistema apoia-se todo inteiro

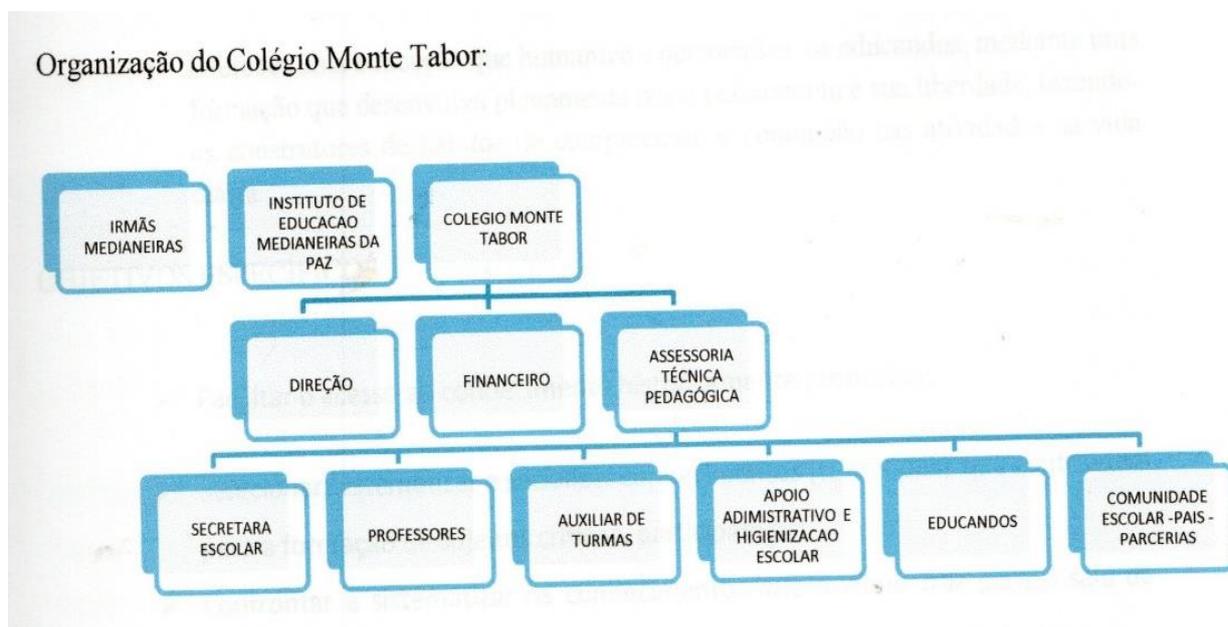
⁶ <https://salesianos.org.br/instituto-medianeiras-da-paz/>. Acesso em 01/05/2024.

na razão, na religião e na bondade. Por isso, exclui todo o castigo violento e procura evitar até as punições leves” (Dom Bosco, 1877 Apud Nanni, Carlo. p. 24).

O Colégio Monte Tabor foi fundado em 1992, está situado na Avenida Farroupilha, Bairro Patagônia, na Zona Oeste, periferia do município de Vitória da Conquista, um dos bairros mais populosos da cidade, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE, conta com uma população de quase 27 mil habitantes. O bairro tem um comércio variado, hospital, posto de saúde, clínicas médico-odontológicas, escolas públicas e privadas, igrejas de vários credos, terreiros de candomblé, entre outros. A comunidade conta com alguns serviços públicos como saneamento básico, pavimentação parcial das ruas e feira livre.

A intenção das Irmãs Medianeiras era atender crianças pequenas que ainda não poderiam ser acolhidas em outras instituições de ensino, por conta da pouca idade. Desde a sua fundação, o colégio passou por várias reformas estruturais, aumentando de maneira significativa o número de salas de aula. Há 32 anos, quando foi fundado, o colégio contava com apenas uma sala de aula, atualmente temos 14 salas de aula. Em poucos anos, atuando apenas como creche, houve a necessidade de expansão, sendo assim o Colégio passou a oferecer os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Em 2012, foi implementado o Fundamental II, do qual faço parte da equipe desde então.

Figura 3 – Organização do Colégio Monte Tabor



Fonte: Projeto Político-Pedagógico do Colégio Monte Tabor

A regulamentação constitucional da educação prioriza principalmente as disposições relacionadas ao ensino público, obrigatório e laico. Ao mesmo tempo, reconhece a liberdade da iniciativa privada na oferta de serviços educacionais, desde que estejam em conformidade com as normas gerais da educação nacional e sujeitas à autorização e avaliação de qualidade pelo Poder Público (BRASIL, 1988, art. 209).

Quanto as escolas confessionais, não existe uma lei específica sobre sua regulamentação, sua base constitucional refere a sua menção expressa no artigo 213 da Constituição Federal, que determina, juntamente às escolas comunitárias e filantrópicas, a possibilidade das mesmas de receberem incentivos financeiros do Estado, desde que atendidas algumas condições, e também pelos seguintes direitos fundamentais: a liberdade de religião ou crença, a liberdade de expressão (em sua faceta intelectual), o direito à vida privada e o direito social fundamental à educação (Moura, 2020, p.13).

4.2 APRENDENDO E ENSINANDO COM PROJETOS - PEDAGOGIA DE PROJETOS

Todos os anos, os/as professores/as desenvolvem diversos projetos educacionais em áreas de conhecimento específico e/ou interdisciplinares. Esses projetos envolvem todos os seguimentos oferecidos pela instituição e são submetidos à aprovação na reunião de planejamento, durante a jornada pedagógica, no início do ano. Nas disciplinas nas quais atuo, História e Arte, sempre incluí os projetos de intervenção voltados para História e Cultura Locais, abordando diversos assuntos sobre o tema.

Um projeto educacional pode ser uma iniciativa que visa aprimorar a qualidade da educação oferecida, desenvolver novas abordagens de ensino, promover a inclusão e a diversidade, integrar tecnologia à sala de aula, ou até mesmo focar em questões socioemocionais dos alunos. Pode envolver parcerias com instituições de ensino superior, uso de metodologias ativas, capacitação dos professores e até mesmo a criação de programas extracurriculares enriquecedores. É importante que o projeto seja alinhado com a missão e valores da escola, além de atender às necessidades específicas da comunidade escolar.

A pedagogia dos projetos é uma abordagem de ensino que coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem, incentivando a investigação, a autonomia e a resolução de problemas. Nesse método, os alunos são desafiados a desenvolver projetos

que abordem questões significativas e reais, envolvendo pesquisa, planejamento, execução e apresentação dos resultados.

Na primeira metade do século XX, um movimento de educadores europeus e norte-americanos contestava a passividade a que os métodos da Escola Tradicional condenavam a criança. Nesse movimento, denominado Escola Nova destacamos o filósofo John Dewey (1859-1952). Ele critica a Escola Tradicional, pois esta utilizava métodos passivos e os professores eram percebidos como detentores de todo saber. Dessa forma, reproduzia e perpetuava valores vigentes. Segundo Dewey, a educação é o único meio realmente efetivo para a construção de uma sociedade democrática. Sendo assim, a escola precisa manter um clima cooperativo e participativo para que a criança desenvolva competências necessárias para atuar, democraticamente, no grupo social (Gerir, 2003, v.09, p.20).

A ideia é que os estudantes adquiram conhecimento de forma mais ativa e contextualizada, aplicando o que aprenderam em situações práticas. Essa abordagem também promove o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como trabalho em equipe, comunicação e liderança.

A Escola Nova mantém uma linha de trabalho ativo. Ela valoriza a experimentação; a participação do aluno no processo de aprendizagem; a relação horizontal entre professor e aluno; pesquisa/descobertas e vivência em grupo. A doutrina escolanovista enriquece as ideias de uma escola que busca inovar sua prática pedagógica e prepara o aluno para a vida na sociedade, desenvolvendo algumas competências voltadas para seu engajamento no mundo do trabalho. Na Bahia, um exemplo de escola que se pautou nessa linha, foi a Escola Parque, fundada por Anísio Teixeira na metade do século XX (Gerir, 2003, v.09, p.20).

Segundo Freire (1996, p.71), “o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo”. Diante disso,

a Pedagogia de Projetos exprime-se como uma proposta, uma abordagem de trabalho que envolve e protagoniza o aluno junto ao professor. [...] Nesse sentido, altera-se a imagem do aluno de apenas receptor de “conteúdos” e do professor como “detentor do saber”. Essa esfera já é bastante presente no contexto educacional, uma vez, que o ensino e a forma de ensinar modificam-se constantemente. Visando ampliar e facilitar possibilidades de aprendizagens realmente significativas, numa demanda educacional de novas contingências, a Pedagogia de

Projetos se faz uma forma diversificada de metodologia, em que a construção de conhecimentos se dá de maneira coletiva, entre professores e alunos (Marques; Martinelli, 2020, p.94).

A Pedagogia de Projetos é uma prática educativa que valoriza a participação do educando e do educador no processo-aprendizagem, exige uma mudança de postura pedagógica, na qual o aluno é exposto a situações didáticas que sejam significativas, valorizem o cotidiano, os conhecimentos prévios, o contexto social e desenvolva o senso crítico, o apreço pela pesquisa e a resolução de problemas.

A elaboração do projeto de pesquisa requer planejamento para estabelecer um trabalho satisfatório e interessante. Existem alguns passos a serem seguidos para elaboração do projeto. Segundo, Hernández (1998, p. 61), constitui um “lugar” que pode permitir:

- a) Aproximar-se da realidade dos alunos, e favorecer a construção da subjetividade, longe de um prisma paternalista, gerencial ou psicologista, o que implica considerar que a função da Escola NÃO É apenas ensinar conteúdos, nem vincular a instrução com a aprendizagem.
- b) Revisar a organização do currículo por disciplinas e a maneira de situá-lo no tempo e no espaço escolares. O que torna necessária a proposta de um currículo que não seja uma representação do conhecimento fragmentada, distanciada dos problemas que os alunos vivem e necessitam responder em suas vidas, mas, sim, solução de continuidade.
- c) Levar em conta o que acontece fora da Escola, nas transformações sociais e nos saberes, a enorme produção de informação que caracteriza a sociedade atual, e aprender a dialogar de uma maneira crítica com todos esses fenômenos (Marques; Martinelli, 2020, p. 105).

Podemos concluir que a Pedagogia de Projetos valoriza a participação do educador e privilegia o protagonismo do discente no processo de ensino-aprendizagem, tornando-os responsáveis pela elaboração e desenvolvimento do projeto. Esse tipo de atividade desafia tanto a equipe docente quanto os alunos pois, segundo Nogueira (2001), “um projeto na verdade é, a princípio, uma irrealidade que vai se tornando real, conforme começa a ganhar corpo a partir da realização de ações e conseqüentemente, as articulações desta”.

Segundo Hernández (1998), os projetos não podem ser considerados como um modelo pronto e acabado ou como metodologia didática, ou separados de sua dimensão política. Trabalhar com projetos significa novo sentido ao processo do aprender e do ensinar. Eles devem estar voltados para uma ação concreta, partindo da necessidade dos alunos de resolver problemas da sua realidade, para uma prática social que pode ser adaptada ao contexto escolar através de exposições, maquetes,

músicas, dança, trabalhos artísticos, artesanatos, passeios, dentre outros (Gerir, 2023, p.21-22).

A elaboração e desenvolvimento de um Projeto Didático Pedagógico exige o cumprimento de algumas etapas, estabelecidas no roteiro abaixo:

1. Identificação do Projeto

A identificação deve conter o nome da instituição na qual o professor desenvolverá as atividades do projeto, o público alvo, o componente curricular e os profissionais envolvidos.

2. Justificativa

A Justificativa é o momento de fundamentar as motivações para a realização do projeto. Segundo Barros, “justificar um Projeto é convencer os seus leitores da sua importância, da sua relevância acadêmica e social, da viabilidade acadêmica e social, da viabilidade da sua realização, da pertinência do tema proposto”. (BARROS, 2015, p. 68)

3. Objetivos

Os objetivos se dividem em Objetivo Geral e Objetivos Específicos, são sentenças iniciadas com verbos no Infinitivo, expostos em tópicos e, costuma-se, apresentá-los separadamente. O Objetivo Geral é mais amplo e traz em seu texto a ideia central e a sua finalidade. Os Objetivos específicos devem estar diretamente ligados ao Objetivo geral, eles delimitam o tema e detalham os que se espera de cada conteúdo. Em suma, os Objetivos, consistem em apresentar qual o resultado que deseja ser alcançado com a realização do Projeto.

4. Metas e ações

As Metas e Ações devem estar diretamente ligadas a execução dos objetivos propostos. É o momento de descrever as propostas de atividades que serão desenvolvidas ao longo do Projeto e o que se pretende alcançar com cada uma delas.

5. Cronograma de execução

O cronograma de execução pode ser feito em uma tabela e deve detalhar quando cada atividade proposta será executada. Deve trazer as datas e etapas específicas das atividades em construção.

6. Monitoramento e avaliação

Acompanhar e avaliar o desempenho e comprometimento de todos os envolvidos na execução do projeto. É importante atribuir algum tipo de pontuação e/ou recompensa para

cada atividade realizada, pois essa atitude serve de incentivo para os alunos menos participativos.

Outras etapas podem ser acrescentadas, a exemplo de “Custos e financiamento”, caso esses sejam necessários para execução de alguma atividade, sobretudo, atividades práticas que exijam a obtenção de algum material para esse fim e, “Cronograma de desembolso”, nesse item devem ser descritos os gastos, orçamento disponível e quando os pagamentos relativos a cada item devem ser realizados.

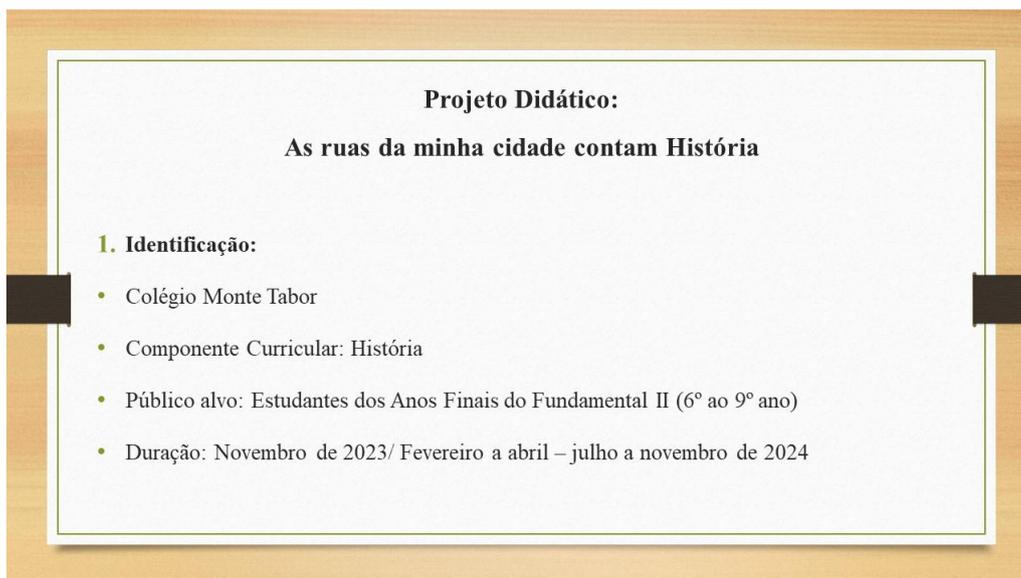
4.3 PROJETO DIDÁTICO PEDAGÓGICO – AS RUAS DA MINHA CIDADE CONTAM HISTÓRIA

Inicialmente, foi feita a apresentação do projeto às turmas por meio de aula expositiva com apresentação de *slides*.

Figura 4 – *Slide 1*: Cada da apresentação do projeto



Fonte: produzido pela autora.

Figura 5 – Slide 2: Identificação

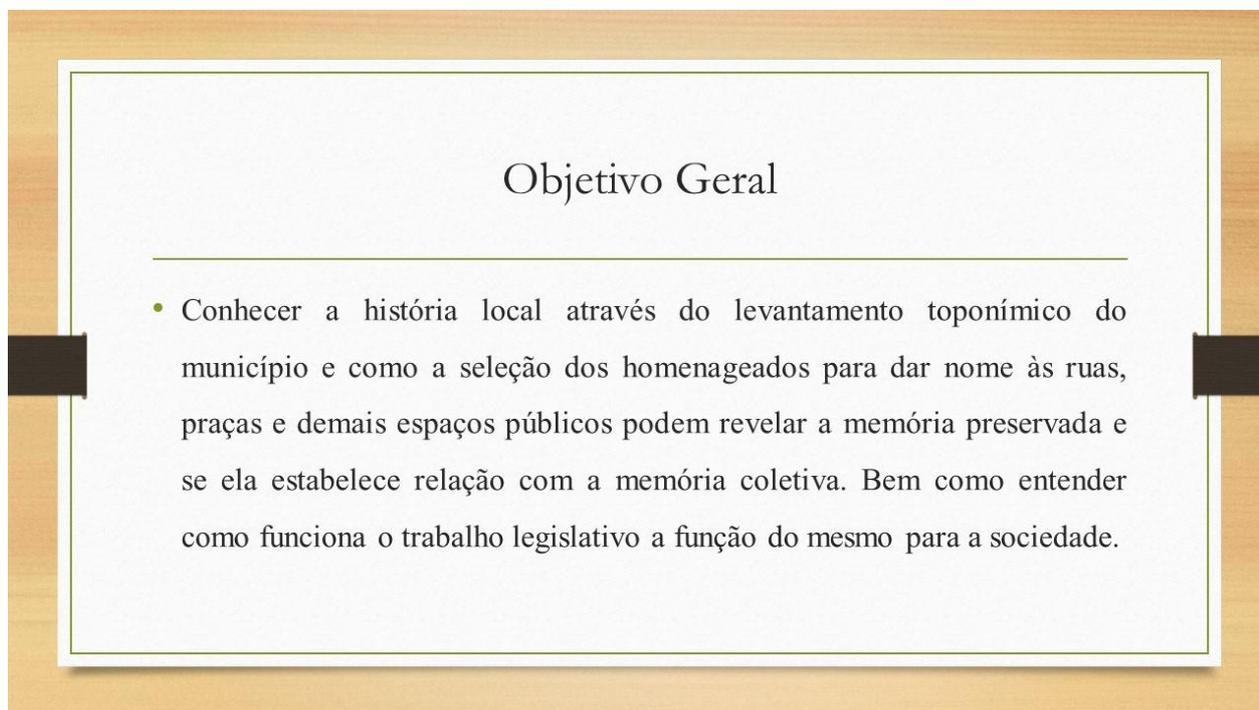
The slide features a light beige background with a white rectangular content area. The text is centered and includes a title, a subtitle, and a list of identification details.

Projeto Didático:
As ruas da minha cidade contam História

1. Identificação:

- Colégio Monte Tabor
- Componente Curricular: História
- Público alvo: Estudantes dos Anos Finais do Fundamental II (6º ao 9º ano)
- Duração: Novembro de 2023/ Fevereiro a abril – julho a novembro de 2024

Fonte: produzido pela autora.

Figura 6 – Slide 3: Objetivo Geral

The slide features a light beige background with a white rectangular content area. The title is centered at the top, followed by a horizontal line and a single bullet point.

Objetivo Geral

- Conhecer a história local através do levantamento toponímico do município e como a seleção dos homenageados para dar nome às ruas, praças e demais espaços públicos podem revelar a memória preservada e se ela estabelece relação com a memória coletiva. Bem como entender como funciona o trabalho legislativo a função do mesmo para a sociedade.

Fonte: produzido pela autora.

Figura 7 – Slide 4: Objetivos Específicos

Objetivos Específicos

- Discutir os conceitos de Memória, Identidade e Toponímia;
- Refletir a cidade como espaço de aprendizagem;
- Realizar um levantamento dos nomes de ruas e praças, do Bairro Centro e do entorno do Colégio Monte Tabor, identificando os homenageados e a motivação para tal homenagem;
- Analisar os registros históricos e documentais relacionados aos homenageados, buscando compreender o contexto e a importância de suas ações ou legados para a comunidade local;
- Realizar entrevistas ou pesquisas qualitativas com membros da comunidade para identificar percepções e narrativas sobre os homenageados e sua relevância para a identidade local;
- Entender como funciona o trabalho legislativo;
- Produzir um portfólio que sintetize os resultados das atividades desenvolvidas ao longo do projeto.

Fonte: produzido pela autora.

Figura 8 – Slide 5: Justificativa

Justificativa

“Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca...”

Eric Hobsbawm

Consideramos fundamental que os alunos, desde cedo, conheçam a história da cidade em que vivem, sendo papel da escola problematizar o patrimônio histórico e cultural presentes em cada localidade. Temos clareza de que sensibilizar os alunos para a importância de se conhecer a história de sua cidade não se configura como uma tarefa simples, porém, a medida que estabelecemos relações entre a história dos próprios alunos e sua cidade, o tema torna-se contextualizado, favorecendo o interesse e o envolvimento com o assunto.

Assim, esse projeto tem o propósito de apresentar aos alunos, a partir do levantamento toponímico das ruas e praças do Bairro Centro e das ruas do entorno do Colégio Monte Tabor, instituição na qual leciono e o presente projeto foi desenvolvido, a motivação para nomeação de tais lugares e estabelecer a relação dos mesmos com a memória local e a função do trabalho legislativo nesse processo.

Fonte: produzido pela autora.

Figura 9 – Slide 6: Continuação da Justificativa

As ruas servem de suporte para perpetuação de determinados acontecimentos ou, como é mais comum, para marcar o nome de grandes personalidades. As ruas, mais do que vias públicas ou locais de passagem que abrigam casas e comércios, podem ser consideradas espaços de memória permeados de significados simbólicos. A cidade e suas ruas, de acordo com Faggion e Misturini, estão impregnadas de memória. A memória oficial marca no nome da rua, bem como nas relações de poder, pois uma determinada classe social escolhe, seleciona e nomeia ruas e outros logradouros numa demonstração do que é considerado relevante para uma determinada comunidade, e define uma memória coletiva que, mesmo quando ofuscada pelo tempo, deixa entrever o desejo de pertencimento de uma determinada classe.

Através do estudo da história local o aluno pode desenvolver mais habilidades como: analisar, compreender, comparar, dentre outras habilidades extremamente importantes no estudo da História. Além de compreender conceitos como cultura, ideologia, identidade, estruturas sociais e relações de poder da história local.

Fonte: produzido pela autora.

Figura 10 – Slide 7: Cronograma de Atividades 1º etapa do Projeto

Cronograma de Atividades		
1ª Etapa do Projeto – Aula de Campo		
Visita à Câmara de Vereadores		
Mês/ano	Série	Atividades Desenvolvidas
Nov/2023	6º ao 9º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do projeto; • Sondagem de conhecimentos sobre o município de Vitória da Conquista e o bairro Patagônia; • Dialogando conceitos de Cultura e Patrimônio
Fev/2024	6º ao 8º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Discutindo sobre Motivação toponímica, Memória e Identidade; • Levantamento toponímico das ruas do Bairro Centro e do entorno do Colégio Monte Tabor.
Mar/2024	6º ao 8º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecendo o trabalho legislativo: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Qual a função da Câmara de Vereadores? ▪ O que é um Decreto? ▪ O que é um Projeto de Lei? • Eleição dos Vereadores
Abr/2024	6º ao 8º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecendo um Projeto de Lei; • Edição do Decreto; • Inauguração da Biblioteca; • Visita à Câmara de Vereadores – Sessão simulada.

Fonte: produzido pela autora.

Figura 11 – Slide 8: Cronograma de Atividades 2º etapa do Projeto

2º Etapa do Projeto – Pequenos Escritores		
Produção de Livro		
Mês/ano	Série	Atividades Desenvolvidas
Jul/2024	6º ao 8º ano	Levantamento Toponímico das ruas conquistenses.
Ago/2024	6º ao 8º ano	Construção de tabela com as características dos topônimos.
Set/2024	6º ao 8º ano	Pesquisa biográfica dos homenageados nos topônimos conquistenses.
Out/2024	6º ao 8º ano	Produção do livro sobre a História do município a partir do estudo toponímico.
Nov/2024	6º ao 8º ano	Impressão do livro; Noite de autógrafos.

Fonte: Produzido pela autora.

Na segunda parte da aula foi sondado o conhecimento dos alunos acerca do bairro no qual está situado o colégio e/ou no qual residem. Segue, abaixo, algumas das perguntas feitas durante a discussão coletiva:

Figura 12 – Sondagem de conhecimentos prévios

Discussão coletiva
a) Você nasceu nesse bairro? Há quanto tempo você mora nesse bairro?
b) Você conhece a história do bairro?
c) Você sabe qual o nome da rua onde está sua casa? Sabe qual o motivo dessa nomeação?
d) Você sabe qual o nome da rua onde fica o colégio? Sabe qual o motivo dessa nomeação?
e) Você sabe se essa rua sempre teve esse nome? Sabe se existe algum nome não oficial para ela?

Fonte: produzido pela autora.

A produção escrita é um recurso muito útil no processo de aprendizagem dos alunos, não apenas na área de Linguagens, mas em qualquer área de conhecimento. Por meio da elaboração de textos, os estudantes não apenas expressam suas ideias, mas também deixam de ter um papel passivo de leitores para se tornarem autores, enquanto escrevem o texto, os alunos expõem suas ideias e têm a oportunidade de criar, utilizando seus conhecimentos prévios e imaginação, afim de demonstrar sua compreensão do tema proposto.

Na sequência foram trabalhados os conceitos de Cultura e Patrimônio, cada aluno recebeu uma cópia do texto, foi feita uma leitura compartilhada do mesmo. Esse tipo de atividade estimula que todos participem da discussão. Segundo Rosa (2022), “ao criar um ambiente de escuta, troca de ideias, valorização da opinião de todas e todos, de colaboração e buscando levantar questionamentos, pontuando dúvidas em que as respostas não estarão a cargo apenas do/a professor/a, que será um mediador na construção de reflexões e diálogos compartilhados”. A roda de conversa também favorece a participação mais inclusiva dos alunos com necessidades específicas, haja vista que a dificuldade de alguns desses adolescentes está na leitura e compreensão de textos.

“A roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências”. (Rcnei, 1998, p. 138).

Por conta das demandas do calendário letivo do colégio, essas foram as únicas atividades desenvolvidas no mês de novembro de 2023. Foi possível perceber que os alunos têm interesse pela história local e curiosidade em aprender sobre o mundo que os cerca. Na atividade de sondagem, os alunos das turmas do 8º e 9º anos, tiveram um desempenho melhor, pois como foi citado antes, sempre promovo atividades que incluem o estudo da história local, ainda que esse objeto de conhecimento, de acordo com a BNCC, não componha a grade curricular dos anos finais do Ensino Fundamental, contudo ainda que esse seja um documento normativo, isso não significa que não podemos trabalhar conteúdos além da BNCC, pois a mesma ocupa em torno de 60% dos currículos, os outros 40% são definidos pelos Estados, pelos municípios e pelos professores.

Nós, enquanto docentes, temos que nos apropriar dessa janela existente e transgredir na elaboração do nosso planejamento e levar para sala de aula conteúdos e metodologias que de alguma forma vão impactar no processo de construção de pessoas críticas e participativas.

Em relação aos alunos do 6º e 7º anos, os conhecimentos prévios sobre a história local se limitavam à história colonial, do período da chegada dos Bandeirantes e o extermínio dos Povos Originários, sobretudo, o mito do “Banquete da Morte”; ao significado das cores da bandeira e da letra do hino municipal. A abordagem de outros temas sobre a história do município os fez estabelecer conexão com o Ensino de História.

4.4 DISCUTINDO SOBRE MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Iniciamos a aula com uma breve revisão do que foi exposto anteriormente sobre o assunto para assegurar que as dúvidas sobre os conceitos utilizados foram sanadas. Esta é a atividade de introdução dos alunos aos estudos toponímicos. É uma atividade que servirá para provocar reflexões acerca da presença da rua no cotidiano dos estudantes e sua percepção da mesma. As pessoas costumam transitar pela cidade sem nem montar os pontos de referência, as placas, as árvores que encontram pelo caminho. Esta atividade tem como objetivo principal fazer os olhares se voltarem para os caminhos que os estudantes percorrem diariamente (Rosa, 2022).

Após a revisão foi entregue um questionário a cada aluno, com perguntas sobre o lugar onde residem e qual o trajeto percorrido por eles cotidianamente no caminho para o colégio. O intuito dessa atividade é fazê-los refletir sobre seu cotidiano e perceber que existe história até no caminho percorrido diariamente até o colégio.

Figura 14 – Entrevistas com os alunos.

Vamos conversar?

1. Qual o nome da rua na qual você mora?

2. Ela é conhecida por outro nome ou apelido?

3. No trajeto até o colégio, por quais ruas você passa?

4. Escolha um lugar, uma construção, uma árvore ou placa que chame a sua atenção nesse trajeto de casa até a sua escola. Descreva-o.

5. Desenhe abaixo o caminho que você percorre de sua casa até o colégio.

Fonte: Adaptado de Rosa (2022).

Na aula seguinte foi entregue a cada aluno um texto sobre o tema da aula – os conceitos de Toponímia, Memória e Identidade. Foi pedido aos alunos que se dividissem em grupos, eles fizeram a leitura compartilhada nos grupos, escreveram as dúvidas que surgiram durante a leitura, após esse momento estabelecemos uma roda de conversa, na

qual cada grupo expôs seus comentários e suas dúvidas. Coube à professora a mediação do debate e a resolução das dúvidas.

4.5 LEVANTAMENTO TOPONÍMICO DAS RUAS DO BAIRRO CENTRO E DO ENTORNO DO COLÉGIO MONTE TABOR

Nessa etapa do projeto, de posse da lista atualizada dos logradouros do município de Vitória da Conquista e com o apoio do aplicativo *Google maps*, os alunos fizeram o levantamento toponímico das ruas do Bairro Centro e das ruas do entorno do colégio Monte Tabor.

As turmas foram divididas em grupo, cada grupo ficou responsável por construir tabelas com os nomes das ruas, classificando-as de acordo com as tabelas de características taxionomias de natureza física e taxionomias de natureza antropocultural, conforme apresentadas na aula anterior e que estão dispostos nos Quadros 1 e 2, na sessão 2.3 deste trabalho.

4.6 CONHECENDO O TRABALHO LEGISLATIVO – SESSÃO SIMULADA NA CÂMARA DE VEREADORES

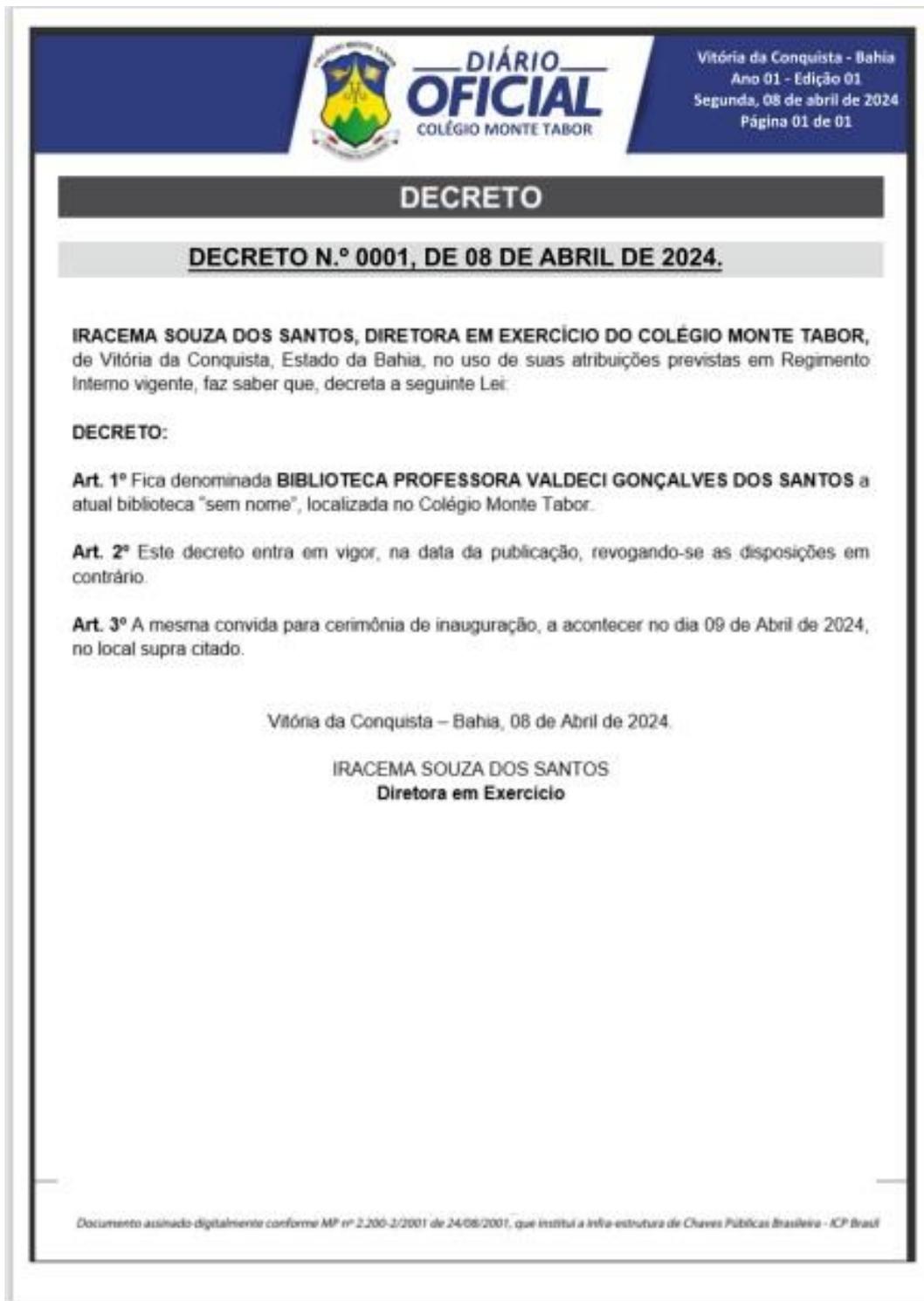
Uma das sugestões do trabalho de Luciana Rosa (2022) era o de elaborar uma aula de campo na Câmara de Vereadores, no sentido de fazer com que os estudantes experienciem o processo de construção de projetos de lei que propõem a nomeação de logradouros na cidade.

Para isso, iniciamos a atividade fazendo com que os alunos tivessem acesso à legislação vigente a nível municipal, estadual e federal a respeito da escolha dos nomes para as ruas, praças e instituições públicas. Puderam, também, entender como é produzido um Projeto de Lei para propor o nome com o qual será batizado determinado lugar. Nesse contato com o trabalho legislativo, por exemplo, foi possível explicar aos alunos a diferença entre um Decreto e um Projeto de Lei.

Com o intuito de mostrar como se dá o processo de nomeação, por meio de Decreto, foi elaborado um Diário Oficial fictício, no qual foi publicado o “Decreto” da diretora do colégio, nomeando a biblioteca em homenagem à Professora Valdeci Gonçalves, mais conhecida como Tia Val, primeira professora com formação específica

a atuar na instituição, conhecida por ser exímia alfabetizadora, foi colaboradora do colégio por 25 anos e que, infelizmente, faleceu em 2020.

Figura 13 – Decreto de nomeação da biblioteca

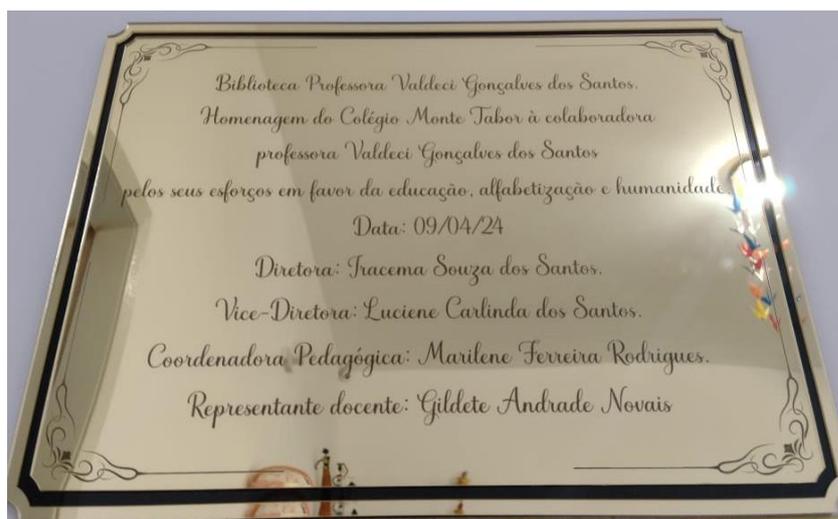


Fonte: Produzido pela autora.

O “Diário Oficial do Colégio” foi anexado nos murais das salas de aula e publicado nas redes sociais do mesmo, o que gerou grande comoção entre os funcionários e alunos que conviveram com a referida professora e também na comunidade do entorno do colégio, grande parte dessas pessoas ex-alunos de Tia Val.

No dia 07 de abril de 2024, em cerimônia simbólica, a biblioteca foi reinaugurada como Biblioteca Professora Valdeci Gonçalves, com a presença da atual gestão, coordenação pedagógica, corpo docente, alunos e a família da homenageada.

Figura 14 – Placa de inauguração da biblioteca



Fonte: produzido pela autora.

Figura 15 – Inauguração da placa da biblioteca



Fonte: produzido pela autora.

Dando sequência ao projeto, começamos a nos preparar para a visita/aula de campo à Câmara de Vereadores. Na ocasião foi realizada uma sessão simulada, com as turmas do 6º ao 8º ano. De acordo com o vereador Valdemir Dias, presidente da Comissão de Educação da Câmara, e responsável por nos conduzir durante a visita, essa foi a primeira “Sessão Mirim” da casa.

Para compreender esse processo na prática, os estudantes escreveram um Projeto de Lei para nomear o Módulo II do colégio, até então sem nome. Essa atividade contou como eleições nas turmas, para escolha dos “vereadores” que representariam as turmas na votação do Projeto de Lei.

Figura 16 – Vereadores eleitos pelo 6º ano



Fonte: produzido pela autora.

Figura 17 – Vereadores eleitos pelo 7º e 8º ano.



Fonte: produzido pela autora.

Figura 18 – Projeto de Lei escrito pelos alunos do 8º ano.

Visita à Câmara de Vereadores

Sessão simulada

PROJETO DE LEI N.º 0004, DE 25 DE ABRIL DE 2024.



Dispõe sobre a nomeação do Módulo II, do Colégio Monte Tabor, de Vitória da Conquista, como Professora Adriana Santos Oliveira. Atualmente, o referido lugar encontra-se sem nomeação

Art. 1º Fica denominado Professora Adriana Santos Oliveira, o módulo II, do Colégio Monte Tabor, de Vitória da Conquista, atual módulo “sem nome”.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Vereadora Débora Rodrigues Sousa — **Vereador João Paulo Nunes Santos**
Relatora — **Relator**

Fonte: produzido pela autora.

Figura 19 - Projeto de Lei escrito pelos alunos do 8º ano.

Visita à Câmara de Vereadores

Sessão simulada

JUSTIFICATIVA

O Projeto de Lei em apreço dispõe sobre a denominação de Professora Adriana Santos Oliveira, o Módulo II do Colégio Monte Tabor, no município de Vitória da Conquista- BA, e dá outras providências.

A homenageada, Adriana Santos Oliveira, conquistense, nasceu no dia 24 de abril de 1975, filha da saudosa Valdeci Gonçalves dos Santos. Casou-se com Francisney Nunes da Silva, de cujo matrimônio nasceram os filhos: Arles Oliveira Nunes da Silva e Agnes Oliveira Nunes da Silva.

A homenageada trabalhou durante vinte e um anos no Colégio Monte Tabor, lecionou na Educação Infantil e Anos Iniciais do Fundamental Ensino, havendo dedicado sua vida profissional a essa instituição.

A Professora Adriana Santos Oliveira era pessoa carismática e bastante conhecida. Uma profissional de excelência, muito responsável e dedicada, não media esforços para exercer sua profissão e alcançar os objetivos educacionais de seus alunos.

A proposta de nomear o módulo II, do Colégio Monte Tabor, em homenagem à Professora Adriana Santos Oliveira, foi vista com muito entusiasmo pelos atuais colaboradores da instituição de ensino, sobretudo, a professora Sueli, que trabalhou ao lado da homenageada, de acordo com suas palavras, "sente-se muito emocionada e apoia plenamente". Assim como a professora Joelsa que considera "muito linda essa homenagem.

A homenageada faleceu em janeiro de 2021 e, para lhe fazer justiça, por se tratar de profissional de deixou muitas saudades no coração da comunidade, roga-se pela aprovação do Projeto de Lei ora justificado.

Vereadora Débora Rodrigues Sousa
Relatora

Vereador João Paulo Nunes Santos
Relator

Figura 20 - Projeto de Lei escrito pelos alunos do 7º ano.

**Visita à Câmara de Vereadores
Sessão simulada**

PROJETO DE LEI N.º 0005, DE 25 DE ABRIL DE 2024.



Dispõe sobre a nomeação do Módulo II, do Colégio Monte Tabor, de Vitória da Conquista, como Corredor Marie Curie, o referido lugar encontra-se sem nomeação adequada.

Art. 1º Fica denominado Corredor Marie Curie, o módulo II, do Colégio Monte Tabor, de Vitória da Conquista, atual módulo “sem nome”.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Vereadora Sthefany Brito da Silva
Relatora

Vereador Pedro Ribeiro Souza
Relator

Figura 21 - Projeto de Lei escrito pelos alunos do 7º ano.

**Visita à Câmara de Vereadores
Sessão simulada**

JUSTIFICATIVA

Marie Skłodowska-Curie, nascida Maria Salomea Skłodowska, nascida em Varsóvia, 7 de novembro de 1867, foi uma física e química polonesa naturalizada francesa, que conduziu pesquisas pioneiras sobre radioatividade. Foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel, sendo também a primeira pessoa e a única mulher a ganhá-lo duas vezes, além de ser a única pessoa a ter ganhado o Prêmio Nobel em dois campos científicos diferentes. Também foi a primeira mulher a se tornar professora na Universidade de Paris.

Suas realizações incluem o desenvolvimento da teoria da "radioatividade" (um termo que ela cunhou), técnicas para isolar isótopos radioativos e a descoberta de dois elementos químicos, o polônio e o rádio. Sob sua direção, foram conduzidos os primeiros estudos para o tratamento de neoplasias usando isótopos radioativos. Durante a Primeira Guerra Mundial, ela desenvolveu unidades de radiografia móvel para fornecer serviços de raio-X a hospitais de campanha.

Casou-se em julho de 1895, com Pierre Curie, com o qual teve uma filha chamada Irene Curie.

O trabalho de Curie ajudou a derrubar ideias estabelecidas na física e na química, teve um efeito igualmente profundo na esfera social. Para alcançar suas conquistas científicas, ela teve que superar barreiras, tanto em seu país natal quanto em seu país de adoção, que foram colocadas em seu caminho apenas por ser mulher.

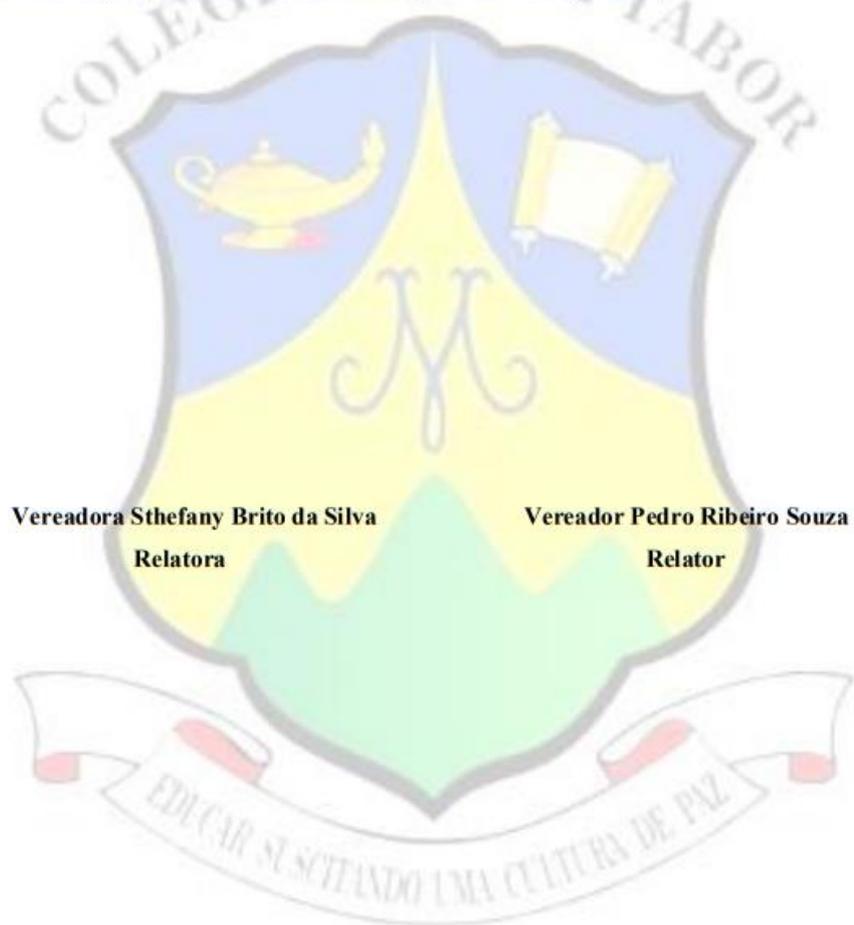
A homenageada era conhecida por sua honestidade e estilo de vida moderado. Ela deu grande parte do dinheiro que recebeu em seu primeiro Nobel a amigos, familiares, estudantes e pesquisadores. Em uma decisão incomum, Curie evitou intencionalmente patentear o processo de isolamento de rádio para que a comunidade científica pudesse fazer pesquisas sem impedimentos. Ela insistiu que presentes e prêmios monetários fossem dados às instituições científicas às quais ela era afiliada e não a ela.

Fonte: produzido pela autora.

Figura 22 - Projeto de Lei escrito pelos alunos do 7º ano.

**Visita à Câmara de Vereadores
Sessão simulada**

Seu falecimento ocorreu em 4 de julho de 1934, por anemia aplástica que se acredita ter sido contraída por sua exposição prolongada à radiação e, para lhe fazer justiça, por se tratar de profissional que deixou um legado importantíssimo para a humanidade e por fomentar o empoderamento feminino e as contribuições das mulheres nos estudos, roga-se pela aprovação do Projeto de Lei ora justificado.



Fonte: produzido pela autora.

A Sessão simulada aconteceu no dia 25 de abril de 2024, na qual os projetos elaborados pelas turmas foram apresentados e, por meio de votação aberta e democrática foi escolhido o Projeto 0005/2024, elaborado pelo 8º ano, que nomeia o módulo II como Professora Adriana Santos Oliveira. A Sessão Simulada foi a culminância da primeira etapa do Projeto Didático Pedagógico denominado “As ruas da minha cidade contam História”, foi aberto ao público, contou com a participação da comunidade escolar, funcionários da Câmara e cobertura da imprensa local.

Conforme destacado por Gil (2019), a educação é compreendida como um processo contínuo de escolhas políticas e decisões pedagógicas. Assim, o ensino e a aprendizagem são necessariamente reflexivos, participativos, democráticos e comprometidos com as histórias silenciadas.

Para elaboração dos projetos, os alunos tiveram uma aula expositiva com uso de recursos áudio visuais, foram apresentados exemplos de Projetos de Lei e orientações de como proceder com a pesquisa sobre os possíveis homenageados com a nomeação do módulo II.

Figura 23 – Cédulas de votação do Projeto de Lei

<p>Nomeação Módulo II Escolha uma das propostas abaixo. Assinale com um "X"</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0004/2024 - 8º ano Professora Adriana Santos Oliveira</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0005/2024 - 7º ano Corredor Marie Curie</p>	<p>Nomeação Módulo II Escolha uma das propostas abaixo. Assinale com um "X"</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0004/2024 - 8º ano Professora Adriana Santos Oliveira</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0005/2024 - 7º ano Corredor Marie Curie</p>	<p>Nomeação Módulo II Escolha uma das propostas abaixo. Assinale com um "X"</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0004/2024 - 8º ano Professora Adriana Santos Oliveira</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0005/2024 - 7º ano Corredor Marie Curie</p>
<p>Nomeação Módulo II Escolha uma das propostas abaixo. Assinale com um "X"</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0004/2024 - 8º ano Professora Adriana Santos Oliveira</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0005/2024 - 7º ano Corredor Marie Curie</p>	<p>Nomeação Módulo II Escolha uma das propostas abaixo. Assinale com um "X"</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0004/2024 - 8º ano Professora Adriana Santos Oliveira</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0005/2024 - 7º ano Corredor Marie Curie</p>	<p>Nomeação Módulo II Escolha uma das propostas abaixo. Assinale com um "X"</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0004/2024 - 8º ano Professora Adriana Santos Oliveira</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0005/2024 - 7º ano Corredor Marie Curie</p>
<p>Nomeação Módulo II Escolha uma das propostas abaixo. Assinale com um "X"</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0004/2024 - 8º ano Professora Adriana Santos Oliveira</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0005/2024 - 7º ano Corredor Marie Curie</p>	<p>Nomeação Módulo II Escolha uma das propostas abaixo. Assinale com um "X"</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0004/2024 - 8º ano Professora Adriana Santos Oliveira</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0005/2024 - 7º ano Corredor Marie Curie</p>	<p>Nomeação Módulo II Escolha uma das propostas abaixo. Assinale com um "X"</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0004/2024 - 8º ano Professora Adriana Santos Oliveira</p> <p><input type="checkbox"/> Projeto 0005/2024 - 7º ano Corredor Marie Curie</p>

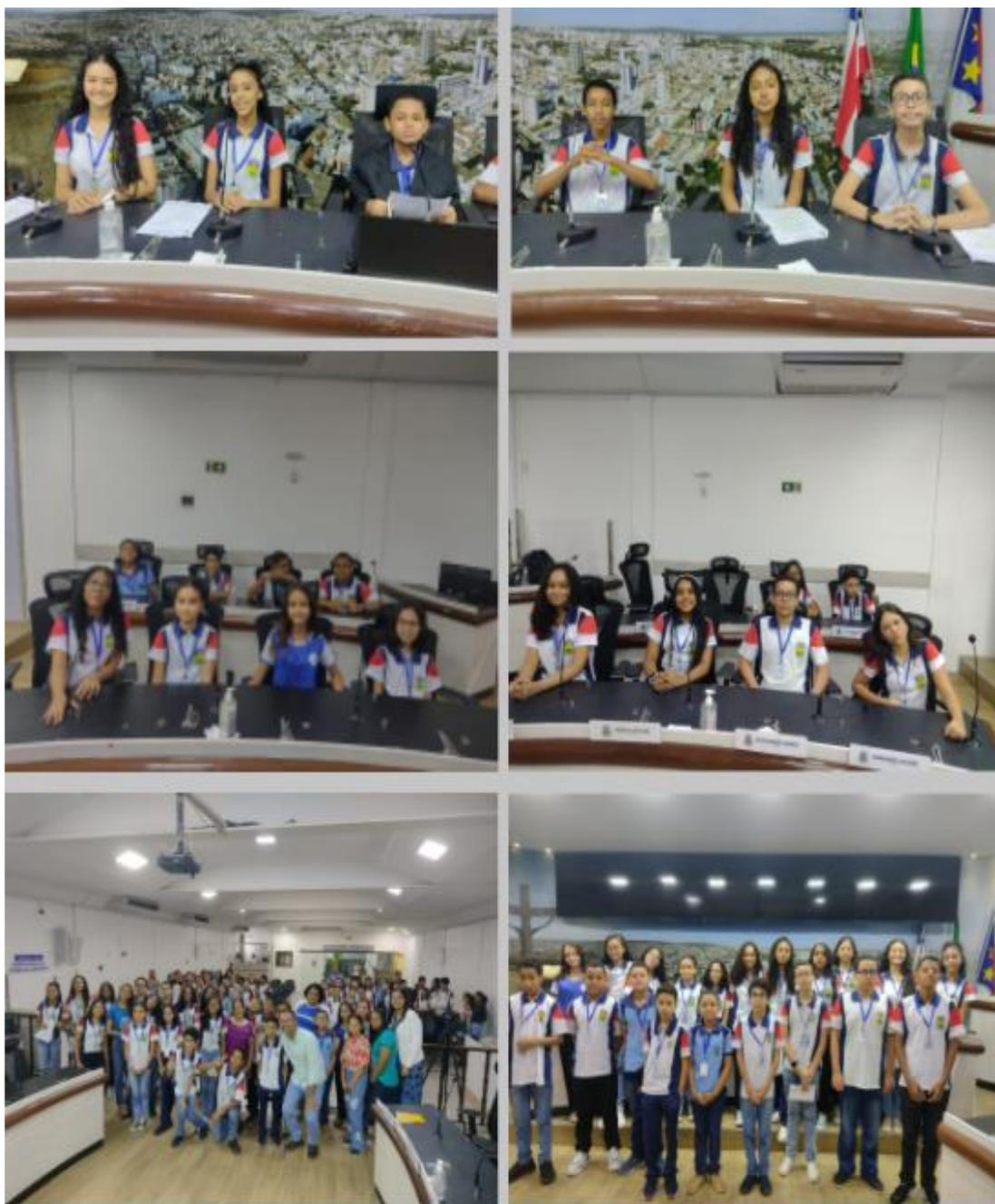
Fonte: produzido pela autora.

Figura 24 – Visita à Câmara – leitura dos projetos.



Fonte: produzido pela autora.

Figura 25 – Visita à Câmara – leitura dos projetos



Fonte: produzido pela autora.

Figura 26 – Visita à Câmara – contagem dos votos.



Fonte: produzido pela autora.

Após a visita à Câmara, os alunos produziram uma redação memorial, relatando todo o roteiro da visita, as experiências e aprendizagens adquiridas. A partir da reflexão das perguntas abaixo:

- O que você achou da visita à Câmara de Vereadores?
- O que mais lhe chamou a atenção?
- Qual função você desempenhou na Sessão simulada?
- Após a visita, você sentiu curiosidade em aprender mais sobre o trabalho legislativo ou como você pode ser um cidadão mais atuante?

Nos relatos, ficou evidente quão proveitosa foi a aula de campo, assim como a surpresa experimentada por muitos alunos ao descobrirem que a Câmara de Vereadores está aberta à participação popular e à possibilidade de aprendizado para além dos limites físicos da escola. Todos se sentiram protagonistas da aula e parte ativa da vida da comunidade. De acordo com Carmem Gil (2019), a educação deve ser compreendida como um processo contínuo de escolhas políticas e decisões pedagógicas. Assim, o ensino

e a aprendizagem são necessariamente reflexivos, participativos, democráticos e comprometidos com as histórias silenciadas (Rosa, 2022, p. 81).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alcancei este ponto! Ainda com incredulidade... Chegar ao término de uma pós-graduação não é uma jornada simples, especialmente em uma sociedade que nos pressiona, como mulheres, a sermos "guerreiras" e a dar conta de tudo; uma sociedade que romantizou a exaustão e nos ensinou que não é admissível descansar sem sentir culpa.

Chego ao fim desta jornada grata por todas as experiências que me permitiram vivenciar. Realizar o sonho de fazer o mestrado, desafiar a mim mesma e, principalmente, desafiar aqueles que me julgaram incapaz desse feito. Retornar à academia possibilitou trocas valiosas com colegas da minha área de atuação, especialmente porque na instituição de ensino onde leciono atualmente, sou a única professora de História no segmento.

O propósito desta dissertação foi propor abordagens inovadoras para o ensino de história, com foco na História Local, utilizando a toponímia das ruas de Vitória da Conquista como ponto de partida. Explorou-se como a motivação toponímica se conecta com a memória coletiva, a memória esquecida e a formação das identidades locais.

As narrativas das comunidades urbanas frequentemente se entrelaçam com a história das ruas onde residem. A rua representa um espaço onde várias gerações coexistem, sendo palco de histórias tanto do passado quanto do presente. O legado do passado se manifesta nas ruas por meio das memórias de quem há muito tempo habita aquele local. Enquanto isso, o presente é marcado pelo constante movimento da história que é vivenciada diariamente pelos residentes e transeuntes das ruas.

A experiência realizada com os alunos, que são o principal motivo do nosso trabalho, mostrou que o tipo de abordagem feita nas atividades desenvolvidas é muito bem aceita por eles. Desde o primeiro contato com a proposta de trabalho eles se mostraram empolgados com a possibilidade da nova experiência de aprendizagem nas aulas de história, sobretudo, com a possibilidade de explorar novos ambientes de aprendizagem fora do ambiente escolar. Puderam vivenciar a cidade e se entenderem como parte dela. Nas discussões estabelecidas em sala de aula, durante o levantamento e a motivação toponímica das ruas do município, ficou evidente como os alunos são capazes de perceber que a memória oficial, contada pela elite, tenta sufocar, apagar ou marginalizar a memória coletiva, bem como todos nós somos agentes históricos e também agentes de transformação no mundo que nos cerca.

Explorar a História Local reflete não apenas as transformações, mas também a dinâmica de poder local enraizada em relações políticas e sociais, bem como controle das instâncias de poder político, jurídico e ideológico por parte da elite na motivação toponímica na formação e manutenção do poder. Essa interseção entre política e família não apenas influenciou a administração da cidade e a implementação de políticas públicas, mas também delineou as relações sociais e econômicas locais. Ao longo dos séculos XIX e XX, a história de Vitória da Conquista foi marcada por disputas de poder que revelam não apenas a evolução política e social da cidade, mas também a complexa teia de interesses que moldaram seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D' Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 10. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BAHIA. [Constituição (1989)]. **Constituição do Estado da Bahia**. Ed. comemorativa de 30 anos atual. até a Emenda Constitucional no 26, de 31 de janeiro de 2020. [Salvador]: ALBA, 2020. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70433>. Acesso em: 23/05/2024.
- BRASIL. **Lei no 6.454, de 24 de outubro de 1977**. Dispõe sobre a denominação de logradouros, obras, serviços e monumentos públicos, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2013b]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6454.htm. Acesso em: 23/05/2024.
- BITTAR, M. **Escola confessional**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.
- BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.
- Colégio Monte Tabor. **Projeto Político Pedagógico**. 2023.
- DIAS, Reginaldo Benedito. **A História além das placas: os nomes de ruas de Maringá-PR e a Memória Histórica**. Hist. Ensino, Londrina, v. 6, p. 103-120, out. 2000.
- DIAS, Reginaldo Benedito. **Sentidos políticos da toponímia urbana: ruas com nomes de mortos e desaparecidos políticos da ditadura militar brasileira**. Patrimônio e Memória. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 155-181, janeiro-junho, 2012.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DI TIZIO, Iberê Luiz. **Santo André a causa toponímica do nome dos seus bairros**. Tese (Doutorado Semiótica e Linguística Geral) Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- DOM BOSCO. **O Sistema Preventivo na educação da juventude**, 1877. APUD NANNI, Carlo. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco, hoje**, p. 24.
- FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno. **Toponímia e Memória: nomes e lembranças na cidade**. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, dez. 2014.
- FONSECA, Selva G. SILVA, Marco A. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, n° 60, 2010, p. 13-33.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERIR, Salvador, v. 9, n. 31, p.2, mai./jun. 2003.
- GIL, Carmem Zeli de Vargas. **Des(locar) aulas de história e mirar o patrimônio da cidade. Cadernos do Patrimônio**. Fortaleza: Secultfor; Iphan, 2019.
- GIL, Carmem Zeli de Vargas. **Ensinar, aprender e formar-se professora de História em diálogo com patrimônio cultural**. Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS, 2020.

- GIL, Carmem Zeli de Vargas. **Investigações em educação patrimonial e ensino de história.** (2015-2017). CLIO - Revista de Pesquisa Histórica (online), Recife, v. 38, p. 107-127, jan./jun., 2020.
- Guia prático da BNCC. Revista Construir Notícias, Recife-PE, ano 15, nº 86, 2017.
- HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 13.
- IVO, Isnara Pereira. **Poder Local e Eleições na Imperial Vila da Vitória durante o século XIX.** In: Politéia: História e Sociedade/Revista do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – v. 1 n. 1 (2001). Vitória da Conquista – Bahia: Edições UESB, 2001.
- KELLER, Tatiana; LEÃO, Rosaura Maria Albuquerque. **Toponímia, história e memória: nomes das ruas do bairro Centro da cidade de Santa Maria/RS.** Entrepalavras, Fortaleza, v. 10, n. 3, e1906, p. 1-24, set.- dez./2020. DOI: 10.22168/2237-6321- 31906.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990.
- LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** Tradução de Lúcia Haddad. In: Projeto história: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1998.
- MARQUES, K. B.; MARTINELLI, L. M. B. **Pedagogia de projetos: uma proposta facilitadora na busca por uma aprendizagem significativa.** EDUCERE - Revista da Educação, Umuarama, v. 20, n. 1, p. 91-114, jan./jun. 2020.
- MIOTTO, Franciele Siqueira. **Os caminhos da fé em Jesuítas: identidade e memórias de ontem e de hoje.** / Dissertação (mestrado) – UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), 2018.
- MOURA, Gabriela Rocha. **Escola Confessional: Fundamento Jurídico, Natureza e Limitações.** / Monografia apresentada ao Curso de Direito da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do título de bacharel em Direito. Recife, 2020.
- MOTA, Daniel Santos. **História, memória e ideologia: uma análise das narrativas memorialísticas da Conquista do Sertão da Ressaca** / Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2019.
- NADALINE, Mariete; FINAL, Rossana Aparecida. **O lúdico como facilitador nas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.** Cadernos PDE: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE artigos. Paraná, 2013.
- OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de, FREITAS, Itamar. PROFHISTÓRIA [livro eletrônico]: **o dito e o feito.** Ananindeua: Cabana, 2022.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n.º 10, 1992, p.200-212. Disponível em: [http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e %20identidadesocial20A%20capraro%202.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial20A%20capraro%202.pdf). Acesso em 13/11/2023.
- Portal MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php>. Acesso em 01/12/2023.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: REVEL, Jacques (org.). Jogos de escala: a experiência da microanálise. Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RAMOS, Márcia Elisa Teté. **Apropriações de alunos do ensino médio quanto à história da cidade de Londrina-PR.** Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 60 - 95. set./dez. 2016.
- ROMANO, Rogério Tadeu. **Algumas breves considerações sobre conceitos do direito urbanístico.** Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/algumas->

breves-consideracoes-sobre-conceitos-do-direito-urbanistico/1220265620. Acesso em 02/07/2024.

ROSA, Luciana Bispo da. **Entre o arcanjo e as matas:** os caminhos de São Miguel das Matas como ferramenta para o ensino de história. / Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2022.

SÉRVULO, Sued Salata. **Preenchendo os espaços vazios das abordagens didáticas:** A desconstrução da tese do vazio demográfico na história de Colorado/PR. 2020. 110 f. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula.** In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. 12. Ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

SCIFONI, Simone. **Para repensar a Educação Patrimonial.** In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial. Fortaleza: Secultfor; Iphan, 2015. p. 195-206.

SCIFONI, Simone. **Conhecer para preservar:** uma ideia fora do tempo. Revista CPC, São Paulo, n. 27 especial, p.14-31, jan./jul. 2019.

SOUZA, Ângela Maria de Jesus. **A (in)visibilidade de negros e indígenas no Memorial casa Governador Régis Pacheco:** uma proposta decolonial para o ensino de história. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2022.

SOUZA, B. J. **Arreios, currais e porteiras** – uma leitura da vida política em Conquista na Primeira República. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOUZA, Belarmino de Jesus. **Uma cidade do sertão em meio à ditadura e à redemocratização:** poder e sociedade – Vitória da Conquista (1962 – 1992) - Vitória da Conquista: Edições UESB, 2020

SOUZA, Belarmino de Jesus. **Mandonismo e Poder Local no Sertão da Ressaca.** Pol. Hist. Soc., Vitória da Conquista, v. 20, n. 2, p. 74-94, jul.-dez. 2021.

SOUZA, M. A. S. **A conquista do Sertão da Ressaca:** povoamento e posse da terra no interior da Bahia. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. **Representações de gênero no espaço urbano:** nomeações de ruas em Londrina – PR (1981–2008) / Bruno Sanches Mariante da Silva. – Assis, 2013.

SILVA, Francivaldo Pereira da. **Um campo (Maior) de possibilidades:** Por outras narrativas no Ensino de História Local em Campo Maior-PI. Universidade Regional do Cariri – URCA. Centro de Humanidades. Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA. Crato, 2021.

SCIFONI, Simone Para repensar a Educação Patrimonial p. 195-206. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial. Fortaleza: Secultfor; Iphan, 2015.

TANAJURA, Mozart. **História de Conquista:** crônica de uma cidade. Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, 1992.

Texto base: BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, MEC/Brasil, 2018.

TORRES, Tatiana Carrilho Pastorini, SCHIAVON, Carmem Gessilda Burgert. **Educação Patrimonial e o Ensino de História das Cidades.** Revista Memorare. Tubarão-SC, v. 2, n. 2, p. 52-71, jan./abr. 2015.

VIANA, A. L. **Revista Histórica de Conquista**. Vitória da Conquista: Gráfica de “O Jornal de Conquista”, 1982. 2 v

VIEIRA, Zara Peixoto. **O reflexo da memória social na toponímia**: o espontâneo e o popular. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2_13.htm. Acesso em 01/12/2023.

ANEXO I – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Instituto de Educação
MEDIANEIRAS DA PAZ - IEMPAZ

**COLÉGIO MONTE TABOR**

AV. Farroupilha, 565 - Patagônia –
Vitória da Conquista – BA
Processo de funcionamento nº 0017860 - 4/2019
Portaria nº 26 de junho de 2019 -NTE/20
020/2019 – 20
Diário Oficial 06 de julho de 2019

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, **Iracema Souza dos Santos**, diretora desta instituição de Ensino, na cidade de Vitória da Conquista – Bahia, AUTORIZO o uso das imagens dos alunos dos Anos Finais, realizada pela professora Gildete Andrade da S. Sousa novais em fotos, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho(s) de pesquisa do seu Mestrado.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem dos alunos ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Vitória da Conquista, Bahia – 05 de setembro de 2024.


Iracema Souza dos Santos
DIRETORA
AUT. 636.2022.20

Iracema Souza dos Santos
Diretora

Fones: (77) 3423-3280/ 99169-0249
montetabor25@gmail.com

APÊNDICE

Sequência Didática

GILDETE ANDRADE NOVAIS

AS RUAS DA MINHA CIDADE CONTAM HISTÓRIA



REGISTRO DE ATIVIDADES

AS RUAS DA MINHA CIDADE CONTAM HISTÓRIA

AUTORA: GILDETE ANDRADE NOVAIS
ORIENTADORA: CLEIDE DE LIMA CHAVES



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Apresentação

Caros colegas,

“Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca...”

Eric Hobsbawm

O Mestrado Profissional em Ensino de História pressupõe e incentiva que o professor-pesquisador volte um olhar atento para a realidade de sua comunidade escolar e produza sua pesquisa a partir do cotidiano em seu espaço de atuação. O objetivo do Programa é proporcionar formação continuada que contribua para a melhoria da qualidade do exercício da docência em História na Educação Básica.

Para alcançar esse objetivo, é necessário não apenas realizar pesquisa e desenvolver um trabalho dissertativo com base nela, mas também criar um produto educacional, que incorpore estratégias educacionais que favoreçam a prática pedagógica.

As atividades propostas, neste trabalho, foram desenvolvidas em turmas do 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental. Considerando os objetivos da pesquisa e as características das turmas com as quais trabalhamos, foi elaborado um projeto de intervenção escolar que fosse desenvolvido junto aos estudantes, com a maior participação possível por parte dos mesmos. Pois o produto educacional produzido deve demonstrar “que houve uma incorporação dos estudos realizados às suas reflexões, pois se essa dimensão se completa com as outras que prevê a criticidade sobre o conteúdo e práticas e a proposição, não deve ser, apenas, uma reescrita dos textos acadêmicos, mas efetivamente, um diálogo com os saberes que a experiência do docente faz emergir com um tempo para se debruçar sobre o vivido, a autorreflexão como princípio educativo” (Oliveira e Freitas, 2022, p. 52)

O presente trabalho visa contribuir com os estudos sobre o ensino da história do município de Vitória da Conquista, a partir do levantamento toponímico das ruas da cidade, analisar a motivação para nomeação de tais lugares e estabelecer a relação dos mesmos com a memória local e o ensino de História. As ruas servem de suporte para perpetuação de determinados acontecimentos ou, como é mais comum, para marcar o nome de grandes personalidades.

Consideramos fundamental que os alunos, desde cedo, conheçam a história da cidade em que vivem, sendo papel da escola problematizar o patrimônio histórico e cultural presentes em cada localidade. Temos clareza de que sensibilizar os alunos para a importância de se conhecer a história de sua cidade não se configura como uma tarefa simples, porém, à medida que estabelecemos relações entre a história

dos próprios alunos e sua cidade, o tema torna-se contextualizado, favorecendo o interesse e o envolvimento com o assunto. Assim, esse projeto tem o propósito de apresentar aos alunos, a partir do levantamento toponímico das ruas e praças do Bairro Centro e das ruas do entorno do Colégio Monte Tabor, instituição na qual leciono e o presente projeto foi desenvolvido, a motivação para nomeação de tais lugares e estabelecer a relação dos mesmos com a memória local e a função do trabalho legislativo nesse processo. As ruas, mais do que vias públicas ou locais de passagem que abrigam casas e comércios, podem ser consideradas espaços de memória permeados de significados simbólicos. A cidade e suas ruas, de acordo com Faggion e Misturini, estão impregnadas de memória. A memória oficial marca no nome da rua, bem como nas relações de poder, pois uma determinada classe social escolhe, seleciona e nomeia ruas e outros logradouros numa demonstração do que é considerado relevante para uma determinada comunidade, e define uma memória coletiva que, mesmo quando ofuscada pelo tempo, deixa entrever o desejo de pertencimento de uma determinada classe. Através do estudo da história local o aluno pode desenvolver mais habilidades como: analisar, compreender, comparar, dentre outras habilidades extremamente importantes no estudo da História. Além de compreender conceitos como cultura, ideologia, identidade, estruturas sociais e relações de poder da história local.

Como é conhecido pelos professores de história dos Anos Finais do Ensino Fundamental, de acordo com a BNCC, a história dos municípios é introduzida apenas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nas etapas seguintes da Educação Básica, esse assunto não aparece. Por isso, é importante que os professores incorporem essa temática em seus planos de ensino, buscando aproximar os alunos do estudo da História e promovendo uma compreensão mais ampla e significativa do desenvolvimento das comunidades locais. A BNCC é uma referência obrigatória, mas não é o currículo. A Base estabelece os objetivos que se espera alcançar e o currículo define como alcançar os objetivos. Nós, enquanto educadores de História, temos que nos apropriar dessa janela existente e transgredir na elaboração do nosso planejamento e levar para sala de aula conteúdos e metodologias que de alguma forma vão impactar no processo de construção de pessoas críticas e participativas.

Gildete Andrade dos Santos Souza Novais

Identificação e Objetivos

Projeto Didático:

As ruas da minha cidade contam História

1. Identificação:

- Componente Curricular: História
- Público alvo: Estudantes dos Anos Finais do Fundamental II (6º ao 9º ano)

2. Objetivos:

➤ Objetivo Geral:

- Conhecer a história local através do levantamento toponímico do município e como a seleção dos homenageados para dar nome às ruas, praças e demais espaços públicos podem revelar a memória preservada e se ela estabelece relação com a memória coletiva. Bem como entender como funciona o trabalho legislativo a função do mesmo para a sociedade.

➤ Objetivos Específicos:

- Discutir os conceitos de Memória, Identidade e Toponímia;
- Refletir a cidade como espaço de aprendizagem;
- Realizar um levantamento dos nomes de ruas e praças, do Bairro Centro e do entorno do Colégio Monte Tabor, identificando os homenageados e a motivação para tal homenagem;
- Analisar os registros históricos e documentais relacionados aos homenageados, buscando compreender o contexto e a importância de suas ações ou legados para a comunidade local;
- Realizar entrevistas ou pesquisas qualitativas com membros da comunidade para identificar percepções e narrativas sobre os homenageados e sua relevância para a identidade local;
- Entender como funciona o trabalho legislativo;
- Produzir um portfólio que sintetize os resultados das atividades desenvolvidas ao longo do projeto.

Cronograma

Cronograma de Atividades		
1ª Etapa do Projeto – Aula de Campo		
Visita à Câmara de Vereadores		
Mês/ano	Série	Atividades Desenvolvidas
Nov/2023	6º ao 9º ano	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação do projeto;• Sondagem de conhecimentos sobre o município de Vitória da Conquista e o bairro Patagônia;• Dialogando conceitos de Cultura e Patrimônio
Fev/2024	6º ao 8º ano	<ul style="list-style-type: none">• Discutindo sobre Motivação toponímica, Memória e Identidade;• Levantamento toponímico das ruas do Bairro Centro e do entorno do Colégio Monte Tabor.
Mar/2024	6º ao 8º ano	<ul style="list-style-type: none">• Conhecendo o trabalho legislativo:<ul style="list-style-type: none">▪ Qual a função da Câmara de Vereadores?▪ O que é um Decreto?▪ O que é um Projeto de Lei?• Eleição dos Vereadores
Abr/2024	6º ao 8º ano	<ul style="list-style-type: none">• Conhecendo um Projeto de Lei;• Edição do Decreto;• Inauguração da Biblioteca;• Visita à Câmara de Vereadores – Sessão simulada.
2ª Etapa do Projeto – Pequenos Escritores		
Produção de Livro		
Jul/2024	6º ao 8º ano	Levantamento Toponímico das ruas conquistenses.
Ago/2024	6º ao 8º ano	Construção de tabela com as características dos topônimos.
Set/2024	6º ao 8º ano	Pesquisa biográfica dos homenageados nos topônimos conquistenses.
Out/2024	6º ao 8º ano	Produção do livro sobre a História do município a partir do estudo toponímico.
Nov/2024	6º ao 8º ano	Impressão do livro; Noite de autógrafos.

Cidade, Cultura e Patrimônio

– Módulo 1 –

Cidade, Cultura e Patrimônio

a) Objetivos

- Explorar o conhecimento prévio dos alunos sobre a história de Vitória da Conquista do Bairro Patagônia;
- Refletir sobre a cidade como espaço de aprendizagem;
- Compreender o conceito de Cultura e Patrimônio.

b) Atividades sugeridas

I. Atividade de sondagem

Inicialmente, faça a apresentação do projeto às turmas. Na segunda parte da aula sonde o conhecimento dos alunos acerca da história do município e do bairro no qual está situado o colégio e/ou no qual residem. Segue, abaixo, algumas das perguntas que podem ser feitas durante a discussão coletiva:

- i. Você nasceu nesse bairro? Há quanto tempo você mora nesse bairro?
- ii. Você conhece a história do bairro?
- iii. Você sabe qual o nome da rua onde está sua casa? Sabe qual o motivo dessa nomeação?
- iv. Você sabe qual o nome da rua onde fica o colégio? Sabe qual o motivo dessa nomeação?
- v. Você sabe se essa rua sempre teve esse nome? Sabe se existe algum nome não oficial para ela?

II. Produção de texto

Após a discussão coletiva, incentive a turma a sistematizar o que foi discutido. O aluno deve produzir um texto sobre os seus conhecimentos acerca do município de Vitória da Conquista e do Bairro Patagônia.

III. Discussão coletiva – Conceito de Cultura e Patrimônio

Texto 1 – O que é Cultura?

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

O texto está disponível no link abaixo:

<https://producoeseconhecimentos.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/o-que-e-cultura-jos-e-luiz-dos-santos-pp21-50.pdf>

Texto 2 – O que é Patrimônio Histórico?

LEMOS, Carlos A. C. O que é Patrimônio Histórico. São Paulo: Brasiliense, 2000.

O texto está disponível no link abaixo:

https://www.academia.edu/31896429/LEMOS_A_C_Carlos_O_que_%C3%A9_Patrim%C3%B4nio_Hist%C3%B3rico_1981_Editora_Brasiliense

Toponímia, Memória e Identidade

– Módulo 2 –

Toponímia, Memória e Identidade

a) Objetivos

- Conhecer o trajeto percorrido pelos estudantes cotidianamente no caminho para o colégio;
- Refletir sobre os marcadores de referência nas ruas conquistenses;
- Discutir o conceito de Toponímia e como ele se relaciona com o conceito de Memória e a Identidade;
- Fazer o levantamento das ruas do bairro Centro de Vitória da Conquista e das ruas do entorno do Colégio Monte Tabor, situado no bairro Patagônia.

b) Atividades sugeridas

I. Entrevista com os alunos

Iniciar a aula com uma breve revisão do que foi exposto anteriormente sobre o assunto para assegurar que as dúvidas sobre os conceitos utilizados foram sanadas. Esta é a atividade de introdução dos alunos aos estudos toponímicos. É uma atividade que servirá para provocar reflexões acerca da presença da rua no cotidiano dos estudantes e sua percepção da mesma. As pessoas costumam transitar pela cidade sem nem montar os pontos de referência, as placas, as árvores que encontram pelo caminho. Esta atividade tem como objetivo principal fazer os olhares se voltarem para os caminhos que os estudantes percorrem diariamente.

II. Leitura compartilhada e compreensão do texto

Na aula seguinte projete ou entregue a cada aluno um texto que disserte sobre o tema da aula – os conceitos de Toponímia, Memória e Identidade. Peça aos alunos que leiam o texto sozinhos e depois faça uma leitura compartilhada, leia e comente cada parte afim de sanar as dúvidas dos alunos acerca dos conceitos expostos. Faça perguntas e estimule-os a compartilhar suas respostas à classe.

Vamos conversar?

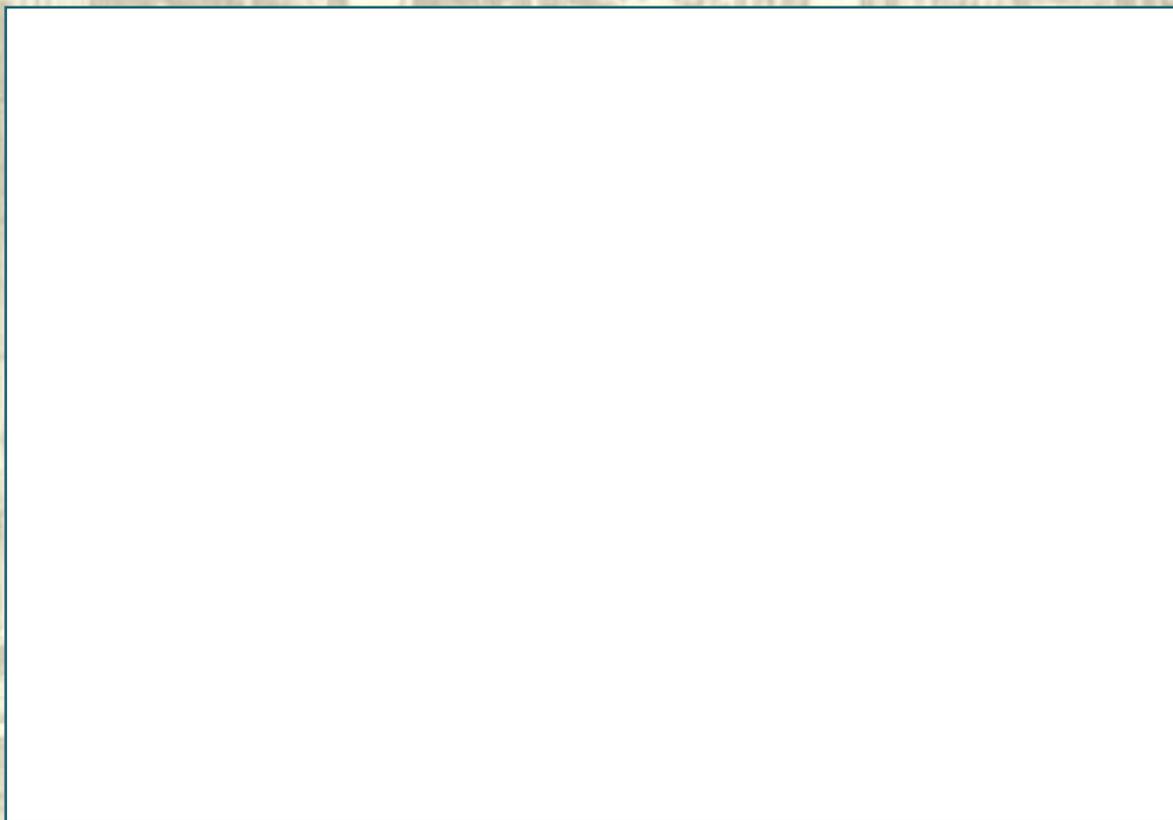
1. Qual o nome da rua na qual você mora?

2. Ela é conhecida por outro nome ou apelido?

3. No trajeto até o colégio, por quais ruas você passa?

4. Escolha um lugar, uma construção, uma árvore ou placa que chame a sua atenção nesse trajeto de casa até a sua escola. Descreva-o.

5. Desenhe abaixo o caminho que você percorre de sua casa até o colégio.



Fonte: Adaptado de Rosa (2022)

III. Discussão coletiva – Conceito de Toponímia, Memória e Identidade

Texto 1 – O que é Toponímia?

A Toponímia é o estudo do topônimo ou nome de lugar, é um dos ramos da Onomástica, campo das ciências lexicais (vocabulário) ocupado do estudo do nome próprio, do qual também faz parte a Antroponímia que é o estudo do nome pessoal. Esses nomes muitas vezes têm significados históricos, culturais, linguísticos ou geográficos associados a eles.

Os toponímicos são parte integrante da identidade de um lugar, refletindo a história, a cultura e a língua da região. Como assinala a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, os “topônimos são também vínculo de ideologias e, como tal, permeiam ou dirigem a memória, as vivências e o imaginário do grupo social que os utiliza”. (Dick, 1990)

O ato de nomear tudo com o qual convive acompanha o ser humano desde os primórdios da humanidade. De acordo com Dick (1990), essa é uma das atividades humanas mais significativas, pois reflete a compreensão do ser humano acerca de sua realidade e como ele utiliza a linguagem para atribuir significados aos lugares que ocupa. Ainda segundo a autora, através do estudo toponímico, é possível identificar fatores culturais de uma região.

Nesse sentido, os topônimos se constituem como testemunhos históricos das comunidades e ganham uma dimensão maior do que apenas designar uma posição geográfica. Como observa Di Tizio (2009), “a nomenclatura de um espaço geográfico conserva aspectos culturais, sociais e indicativos da mentalidade do homem em sua época e tempo”.

Os topônimos conquistenses homenageiam pessoas que, de alguma forma, foram relevantes para a história da localidade, do estado ou país. É importante ressaltar que a escolha dessas personagens e de sua relevância está sob o controle de grupos hegemônicos e políticos locais e, muitas vezes, não encontram correspondência na memória coletiva. De acordo com Dias (2000),

a prática de nomear ruas é a atividade menos inocente do que se costuma supor. Um olhar atento constata que esse processo é caracterizado pelo esforço de perenização da memória de personagens e fatos da história nacional ou local. Trata-se de recorrente forma de reprodução e perpetuação da chamada história oficial (Dias, 2000, p. 103).

A memória oficial marca no nome da rua, bem como as relações de poder, pois uma determinada classe social escolhe, seleciona e nomeia ruas e outros logradouros numa demonstração do que é considerado relevante para uma determinada comunidade, e define uma memória coletiva que, mesmo

Texto 2 – Memória e Identidade

O Que é Memória?

Trecho do livro Aprendendo com o menino Guilherme Augusto

O que é uma memória? – perguntou Guilherme Augusto. Ele vivia fazendo perguntas.

- É algo de que você se lembre – respondeu o pai.

Mas Guilherme Augusto queria saber mais; então ele procurou a senhora Silvano, que tocava piano.

- O que é memória? – perguntou.

- Algo quente, meu filho, algo quente. Ele procurou o senhor Cervantes, que lhe contava histórias arrepiantes.

- O que é uma memória? – perguntou.

- Algo bem antigo, meu caro, algo bem antigo. Ele procurou o senhor Valdemar, que adorava remar.

- O que é uma memória? – perguntou.

- Algo que o faz chorar, meu menino, algo que o faz chorar. Ele procurou a senhora Mandala, que andava com uma bengala.

- O que é uma memória? – perguntou.

- Algo que o faz rir, meu querido, algo que o faz rir. Ele procurou o senhor Possante, que tinha uma voz de gigante.

- O que é uma memória? – perguntou.

- Algo que vale ouro, meu jovem, algo que vale ouro.

Trecho do livro: Aprendendo com o menino Guilherme Augusto

Refleta:

- **Como funciona a memória?**
- **Para que serve?**
- **Onde está guardada?**
- **Quem define será guardado, ou seja, lembrado?**

A memória pressupõe registro, ainda que tal registro seja realizado em nosso próprio corpo. Ela é, por excelência, seletiva. Reúne as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar.

A memória pode estar presente de várias formas: em objetos, músicas, palavras. E ela não é estática. A memória é essencial a um grupo porque está atrelado à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuação e de experiência, isto é, de identidade.

Alberti, 2005

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Pollak, 1992

Cada pessoa está mergulhada ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos e para evocar seu passado tem necessidade de apelar às lembranças dos outros membros destes vários grupos. É a memória comum que demarca e mantém a identidade do grupo.

A memória está diretamente ligada à nossa identidade, pois nossas experiências passadas moldam quem somos no presente. Sem dúvida, a memória e a identidade desempenham um papel fundamental no ensino de história. Ao compreender as diferentes memórias e identidades de grupos sociais, é possível promover uma educação histórica mais inclusiva e diversificada.

Halbwachs, 1992

Memória e identidade são intrinsecamente interligadas, pois a forma como lembramos do nosso passado molda e influencia a nossa percepção de quem somos. A memória não apenas preserva eventos e experiências vividas, mas também as interpreta e dá significado a elas. Essa interpretação do passado influencia diretamente na construção da nossa identidade individual e coletiva. Nossa memória pessoal, composta por lembranças de experiências pessoais e familiares, contribui para a formação da nossa identidade individual. As memórias de momentos significativos, traumas, sucessos e fracassos moldam a maneira como nos vemos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Além disso, as memórias compartilhadas em família ajudam a construir uma narrativa de quem somos e de onde viemos.

Por outro lado, a memória coletiva, que abrange as lembranças compartilhadas por um grupo ou comunidade, desempenha um papel crucial na construção da identidade cultural e social. Eventos históricos, tradições, mitos e símbolos são transmitidos de geração em geração através da memória coletiva, ajudando a definir a identidade de um povo ou de uma nação. Assim, a memória e a identidade estão entrelaçadas em um processo contínuo de construção e reconstrução. Nossas memórias influenciam como nos percebemos e como nos relacionamos com os outros, enquanto nossa identidade molda a maneira como lembramos e interpretamos o passado. Nesse sentido, explorar a relação entre memória e identidade é essencial para compreendermos melhor quem somos e como nos tornamos quem somos.

Refleta:

- Como o texto descreve a interligação entre memória e identidade?
- De que forma a interpretação do passado influencia na construção da identidade, conforme explicado no texto?
- Como as memórias compartilhadas em família influenciam na construção da identidade individual, conforme mencionado no texto?
- O que é memória coletiva e qual é o seu papel na construção da identidade cultural e social, de acordo com o texto?
- Quais são os exemplos de elementos transmitidos pela memória coletiva que ajudam a definir a identidade de um grupo ou comunidade?
- Como a identidade molda a maneira como lembramos e interpretamos o passado, como descrito no texto?

– Módulo 3 –

Câmara de Vereadores, qual a sua função?

b) Objetivos

- Compreender o papel e a função do Poder Legislativo em um sistema de governo democrático.
- Identificar os principais órgãos e instituições que compõem o Poder Legislativo em nível nacional e local.
- Explorar o processo legislativo, desde a elaboração de leis até sua aprovação e implementação.
- Investigar as responsabilidades e deveres dos legisladores, incluindo representar os interesses dos cidadãos e fiscalizar o poder executivo.
- Promover habilidades de debate e argumentação ao discutir diferentes perspectivas sobre questões legislativas.
- Estimular o engajamento dos alunos na política e na tomada de decisões, incentivando-os a entender e participar do processo democrático.

b) Atividades sugeridas

I. Atividade de pesquisa

A Câmara de Vereadores desempenha um papel importante no sistema político de uma cidade, representando os interesses dos cidadãos e legislando sobre questões locais. No entanto, poucos são os cidadãos que conhecem a sua função ou participa do cotidiano dos trabalhos desse órgão. Neste trabalho de pesquisa, exploraremos a estrutura, as funções e a importância da Câmara de Vereadores para a democracia local.

II. Sistematizando o aprendizado

Responda ao questionário abaixo, a partir da pesquisa feita sobre a Câmara de Vereadores e o Trabalho Legislativo.

Vamos conversar?

1. Qual a importância da Câmara nas decisões sobre a administração da cidade?

2. Quantos são os vereadores que compõe a Câmara Municipal de Vitória da Conquista?

3. O que é exigido para se candidatar a vereador?

4. A Câmara Municipal subordina-se política e administrativamente ao Prefeito Municipal?

5. Que fazem o Plenário da Câmara, a Mesa da Câmara e o Presidente da Câmara?

6. Todas as Leis são de iniciativa da Câmara?

7. Quais as atividades dos Vereadores?

8. O que é um Projeto de Lei?

9. O que é um Decreto?

III. Discussão coletiva – Conhecendo um Projeto de Lei e um Decreto

O projeto de lei e o decreto são instrumentos jurídicos com funções e características diferentes:

➤ **Projeto de Lei:**

- O projeto de lei é uma proposta legislativa apresentada por um membro do Poder Legislativo (como um deputado ou vereador) ou pelo chefe do Poder Executivo (como o presidente ou governador) para criar, modificar ou revogar uma lei.
- Ele passa por diversas etapas até se tornar lei, incluindo a apresentação, discussão, votação e, caso aprovado, a sanção pelo chefe do Poder Executivo ou a promulgação pelo presidente.
- Geralmente, os projetos de lei tratam de assuntos de interesse geral ou específico da sociedade, como direitos civis, questões tributárias, educação, saúde, entre outros.

➤ **Decreto:**

- O decreto é um ato administrativo emitido pelo chefe do Poder Executivo (presidente, governador ou prefeito) para regulamentar e executar leis já existentes ou para disciplinar matérias de competência exclusiva do Executivo.
- Ele não pode criar novas leis, apenas detalhar como as leis existentes devem ser aplicadas e executadas.
- Os decretos podem abordar uma ampla gama de assuntos, como regulamentação de serviços públicos, organização administrativa, nomeações, demissões, concessão de benefícios, entre outros.

Em resumo, enquanto o projeto de lei é uma proposta para criar ou alterar leis e requer o processo legislativo para sua aprovação, o decreto é um ato administrativo emitido pelo chefe do Poder Executivo para regulamentar e executar leis existentes ou disciplinar questões administrativas.

Figura 1 - Decreto, publicado do Diário Oficial do Município.



**DIÁRIO
OFICIAL**
VITÓRIA DA CONQUISTA

Vitória da Conquista - Bahia
Ano 14 — Edição 2.856
quarta, 03 de março de 2021
Página 97 de 104

DECRETO

DECRETO N.º 20.813, DE 03 DE MARÇO DE 2021.

Revoga Decreto.

A PREFEITA EM EXERCÍCIO DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições que lhe confere o art. 75, inciso XI, da Lei Orgânica do Município,

DECRETA:

Art. 1º Fica revogado o Decreto 20.811 de 02 de março de 2021, publicado no Diário Oficial do Município, eletrônico, Edição 2.855, ano 14, páginas 10-11, do dia 02 de março de 2021;

Art. 2º Esse Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas todas as disposições em contrário.

Vitória da Conquista – Bahia, 03 de março de 2021

Ana Sheila Andrade Lemos
Prefeita em Exercício

DECRETO N.º 20.814, DE 03 DE MARÇO DE 2021.

Designa Conselheiros Do Conselho Municipal De Assistência Social - CMAS e dá outras providências.

A PREFEITA EM EXERCÍCIO DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Estado da Bahia, no uso das atribuições legais que lhe confere o artigo 75, inciso III e XI da Lei Orgânica do Município e a Lei Municipal nº799/95 e suas alterações posteriores em especial a Lei Municipal nº 1.707 de 19 de agosto de 2010.

DECRETA:

Art. 1º Ficam nomeados para compor o Conselho Municipal de Assistência Social – CMAS, os seguintes conselheiros, para o cumprimento do mandato do biênio 2021/2022:

REPRESENTANTES DE ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS

dom.pmvc.ba.gov.br

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que institui a infra-estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP Brasil

Figura 2 – Projeto de Lei sobre nomeação de rua



Câmara Municipal
Vitória da Conquista
Unidade e Compromisso

(77) 3086-9600
Rua Coronel Gugé - 150,
Bairro Centro, CEP 45000-510
Vitória da Conquista - BA

Secretaria Geral

PROJETO DE LEI

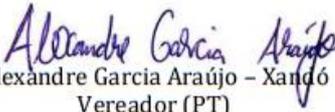
Dispõe sobre a nomeação de Rua Dandara para o logradouro principal do Assentamento Dandara, localizado ao fundo do Museu de Kard (saída para Anagé), e dá outras providências.

A CÂMARA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Estado da Bahia, aprova a seguinte Lei:

Art. 1º Fica denominada de Rua Dandara o principal logradouro do Assentamento Dandara, localizado à direita da BA-262 (a três quilômetros do Anel Viário, sentido Anagé), precisamente ao fundo do Museu de Kard, conforme mapa de localização em anexo.

Art. 2º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Plenário Vereadora Carmem Lúcia, 09 de Março de 2022.


Alexandre Garcia Araújo – Xandó
Vereador (PT)

www.camaravc.com.br
f @ @camaravc
▶ Câmara de Vitória da Conquista

Figura 3 – Projeto de Lei - Justificativa



Câmara Municipal
Vitória da Conquista
Unidade e Compromisso

(77) 3086-9600
Rua Coronel Gugé - 150,
Bairro Centro, CEP 45000-510
Vitória da Conquista - BA

Secretaria Geral

JUSTIFICATIVA

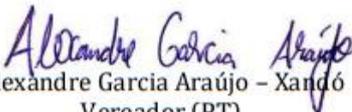
Regularizado em 2014/15, o Assentamento Dandara está localizado à margem direita da BA-262 (aproximadamente a três quilômetros do anel viário, com sentido ao município de Anagé), perpendicularmente ao fundo do Museu de Kard, bairro Zabelê.

O nome desta localidade homenageia Dandara dos Palmares, negra escravizada no Brasil que lutou pelo fim da escravidão, principalmente através do Quilombo dos Palmares, onde viveu praticamente toda a vida e ajudou a coordenar juntamente com seu companheiro, Zumbi.

Dessa forma, denominar logradouro principal desta região com o mesmo nome do Acampamento que motivou o seu povoamento é necessário, para a identificação do local e, sobretudo, justo com a memória coletiva de seus moradores.

Certo de contar com a compreensão e posicionamento favorável dos nobres edis.

Plenário Vereadora Carmem Lúcia, 09 de Março de 2022.


Alexandre Garcia Araújo - Xandó
Vereador (PT)

Agora, é sua vez...

Agora que já conhecemos o processo de elaboração de um Projeto de Lei, chegou o momento de colocar em prática o que você aprendeu.

Junto à sua equipe escolha um(a) personagem que deseja homenagear na nomeação do Módulo II do nosso colégio. Feita a escolha, construam, coletivamente, um texto justificando tal escolha. Lembrem-se de usar argumentos históricos e sociais, pesquise sobre o (a) homenageado(a), defenda sua escolha.

O seu Projeto de Lei será lido na Câmara de Vereadores, em uma sessão simulada.

Boa produção!

Projeto de Lei Municipal

Rua:

Nome:

Artigos

Fonte: adaptado de Rosa (2022)

Projeto de Lei Municipal

Justificativa

Fonte: Adaptado Rosa (2022)

Rua, local de passagem e histórias

– Módulo 4 –

As ruas da minha cidade contam História

a) Objetivos

- Reconhecer as mudanças e permanências nos caminhos da cidade;
- Utilizar as imagens como fontes históricas a fim de problematizar as invisibilidades produzidas no cotidiano da vida cidadina;
- Problematizar a motivação toponímica na escolha dos nomes das ruas o bairro Centro e do entorno do nosso colégio.

b) Atividades sugeridas

I. Levantamento toponímico

Nessa etapa do projeto, de posse da lista atualizada dos logradouros do município de Vitória da Conquista e com o apoio do aplicativo *Google maps*, os alunos deveram o levantamento toponímico das ruas do Bairro Centro e das ruas do entorno do colégio Monte Tabor.

As turmas devem ser divididas em grupos, cada grupo ficará responsável por construir tabelas com os nomes das ruas, classificando-as de acordo com as tabelas de características taxionomias de natureza física e taxionomias de natureza antropocultural, conforme o exemplo das tabelas na página seguinte.

II. Explorando a cidade por meio de imagens

Nesta atividade serão apresentadas imagens algumas ruas conquistenses, em diferentes períodos da história, localizadas no Bairro Centro e no Bairro Patagônia. Nessas apresentações podem ser levantados questionamentos sobre a escolha dos nomes dessas ruas:

- Qual a motivação toponímica?
- Qual a relevâncias desses personagens para a cidade?
- O que fizeram para receber tais homenagens?

Fonte: Adaptado de Rosa (2022)

Tabela 1 – Classificação dos topônimos de natureza física

Taxionomia	Definição	Exemplos
Astronomia	Topônimo referente aos nomes dos corpos celestes.	
Cardinotopônimo	Topônimo referente às posições geográficas em geral.	
Cromotopônimo	Topônimo referente às cores.	
Dimensiotopônimo	Topônimo referente às características do acidente.	
Fitotopônimo	Topônimo referente aos nomes de vegetais	
Geomorfotopônimo	Topônimo referente às formas topográficas e às formações litorâneas.	
Hidrotopônimo	Topônimo referente aos acidentes hidrográficos.	
Litotopônimo	Topônimo de índole mineral, relativo à constituição do solo.	
Meteorotopônimo	Topônimo referente aos fenômenos atmosféricos.	
Morfotopônimo	Topônimo referente aos sentidos e formas geométricas.	
Zootopônimo	Topônimo de índole animal.	

Fonte: adaptado Keller, Leão (2020)

Tabela 2 – classificação dos topônimos de natureza antropocultural

Taxionomia	Definição	Exemplos
Animotopônimo	Topônimo referente à vida psíquica e à cultura espiritual.	
Antropotopônimo	Topônimo referente aos nomes próprios e individuais.	
Axiotopônimo	Topônimo referente aos títulos e dignidades.	
Corotopônimo	Topônimo referente aos nomes de cidades, países, regiões ou continentes.	
Cronotopônimo	Topônimo referente às indicações cronológicas.	
Dirrematopônimo	Topônimo constituído de frases ou enunciados linguísticos.	
Ecotopônimo	Topônimo referente às habitações de modo geral.	
Ergotopônimo	Topônimo referente aos elementos da cultura.	
Etnotopônimo	Topônimo referente aos elementos étnicos.	
Hagiotopônimo	Topônimo referente aos santos e santas do hagiológico romano.	
Hierotopônimo	Topônimo referente aos nomes sagrados.	
Historiotopônimo	Topônimo referente aos movimentos histórico-sociais e aos seus membros.	
Hodotopônimo	Topônimo referente às vias de comunicação rural ou urbana.	
Mitotopônimo	Topônimo referente às entidades mitológicas.	
Numerotopônimo	Topônimo referente aos adjetivos numerais.	
Poliotopônimo	Topônimo constituído pelos vocábulos aldeia, vila, povoação, arraial.	
Sociotopônimo	Topônimo referente às atividades profissionais ou a pontos de encontros.	
Somatopônimo	Topônimo referente às relações metafóricas das partes do corpo humano ou animal.	

Fonte: adaptado Keller, Leão (2020)

Observe as imagens abaixo



Refleta:

- Você reconhece os lugares das fotografias?
- Essas imagens são da mesma época? O que te levou a essa conclusão?
- Essas imagens são de uma única rua de Vitória da Conquista? Você saberia dizer quais são essas ruas?

Proposta Mediadora de Aprendizagem elaborada e diagramada por
Gildete Andrade dos Santos Souza Novais.

